

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

VASTI DA SILVA ARAÚJO

NOTAÇÃO DE UM TURISTA APRENDIZ

Belém – PA
2008

VASTI DA SILVA ARAÚJO

NOTAÇÃO DE UM TURISTA APRENDIZ

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários, sob orientação do Prof. Dr. Joel Cardoso.

Belém – PA
2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Araújo, Vasti da Silva

Notação de um turista aprendiz / Vasti da Silva Araújo;
orientador, Joel Cardoso.---- 2007.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto
de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém,
2008.

1. Andrade, Mario de, 1893-1945-Diários. 2. Brasil-descrições e
viagens. 3. Modernismo (literatura). I. Título.

CDD-20.ed.918.1

VASTI DA SILVA ARAÚJO

NOTAÇÃO DE UM TURISTA APRENDIZ

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários, sob orientação do Prof. Dr. Joel Cardoso.

Data de aprovação: __/__/____

Banca examinadora:

_____ - Orientador

Prof. Dr. Joel Cardoso (Orientador)

Dr. em
Universidade

_____ - Examinador(a)

_____ - Examinador(a)

À memória de Ruy Guilherme Paranatinga Barata

À memória de meu pai, Manoel de França Araújo.

À minha mãe, Osmarina da Silva Araújo, exemplo de dignidade, coragem e perseverança.

Ao meu irmão, Vanôr da Silva Araújo, pela ajuda sempre constante.

AGRADECIMENTOS

Especial agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Joel Cardoso, pela paciência e dedicação.

Meu reconhecimento aos professores do Curso de Mestrado da Universidade Federal do Pará: Profs. Drs. Christophe Golder, Gunter Karl Pressler, José Guilherme Castro, Maria do Socorro Simões, Marly Furtado, Stven Uhly e Silvio Holanda.

Aos Profs. Drs. Antonio Dimas e Marcos Antonio de Moraes, que me abriram as portas do Instituto Estudos Brasileiros -IEB.

À família de Ruy Guilherme Paranatinga Barata, em especial Norma Barata e Ruy Antonio Barata, minha eterna gratidão.

Aos amigos que, com carinho e palavras de incentivo, sempre estiveram presentes nesta empreitada: Álvaro Rollo, Célia Virgolino, Ednalvo Campos, Edson de Souza, Fabio Castro, Fernando Trindade, Glória Rocha, João Marcelo, José de Oliveira Fares, Josebel Akel Fares, Lindomar Teodora, Maria da Conceição Golobovante, Maria de Lourdes Lisboa (Bereca), Marcelo Baptista Galvão, Maria Leonete Mota Sales, Oneli Rocha, Rosely Risuenho Viana, Silvia Proença.

Aos amigos do BASA, Beth, Clever, Ruma, Fafinha, Eliana e Rosivaldo Maciel.

Aos colegas do Curso de Mestrado: Ana Alice, Ângela Sampaio, Cleide Nascimento, Elielson Figueiredo, Inácio Obadia, Jorge Almir, Marcos Almeida, Maria das Neves, Michelle, Rômulo Santana (*in memoriam*), Rosa Oliveira, Rosanne Castelo Branco, Sonia, Tatiana Landim,

A Advaldo Castro Neto, pelo trabalho e ajuda técnica no áudio da entrevista de Abguar Bastos.

A Dário e Nailson, pela transcrição das fitas da entrevista de Abguar Bastos.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Estado do Pará – Setor de Obras Raras, em especial, Rose.

À turma da UEPA: Cidneia Sobrinho, Elisa Pinheiro, Hilton Bastos, Gilberto Vogado, Marize Duarte, Renilda Bastos, Ruy Guilherme Almeida, Socorro Cardoso, Venize Rodrigues, Wenceslau Otero Alonso Junior.

Ao Sr. Alonso Lopes Correa, a Janete Silva

A Jônatas, pela digitação dos textos iniciais.

À professora Jessiléia Eiró, pela competente revisão.

À Marcela e, de forma mais do que especial, a Thiago Costa, pela digitação e formatação geral.

A José Denis Oliveira, pela pesquisa bibliográfica.

É impossível lembrar de todos, é quase certo que devo estar esquecendo alguém, por isso minhas desculpas antecipadas.

RESUMO

A presente dissertação tem como tema a viagem que Mário de Andrade realizou em 1927 à Amazônia. O enfoque está em suas impressões de viagem. Procuo fazer um acompanhamento cronológico e topográfico, através dos textos constantes em suas anotações presentes no diário de viagem, mais tarde intitulado *O Turista Aprendiz*, nas referências à mesma nas correspondências trocadas com o amigo Manuel Bandeira durante esse período. Além disso, trago à tona o acompanhamento dos eventos que envolveram a comitiva, através de textos dos jornais *FOLHA DO NORTE*, *CORREIO DO PARÁ*, *A CONSTITUIÇÃO*, *DIÁRIO DE BELÉM*, *O IMPARCIAL* E *O DIA*. Estabeleço a ligação entre essa viagem e o período em que estive em Belém com o movimento modernista existente no Pará, procurando contextualizá-lo em relação ao que ocorrera até aquele momento. Estabeleço também um vínculo entre a viagem real empreendida por Mário de Andrade e a Viagem Ficcional, realizada por Abguar Bastos, ao ficcionalizar Mário de Andrade no Romance *Safra*.

Palavras-Chave: Mário de Andrade. Belém do Pará. Modernismo no Pará. Abguar Bastos.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme the trip Mario de Andrade did in 1927 to Amazon. The focus is on his trip impressions. I look for doing a chronological and topographical accompaniment, through the constant texts in his notes present in the trip diary, afterwards, named *O Turista Aprendiz*, in the references to this trip in the letters interchanged with the friend Manuel Bandeira during this period. Besides, I bring the event accompaniment out the open, which involved the entourage, using texts of the newspapers *FOLHA DO NORTE*, *CORREIO DO PARÁ*, *A CONSTITUIÇÃO*, *DIÁRIO DE BELÉM*, *O IMPARCIAL* E *O DIA*. I establish the link between this trip and the period in which he came to Belém and the modernist movement existent in Pará, looking for contextualizing it with what happened until that moment. I also establish a link between the actual trip did by Mário de Andrade and the Fictional Trip, carried out by Abguar Bastos, when he turn Mário de Andrade in fiction in the novel *Safra*.

Key words: Mário de Andrade. Belém of Pará. Modernism in Pará. Abguar Bastos.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2 <i>TURISTAS APRENDIZES NA AMAZÔNIA</i>	15
2.1 OLHARES ESTRANGEIROS: CRÔNICAS, POEMAS, ROMANCES.....	15
2.2 BELÉM EM RECORTES DO RELATO DE MÁRIO DE ANDRADE.....	19
2.3 OUTRAS AMAZÔNIAS NO <i>TURISTA APRENDIZ</i>	51
3 O MODERNISMO NO PARÁ	63
3.1 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO.....	63
3.2 BRUNO DE MENEZES E ABGUAR BASTOS.....	74
3.3 ABGUAR BASTOS E MÁRIO DE ANDRADE.....	77
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS.....	93

LISTA DE FIGURAS

1. O Grande Hotel (NUNES, 2006, p 31)	25
2. A luxuosa sala de projeção original do Olympia	28
3. Mercado de Ver-o-Peso/Belém , 1927	32
4. Grades espirituais – Museu Goeldi – Belém 21 Maio 1927 Menotti Plínio Cassiano e Anta” (Foto e legenda Mário de Andrade) (ANDRADE, 1983, p. 65)	35
5. Mário de Andrade na praia do Chapéu Virado na ilha de Mosqueiro Pará- 1927	37
6. Cópia microfilmada do Folha do Norte de 24 de Maio de 1927 - Nº 11.474	40
7. Igreja da Sé – Belém do Pará – anos 20	43
8. Igreja de Santo Alexandre – Belém do Pará – anos 20	44
9. No furo de Barcarena – Pará – 1927	50
10.Veneza em Santarém/ 1927 “Tobe or not to be Veneza Eis aqui estão ogivas de Santarém” (ANDRADE, 1993, p. 29)	55
11. Curumins de Parintins/Óbidos , 1927	57
12.Grupo dos Novos (O Estado de São Paulo, datado de 13/05/73	65
13. Bruno de Menezes (Arquivo do escritor Abguar Bastos)	71
14. Abguar Bastos (Arquivo do escritor Abguar Bastos)	75
15. Capa do romance Safra, 1.ª edição, José Olímpio, Rio, 1937	78
16. Praia do Madeira/ 8-V-II-27	84
17. Dolur na praia/Madeira/ 8-VII-27/Ritmo	84
18. Amor e Psiquê no Solimões/ Junho- 1927/ Canova	84

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Meus primeiros contatos com a obra de Mário de Andrade remontam a meados dos anos 1980 quando, ainda graduanda do curso de Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA, fiz parte do grupo liderado pelo professor Ruy Guilherme Paranatinga Barata, que dirigia a pesquisa “Para a história da Literatura no Pará”.

A mim coube a tarefa de investigar nos jornais os registros da passagem de Mário de Andrade em Belém, em 1927. Para isso, o trabalho foi centralizado no setor de Obras Raras, sediado na Biblioteca Pública do Pará. Os artigos foram digitocopiados e arquivados cronologicamente em pastas, separadas pelos nomes dos jornais *Folha do Norte*, *Correio do Pará*, *O Dia*, *A Constituição*, *Diário de Belém* e *O Imparcial*. Na época, os jornais não estavam microfilmados e, muitas vezes, tive que descrever fotos, em vez de fotocópiá-las, como hoje é possível.

Fiz uso também do diário escrito por Mário de Andrade durante a viagem à região Norte e Nordeste do Brasil, publicado postumamente com o título *O Turista Aprendiz*. O livro traz anotações de bordo, comentários e impressões de viagens. Centrei meu interesse no modo como Mário de Andrade viu a cidade de Belém do Pará, em 1927, ainda saudosa dos maneirismos de sua *Belle Époque*. Preocupei-me em apresentar, tanto quanto possível, a atmosfera da cidade, as personalidades públicas e políticas citadas no diário e os lugares que mais impressionaram Mário de Andrade.

O centenário de nascimento do escritor, durante a década de 1990, propiciou o surgimento de obras inéditas tanto do autor de *Macunaíma*, como sobre

ele. Em 1994 foi publicado *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*, novela envolvendo os membros da comitiva da viagem empreendida à Amazônia. Outro lançamento importante foi a edição crítica da correspondência ativa e passiva entre Mário de Andrade e o amigo Manoel Bandeira.

Isso facilitou a comparação de dados entre os registros dos jornais, no diário *Turista Aprendiz* e nas cartas a Manuel Bandeira e permitiu o entrecruzamento de informações, cuja organização compõe o primeiro capítulo deste trabalho.

Utilizei-me ainda de uma entrevista¹ do escritor Abguar Bastos, concedida ao grupo de pesquisadores, em 1990, em São Paulo. Um dos líderes do movimento modernista no Pará, Abguar Bastos, fora contemporâneo dos acontecimentos que envolveram a viagem de Mário de Andrade. Os depoimentos foram gravados em microfitas e, posteriormente, transcritos em sua totalidade.

Também consultei a biblioteca de Mário de Andrade, preservada no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, na USP, em busca de encontrar algo que pudesse ligá-lo a história do modernismo no Pará. Nela encontrei dois volumes do romance *Safra*, de Abguar Bastos. Fato nada estranho já que Mário de Andrade tinha o hábito de comprar sempre dois livros: um para consulta e outro para arquivo.

A segunda parte desta dissertação compõe-se de uma breve história do movimento modernista no Pará. Apresenta a figura de Abguar Bastos como uma das lideranças. O romance *Safra*, crônicas e reminiscências constituem os meandros que separam o real e o imaginário, o factual e o ficcional.

¹ Entrevista inédita, constante nos arquivos da autora

Acredito que a importância desta pesquisa não esteja na análise dos textos literários ou num levantamento teórico-conceitual que a embase, mas na relevância que possa ter no sentido da contextualização de fatos, lugares e personagens que têm escapado ao interesse dos pesquisadores envolvidos na historiografia e na fortuna crítica de Mário de Andrade.

2 TURISTAS APRENDIZES NA AMAZÔNIA

2.1 OLHARES ESTRANGEIROS: CRÔNICAS, POEMAS, ROMANCES

A Amazônia tem fascinado ao longo do tempo a uma gama de pessoas que a ela se precipitam na ânsia de decifrá-la em expedições, movidas pela riqueza biológica, mineralógica, botânica e, por que não dizer, humana.

As expedições naturalistas, nos séculos XVIII e XIX, motivadas pela conquista de bens materiais e/ou de conhecimento científico, são exemplo desse fascínio. Entre as mais importantes publicações dos naturalistas que passaram na Amazônia estão *A Viagem pelo Amazonas* – (1735-1745), de Charles La Condamine; *Viagem pelo Brasil* – (1817-1820), de Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Phillipp von Martius (1794-1868); *Viagem pelos rios Amazonas e Negro* (de 1848/52), de Alfred Russel Wallace (1823-1913); *Um naturalista no rio Amazonas* (de 1848/59), de Henry Walter Bates (1825-1892); *Viagem ao Brasil* (de 1865-1866), de Luiz Agassiz (1807-1873) e Elizabeth Cary Agassiz.

Os escritos vão além dos objetivos meramente científicos – pelo menos quanto ao modelo de ciência professado na época, pois descrevem a Amazônia não só nos aspectos físicos mas, também, culturalmente, na arte indígena, nos rituais, nos cânticos, nas danças, na alimentação, no vestuário, na vida cotidiana, enfim. Como se observa, a motivação dos viajantes é variada: o desejo de aventuras, a catequese, a ambição, ou mesmo, o dever do ofício, como ocorreu a Euclides da Cunha, em 1904.

No campo literário, a região amazônica também serviu como pretexto para autores considerados clássicos da literatura universal, como Júlio Verne, no romance *A Jangada* e Sir Arthur Conan Doyle, em *O Paraíso Perdido*.

O primeiro, lançado em 1881, narra a fantástica aventura vivida pela família de Joam Garral, próspero fazendeiro instalado em Iquitos, que constrói uma gigantesca jangada e pretende nela descer de Iquitos até Belém do Pará, para casar Minha, a filha, com um colega de estudos do irmão.

O segundo, uma novela publicada em 1912, conta as aventuras vividas pelo professor Challenger numa espécie de renascimento da pré-história, ambientado em um lugar remoto da Amazônia. Ambos apresentam Belém do Pará como destino final, o caso de *A Jangada*, ou ponto de partida, como em *O paraíso perdido*.

A curiosidade pelo exótico, pelo outro foi também o exercício intelectual que motivou a geração modernista de 1922. Da vivência em Belém, Macapá, Mazagão, Caiena e Bragança, Raul Bopp extraiu farto material que usaria em sua obra-prima, *Cobra Norato*. Os relatos do período em que aqui viveu estão registrados em *Putirum*.

No início de fevereiro, de 1927, Manoel Bandeira veio a Belém com a finalidade de fundar uma agência dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriant. Dessa viagem, resultaram vários poemas, entre eles o famoso *Belém do Pará*, a “cidade das mangueiras”.

Bembelelém

viva Belém!

Nortista gostosa

eu te quero bem

(...)

Cidade pomar

(obrigou a polícia a classificar um tipo novo de delinqüente:

o apedrejador de mangueiras.)

(...)

Me obrigarás a novas saudades

Das velas encarnadas

Verdes

Azuis
Da doca do Ver-o-Peso
Nunca mais
E foi pra me consolar mais tarde
Que inventei esta
Bembelelém
Viva Belém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem."
Ou, ainda, a quadra:
"Atirei um céu aberto
na janela de meu bem
Caí na Lapa, um deserto,
Pará, capital Belém.
(BANDEIRA, 1986, p. 210)

Do registro histórico ao ficcional, da anotação científica ao canto de exaltação do poeta a Belém, "é a imaginação que constrói a verdade possível sobretudo quando os documentos são poucos e lacunares" (PERRONE-MOYSÉS, 1992, p.10). Transformada em lugar de convergência, a região Amazônica abriu-se, de acordo com Medeiros (1994, p. 195), para múltiplas idéias e várias tentativas de convivências, de desfrutes e, acrescento, de influências. É o caso exemplar da relação entre os registros da viagem documentada do antropólogo alemão Theodor Koch-Grünberg, que fez quatro expedições ao Brasil no século XX, e a configuração final de *Macunaíma*, de M. de A.², publicada em 1928.

As anotações da viagem realizada ao Norte do Brasil e Venezuela, entre os anos de 1911 e 1913, do pesquisador germânico, estão no livro *Von Roraima zum Orinoco*. A obra apresenta-se dividida em três tomos. O tomo II, mais precisamente,

apresenta os mitos e lendas recolhidos entre os índios Taulipáng e Arekuná, pertencentes a tribos localizadas no extremo Norte do Brasil.

A introdução refere-se a uma coleção de mitos da natureza e lendas de heróis, contos de fadas, fábulas de animais e contos humorísticos. Algumas lendas de heróis remontam a mitos da natureza que ao longo do tempo foram desaparecendo e apresentavam, àquela altura, uma forma estranha. Por algumas atitudes dos heróis pode-se reconhecer fenômenos naturais, que dão motivo ao mito.

Entre as histórias relatadas pelos Arekuná, surge a de um deus moleque, chamado pelos índios Makunaíma. Conhecido pela esperteza com que enfrentava os obstáculos, esse é apresentado como um jovem, acompanhado pelos irmãos, sem nomeá-los. Mais tarde, surge Makunaíma e seu irmão Ziguê. O herói, então, apresenta-se como o irmão mais novo, porém esperto e detentor de poderes mágicos.

É certo que a obra-prima de Mário de Andrade³ parte, principalmente, do trabalho do etnólogo alemão, no entanto, o romancista, ao molde dos antigos rapsodos, reúne, no romance, conhecimentos acumulados de forma enciclopédica da cultura brasileira: brinquedos populares, causos, costumes brasileiros, além de tudo o que colheu em suas viagens etnográficas, realizadas ao Norte e Nordeste, no ano de 1927.

2.2 BELÉM EM RECORTES DO RELATO DE MÁRIO DE ANDRADE

³ A partir daqui optei por me referir aos dois escritores pelas iniciais, Mário de Andrade como M. de A. e Abguar Bastos como AB.

M. de A. é um autor que dispõe de grupos de pesquisa que se dedicam diariamente a buscar registros, observações, marcações de leitura localizadas na margem de revistas e dos livros do acervo pessoal do escritor. A título de ilustração, a abertura de um arquivo, 50 anos após sua morte, foi um momento esperado com ansiedade pelos críticos e historiadores da literatura brasileira, levando-se em consideração que seria tarefa hercúlea delimitar, por exemplo, os limites entre a vida e a obra do autor de *Macunaíma*, imbricadas como são e no interesse que suscitam a correspondência ativa e passiva, os artigos, as entrevistas, os cartões postais, as fotografias, entre outros registros.

Embora não pretenda realizar aqui um trabalho de crítica genética — que tem como interesse todos os fatores que propiciam o surgimento de uma obra —, não há como negar a pertinência dessa abordagem da crítica literária atual para compreender tudo que possa, de alguma forma, contribuir para a gênese de uma obra: correspondências, diários, fotografias, anotações, rascunhos.

A esse respeito Jean-Yves Tadié, em *A crítica literária do século XX*, questiona: “Não é a genética, tão-somente, uma auxiliar da poética e até mesmo do conjunto da crítica, ou será que existe uma ‘poética específica dos manuscritos?’” (DEBRAY-GENETTE *apud* TADIÉ, 1992). Essa observação abre, sem dúvida, possibilidades importantes no campo da pesquisa literária.

Outro fator considerado por Tadié é a pesquisa de entrevistas concedidas por autores sobre a gênese de suas obras:

As pesquisas junto aos escritores vivos nos oferecem, por outro lado, uma série de conhecimentos a respeito da criação literária (Veja Jean-Louis de

Rambures, *Como trabalham os escritores*, 1978; Raymond Bellour, *O livro dos outros*, 1978, que revezam os antigos *Uma hora com*, de Frédéric Lefèvre). À maneira de Raymond Roussel, certos autores nos explicam como escreveram seus livros (Aragon em *Jamais aprendi a escrever* ou os incipit, Ponge em *A fábrica de Pasto*, Skira) (TADIÉ, 1992, p. 299-300).

Em 1927, M. de A., um dos líderes do movimento modernista no Brasil, planejou e realizou uma viagem à Amazônia. Nessa época, já apresentava uma definição dentro do nacionalismo crítico do modernismo. Julgava necessário conhecer o Brasil, o povo brasileiro. Para isto, elegeu o Norte e o Nordeste como regiões privilegiadas, que deveria visitar para estudos e pesquisa.

Nessa perspectiva, considero que a viagem empreendida por M. de A., apesar de não ter alcançado o merecido interesse por parte da crítica literária, permanece geradora de sentidos inesperados, não redundantes, plenos de entusiasmo e paixões. Como não considerar importante todo movimento da comitiva da qual M. de A. fez parte? Suas entrevistas concedidas aos jornais locais dizem de suas impressões sobre a cidade, a região e constituem farto material de investigação e repercussões na obra que publicou mais tarde. Nesse sentido, é importante não apenas acompanhar a cobertura jornalística realizada na época, mas as referências sobre essa cobertura feitas por AB, contemporâneo aos acontecimentos da época. Os comentários e opiniões do escritor fazem parte das informações fornecidas à autora, na entrevista de 1990, citada na introdução deste trabalho.

Em carta a Manoel Bandeira, datada de 06 de abril de 1927, M. de A. escreve:

Estava planejando dar um pulo até Pouso Alto ver você, porém de supetão de domingo pra cá minha vida deu um salto mortal danado. Creio que vou me embora pro Norte mês que vem, numa viagem. Dona Olívia faz tempo que vinha planejando uma viagem pelo Amazonas a dentro. (ANDRADE, 2000, p. 339)

E segue antevendo as dificuldades que enfrentará para mais adiante escrever, com efusividade:

Puxa! Creio que nem contei pra você por onde vai ser a nossa viagem. É melhor mesmo do que falar noutras coisas. Vamos pelo Lóide Brasileiro parando de porto em porto até Manaus. De lá subiremos o Amazonas já com tudo determinado pelo Geraldo Rocha para pararmos em todas as partes interessantes, continuamos pelo Madeira e vamos parar na Bolívia. Depois não sei como é a volta, sei que tomamos o Madeira-Mamoré até parece que Guajará-mirim (*sic*) e depois não sei mais nada. Vamos Dona Olívia, Paulo Prado, o Afonso de Taunay e parece que mais uma pessoa. Como você vê as perspectivas são as melhores de mundo (ANDRADE, 2000, p. 341).

É possível observar que M. de A. não destaca a cidade de Belém, certamente, porque o conhecimento sobre a Amazônia vem muito mais do lido, do que daquilo que vivenciara até aquele momento.

A viagem, inicialmente, deveria seguir os moldes da realizada a Minas Gerais, em 1924, em que M. de A. integrara uma comitiva formada, entre outros, pelos mentores do movimento modernista no Brasil: Oswald de Andrade, seu filho Noné, Tarsila do Amaral, Dona Olívia Guedes Penteadó, René Throlhier, Godofredo da Silva Telles. Blaise Cendrars, que na época visitava o país, também integrava o grupo. No roteiro, conheceram as cidades históricas de Ouro Preto, Congonhas do Campo, Sabará e Mariana, onde M. de A. trava contato mais direto com a cultura popular e desenvolve pesquisa sobre a língua nacional.

A viagem à Amazônia iniciou-se no dia 13 de maio de 1927. Somente no embarque, ao tomar o paquete Pedro I, no Rio de Janeiro, M. de A. descobre-se sozinho, único homem entre três mulheres: Dona Olívia Guedes Penteadó, sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira – apelida de Mag – e Dulce do Amaral Pinto – filha de Tarsila do Amaral, apelidada de Dolur, menina de 15 anos. O fato o deixou

constrangido, pois chegou a comentar em carta a Manuel Bandeira que se soubesse antes que viria único homem entre mulheres teria desistido. No momento da partida para a Amazônia, escreve:

Não fui feito para viajar, bolas! Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombrado, cor de incesto. Entro na cabina, agora é tarde, já parti, nem posso me arrepender. Um vazio compacto dentro de mim. Sento em mim (ANDRADE, 1983, p. 51).

O desconforto de M. de A. advém de ser um homem dado a poucas viagens, a ligação visceral com a cidade de São Paulo é contada em prosa e verso. Fora as fugas ao sítio do Tio em Araraquara, em sua biografia, constam a realizada a Minas Gerais, comentada anteriormente; a Amazônia em que foi até Iquitos, no Peru, única vez que saiu do Brasil, objeto desta pesquisa e a realizada ao nordeste.

A comitiva chegou a Belém em 19 de maio. A melhor crônica sobre a chegada à cidade está registrada na coluna Mares e Rios, do jornal *Folha do Norte*, datada de 20 de maio:

O "D. Pedro I" entrado ontem, pela manhã, do sul, regressará amanhã, a 1 hora da madrugada-Trouxe 57 passageiros e 1.162 volumes de carga-uma homenagem do lloyd ao salvador do "D Pedro II". – Com uma viagem agradável, transportando cinqüenta e sete passageiros, dentre os quais várias pessoas de destaque, cujo nome vão registrados em gazetilha, está no porto, vindo do Rio Grande, via Rio, de onde saiu a 11, às 10 horas da manhã, o confortável paquete "Pedro I", do Lloyd. Ainda sob o comando do nosso distinto amigo, capitão de longo curso Thomas Correa e tendo como imediato o jovem competente oficial Orlando Ramos, da Bahia de Guanabara ao Guajará, sem nenhum acidente de anormal, gastou 8 dias certos, chegando, precisamente, a hora comunicada à agência.

Ingressando no quadro de franquia pelo canal de dentro da Port of Pará, foi até em frente ao castelo, de onde demandou o cais, atracando às 11 horas, em frente ao galpão nº 3. Nesse momento, entre o agitar dos passageiros, preparando-se para desembarcar, se fazia ouvir, executando vários trechos de música, o afinado "tercetto" de bordo. No cais suportando o forte calor causado pelo verão, que se aproxima, viam-se inúmeras pessoas

aguardando o momento de abraçar os que chegavam. Na pesquisa que fizemos a bordo entre os passageiros, procurando saber das novidades, fomos informados da satisfação que entre todos reinava pela ótima viagem que vinha de fazer o "Pedro I", cuja oficialidade a todos soube cativar, com as suas atenções. Graças a esses encômios, registramos aqui os nomes de seus oficiais, que são os Srs. Dr. Floripes Pessoa Cavalcante, inspetor sanitário, Arsênio Pinheiro, comissário; Aguinaldo Zama Ribeiro e Alfredo Trigre Moss, sub-comissários e Eptácio Lima, chefe de máquinas.

A imprensa local logo destaca a figura de D. Olívia Guedes Penteado. Na mesma edição uma nota apresenta os ilustres viajantes:

Belém hospeda, desde ontem, vinda de Santos, via Rio de Janeiro, no "Pedro I", Mme. Olívia Guedes Penteado, abastada fazendeira em São Paulo. A ilustre senhora, que representa uma das mais grandes fortunas da terra dos bandeirantes, faz esta viagem no intuito de conhecer de perto a Amazônia. Devendo, neste intuito, estender sua excursão a Iquitos, Guajará-Miri e Rio Negro. Fazendo parte da sua comitiva, acompanham-na as senhorinhas Madalena e Helena Nogueira e Dulce Amaral e o Profº. **Mário Raul de Moraes Andrade, figura de destaque na vida intelectual paulista.** (FOLHA DO NORTE, 1927 nº 11.470 - grifos meus).

Dona Olívia Guedes Penteado, de família 'quatrocentona' de São Paulo, ganhou destaque na notícia, por ser rica fazendeira e proprietária de extensos cafezais, era considerada uma espécie de mecenas das artes por patrocinar grande parte dos eventos que envolviam a geração modernista de 1922. O próprio Presidente Washington Luis a recomendara aos presidentes de Estado, como eram chamados os governadores na época, e às autoridades peruanas dos lugares por onde o grupo passaria. Na época, contava com 56 anos. Era viúva. Os adjetivos usados pela imprensa para descrevê-la não deixam dúvida de sua posição em relação ao grupo: **abastada** fazendeira, **ilustre** senhora, **distinta** viajante, **ilustrada e opulenta** fazendeira, **distinta** turista paulista, **rica** fazendeira.

Apesar de ter sido apresentado nos jornais como "secretário" de D. Olívia Guedes Penteado, a presença do poeta M. de A., como tal, foi percebida apenas pelos intelectuais da cidade. O equívoco suscitou certo mal-estar, principalmente naqueles que o tinham como o líder do movimento modernista paulista de 22, como será visto mais adiante.

A comitiva foi recepcionada pelas autoridades e representantes da sociedade local. O governador enviou seu secretário geral, Sr. Deodoro de Mendonça, e o ajudante de ordem major Antônio Nascimento, também compareceram o Sr. Samuel Mac-Dowell e família. Depois das boas vindas o grupo foi conduzido ao **Grande Hotel**.



Fig1 - O Grande Hotel (NUNES, 2006, p. 31)

Inaugurado em 1911, este hotel não tinha similar fora do eixo Rio - São Paulo. Oferecia apartamentos de luxo, amplo salão de recepção, cozinha regional e internacional, *american bar*, quadra de tênis, barbearia, salão de leitura e até mesmo um teatro, o Palace – Theatre. Ocupava toda uma quadra, no local mais nobre da cidade. Tinha também um enorme terraço parisiense, dotado de mesas e cadeiras, onde se podia sentir “a fresca brisa marajoara” e era o lugar preferido da intelectualidade local. A estadia no hotel se revelou tão aprazível que M. de A. registra em carta ao amigo Manuel Bandeira, datada de 27 de junho de 1927:

Meu único ideal de agora em diante é passar uns meses morando no Grande Hotel de Belém. O direito de sentar naquela terrasse em frente das mangueiras tapando o Teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí. Você que conhece mundo, conhece coisa melhor do que isso, Manu? (ANDRADE, 2000, p.345)

No dia da chegada o clima estava especialmente quente, 33 graus à sombra, o que causou certa exasperação em M. de A., acostumado às variações de temperatura da Paulicéia, como atesta um trecho de *O Turista Aprendiz*: “De cinco em cinco minutos saio do banho e me enxugo todo, sete lenços, dezessete lenços, vinte sete lenços... Felizmente que trouxe três dúzias e hei-de ganhar da lavadeira.” (ANDRADE, 1983, p. 63).

Ainda no primeiro dia, depois do sono pós-almoço, do açaí, sem terem o que fazer, foram todos ao **cinema Olympia**. Segundo o crítico cinematográfico Pedro Veriano (1983), este fora inaugurado em 1912, tornando-se o primeiro cinema de luxo em Belém. Pomposo, tinha 400 poltronas, 10 ventiladores elétricos, 6 portas e 14 janelas abertas nas laterais do prédio, profusamente iluminado. As *premiéres* eram freqüentadas por senhores elegantemente vestidos com terno e gravata e por

senhoras vestindo longos. A decoração tinha os mais finos mármore e os mais delicados lustres de cristal. Situado ao lado do Grande Hotel, no momento da visita de M. de A., exibia o filme com William Fairbanks, intitulado *Não percas tempo*, que também estaria em cartaz em Manaus, quando a comitiva por lá passasse.

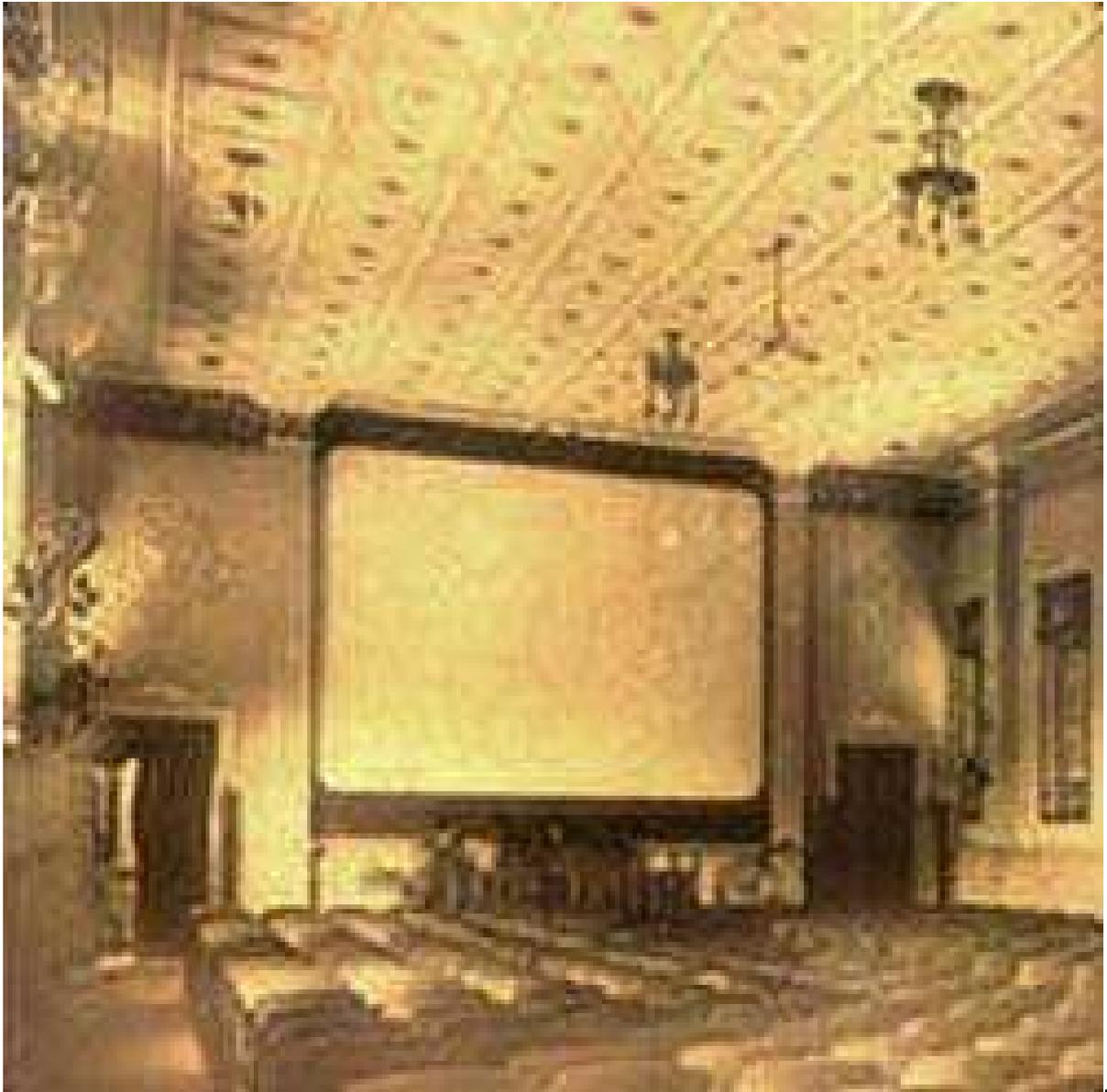


Fig 2 - A luxuosa sala de projeção original do "Olympia"⁴

⁴Foto retirada do site: <http://marcuspeessoa.net/cinemapara/salas1.html>

No dia seguinte, mais aclimatado, M. de A. fala das suas primeiras impressões sobre a cidade, registradas em *O Turista Aprendiz*:

Passeamos o dia inteiro e já me acamaradei com tudo. Estou lustroso de felicidade. Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir u'a imigração de malaios e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará. Engraçado é que a gente a todo momento imagina que vive no Brasil mas é fantástica a sensação de estar no Cairo que se tem. Não posso atinar porque... Mangueiras, o Cairo não possui mangueiras evaporando das ruas (ANDRADE, 1983 p. 63).

Belém do Pará, a porta de entrada da Amazônia, na época da passagem de M. de A., contava com um pouco mais de cem mil habitantes e o verde das mangueiras cobria as principais vias públicas. Devido a sua privilegiada posição geográfica, situada às margens do [Rio Guamá](#), vivenciou momentos de plenitude com o período áureo da borracha, no início do século XX, quando o município recebeu inúmeras famílias européias, o que veio a influenciar grandemente a arquitetura de suas edificações, ficando conhecida como "Paris n' América".

Sua arquitetura guardava nas fachadas dos casarões, das igrejas e capelas peculiaridades do período colonial. Com o crescimento da importância da produção da [borracha](#), extraída da [seringueira](#) (*Hevea brasiliensis*), que caracterizou o chamado [Ciclo da Borracha](#) ou Era da Borracha, entre o final do [século XIX](#) e começo do [século XX](#), Belém atingiu grande importância comercial. Datam dessa época expressivos edifícios, como o [Palácio Lauro Sodré](#), o [Colégio Gentil Bittencourt](#), o [Teatro da Paz](#), o [Palácio Antônio Lemos](#).

No mesmo dia, foram visitar o **Mercado do Ver-o-Peso**, onde se empanturraram de coisas, segundo M. de A., "selvagens". Localizado às margens da

Baía do Guajará, o mercado do Ver-o-Peso é considerado uma das maiores feiras livres da América Latina. O nome "Ver-o-Peso" tem sua origem no período colonial, quando funcionou a casa do Haver-do-Peso ou onde era pesada a mercadoria vinda do interior e eram cobrados os impostos devidos à Coroa. O complexo do Ver-o-Peso é formado pelo mercado de peixe e da carne, a estrutura é toda de ferro e foi trazida desmontada da Inglaterra. M. de A. partilharia da idéia de que os mercados constituem espaços privilegiados para o estudo cultural de um povo. Por isso, a atração vivida por M. de A., que durante a permanência em Belém, o visitava constantemente.

Uma carta enviada a UNESCO pelo prefeito Edmilson Rodrigues (1998/2003) e pelo Presidente da Fundação Cultural de Belém, Márcio Meira, quando do tombamento do Mercado do Ver-o-Peso como patrimônio histórico cultural da humanidade, ratifica a experiência do "museu vivo":

A maior riqueza do Ver-o-Peso está contida no enorme lastro de memória intangível, viva, que pode ser ali encontrado, e que reflete toda a densidade histórica e cultural que o povo cria e recria permanentemente. Inspiração de escritores brasileiros ou viajantes que por aqui passaram e retratado nas mais diversas cores por artistas plásticos, o Ver-o-Peso há muito deixou de ser apenas um porto e uma feira livre, na qual se negocia toda espécie de produtos comestíveis, de vestuário, artesanato, ervas e etc.. para solidificar-se cada dia mais como um importante museu vivo de práticas culturais, no qual o imaginário amazônico se reproduz e se perpetua. Podemos afirmar, dessa forma, que o Ver-o-Peso é também e sobretudo um mercado de bens simbólicos que alimenta a alma e o espírito de uma cidade que é a capital

mais antiga da Amazônia, e que lhe confere um rosto único, um elo com o rio e a floresta, que a diferencia das outras capitais brasileiras.

A riqueza desse patrimônio imaterial do mercado atraiu M. de A., como pode ser observado em um dos registros fotográficos do poeta. Vê-se que a lente do escritor não foca o cartão postal, pouco interessando o valor icônico, mas a atmosfera do lugar em uma de suas cenas cotidianas.



Fig 3 -Mercado de Ver-o-Peso/Belém , 1927⁵

⁵ Foto tirada por M. de A. (Matriz-negativo) - Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros - USP - Arquivo M. de A.

Fascinado com a variedade de frutas, legumes e peixes que o mercado do Ver-o-Peso oferecia, M. de A. o visitava quase diariamente. Além dessa variedade, o mercado apresentava as ervas da flora amazônica, ricas em aromas e propriedades curativas. Eclético em pesquisas em torno da cultura brasileira, publicou interessante estudo sobre medicina popular em *Namoros com a medicina*. É notório o envolvimento sinestésico do poeta, no trocadilho branco preto, exemplificado no trecho a seguir:

Belém me entusiasma cada vez mais. O mercado hoje esteve fantástico de tão acolhedor. Só aquela sensação de mungunzá! (...) Sentada no chão, era uma blusa branca branca numa preta preta que levantando pra nós os dentes, os olhos e as angélicas da trunfa, tudo branco, oferecia com o braço estendido preto uma cuia envernizada preta donde saía fumaça branquinha do munguzá branco branco (...) tenho gozado por demais. Belém foi feita pra mim e caibo nela que nem mão dentro de luva (ANDRADE,1983 p. 67).

Após a visita ao mercado, o grupo foi convidado a participar de um almoço na residência oficial do governador Dr. Dionísio Bentes⁶ e esposa, D. Izabel Lopes Bentes. Durante o almoço oficial com o mandatário do Estado, M. de A. teve de agradecer oficialmente ao anfitrião a recepção, algo que o incomodou bastante, pois prenunciava um protocolo que ocorreria em todos os locais pelos quais a comitiva passaria.

Após o almoço, ciceroneados pela primeira dama, visitaram a **Basílica de Nazaré**. A catedral teve sua construção iniciada em 1908. Reprodução da Igreja de São Paulo, em Roma, a arquitetura traz a marca dos arquitetos genoveses Coppedé

⁶ Nascido no município de Faro, em 13 de fevereiro de 1881, Dionísio Ausier Bentes era médico, mas abandonara a medicina para dedicar-se à política pelo partido Republicano Federal. Em 1913, após a renúncia de Virgílio Martins Lopes, assume a Intendência de Belém, cargo que exerceu até 1914. Em 1º de fevereiro de 1925, com mandato até 1929, assumira o governo do Estado do Pará.

e Pedrasso. O templo apresenta um interior todo em mármore, mede 62 metros de comprimento, 24 de largura e 20 de altura. Os vitrais, quando refletem a luz do sol dão um colorido especial ao lugar. Uma coleção de azulejos que ladeia a nave da igreja retrata os principais momentos de passagem da vida de Nossa Senhora de Nazaré. Porém, a arquitetura da igreja não agradou o olhar do poeta que lhe criticou o estilo “nada brasileiro”. Comparando-a à catedral da Sé de São Paulo, elogia-lhe apenas o luxo.

No dia 21, M. de A. volta ao mercado do Ver-o-Peso e visita o **Museu Emílio Goeldi**. Criado em 1866, pelo naturalista Domingos Soares Ferreira Pena, o Museu Emilio Goeldi é a mais antiga instituição de pesquisa da região amazônica. Ao longo de sua existência, acumulou variadas coleções botânicas, zoológicas, paleontológicas, mineralógicas, arqueológicas, etnográficas e bibliográficas. O parque zoobotânico, criado em 1895, reúne importantes árvores da região, como samaúma, acapu e cedro; e animais como, peixe-boi, arara-azul, pirarucu e onça pintada, portanto, uma amostra da fauna e flora da Amazônia. No museu, o poeta fotografa três patos e uma anta. Mais tarde, ao legendar a fotografia, faz a seguinte observação: Menotti, Plínio, Cassiano e a Anta. Um exemplo do humor irônico do autor.

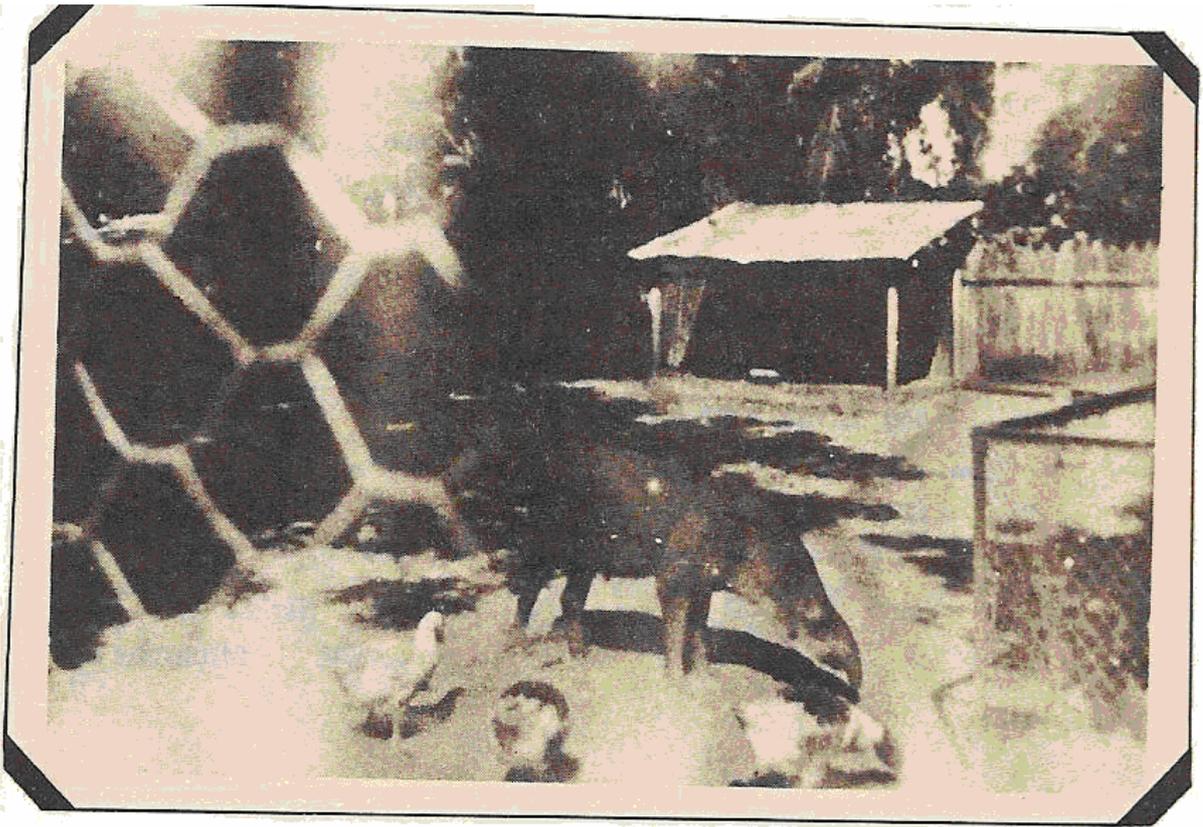


Fig 4 - "Grades espirituais – Museu Goeldi – Belém 21 Maio 1927 Menotti Plínio Cassiano e Anta" (Foto e legenda Mário de Andrade) (ANDRADE, 1983, p. 65)

O dia seguinte lhes reservaria um passeio a **Mosqueiro**, uma [ilha fluvial](#) localizada na costa oriental do [rio Pará](#), no braço sul do [rio Amazonas](#), em frente à [baía do Guajará](#). A ilha possui uma área de aproximadamente 212 km². A orla mosqueireNSE compõe-se de praias de rio, banhadas por águas de baías e com ondas semelhantes às de praias oceânicas. Lá, visitaram a praia do Chapéu Virado e experimentaram, pela primeira vez, um banho nas águas doces do rio “quase mar”.



Fig 5 – Mário de Andrade na praia do Chapéu Virado na ilha de Mosqueiro Pará-1927

A foto registra uma imersão descontraída vivida pelo poeta. Não é difícil perceber certo espírito “macunaímico” já incorporado em M. de A. Detalhes não lhe passam despercebidos, nomes dos sítios, das comidas, a topografia, o clima, coisas anotadas e, posteriormente, transformadas em matéria literária.

Uma vontade de dar nomes... Vou anotando: Vila Felixana, Meu Repouso, O Cenáculo, Fé em Deus, Retiro Delícias, Doce Estância, Pouso Alegre, Pouso Ameno, Canto da Viração, Café do Lasca. Note-se o desejo de vento refrescante em certos nomes: Canto da Viração, Chapéu Virado [...]

Menu: Camorim. Pato com Tucupi. Leitão com farinha d’água. Compota de bacuri, creme de abacate e o sorvete de murici que tem gosto de queijo parmesão ralado com açúcar. E frutas, frutas.” (ANDRADE, 1983, p. 64).

O dia 23 seria dedicado a visitas a jornais. O jornal *Folha do Norte* publica no dia seguinte uma longa entrevista onde M. de A. reafirma seu deslumbramento por Belém, comparando-a às cidades mais belas do país, ressaltando o detalhe de ter ela caráter:

É um dos encantos do Brasil. O Brasil possui algumas cidades bonitas: Rio, Belo Horizonte, Recife, São Paulo; mas, a todas estas falta caráter. Belém é como Ouro Preto, como Joinville, como São Salvador: possui beleza característica. Este céu de mangueiras, filtrando sol sobre a gente, produz uma ambiência absolutamente original e lindíssima (FOLHA DO NORTE, 1927)

Mais tarde, em entrevista ao Correio do Pará, M. de A. faz um contraponto de Belém com a cidade de São Paulo:

Tipicamente brasileira, Belém é uma das poucas cidades que apresentam um aspecto verdadeiramente próprio e original. Essas mangueiras, tão paraenses são um verdadeiro encanto. É o que falta em S. Paulo. A nossa capital tem trechos que lembram Paris, outros Nova York outros Roma. Falta um aspecto próprio. Belém parece com Belém. Entretanto, S. Paulo não parece com São Paulo (CORREIO DO PARÁ, 1927). Fig 6

Folha do Norte

BRASIL - ESTADO DO PARÁ - BELÉM
Jornal de manhã, quotidiano e independente
Direção e gerência - PAULO MARANHÃO
Terça-feira, 24 de maio de 1927
NUM. 11.474
CAXA POSTAL N. 489

Formidável tromba d'água produziu consideráveis prejuízos na serra da Estrella, em Portugal

O vôo de Lindbergh

A França confere ao grande avião da sardinha da região de Honza... Continuum as manifestações de apoio em varias praças... 20.000 pessoas já se juntaram ao famoso piloto do av photographias em fotografias... O rei Alfonso XIII e Mussolini telegrapharam ao herói da travessia do Atlantico... Uma entrevista coletiva a 200 "reporters".

OS NOSSOS TELEGRAMAS

Damos abaixo os telegramas que se foram chegando aos nossos redactores... Paris, 23 (AV) - O avião Lindbergh tem sido visto acompanhando com numeros pedras de colubiformes e de outros fotografias com cameras antigas... Paris, 23 (AV) - De quasi todos os pontos da Europa chegam pedidos a Lindbergh de visita a diversos pontos, nada ainda tendo sido agendado... Paris, 23 (AV) - A fim de satisfazer a curiosidade das jornalistas do mundo inteiro, Lindbergh reuniu, hoje, na sala de redacção da matutina americana, 200 "reporters", dando aos mesmos uma entrevista colectiva... Paris, 23 (AV) - Uma grande multidão, de grande estatura, americana, logo o dia, em frente da embaixada de Paris...

24 DE MAIO



As homenagens da Pátria ao bravo herói de Honza, e homenagem geral aos milhares de brasileiros que se sacrificaram para a liberdade da França...

O "Jahu" no Brasil

CONTINUA EM VISTA O AVIÃO BRASILEIRO - O TEMPO NA AMERICA... NATAL, 23 (AV) - A policia carioca prendeu o suspeito de ter sido o piloto do avião brasileiro...

O destaque no Banco do Brasil

DETAPE PESSOAL PESSOAL... NATAL, 23 (AV) - A policia carioca prendeu o suspeito de ter sido o piloto do avião brasileiro...

O vôo de regresso do "Argos"

DETAPE DOS PREPARATIVOS PARA A REPARTIDA DE SAO PAULO... NATAL, 23 (AV) - O vôo de regresso do "Argos" foi marcado para o dia 25 de maio...

Uma palestra com um esportista culto

O DR. MARIO ANDRÉ TRAVASSOS... NATAL, 23 (AV) - Uma palestra com o esportista culto Dr. Mario André Travassos será realizada amanhã...

STOCKHOLM, 23 (AV)

O Avião Lindbergh chegou a esta cidade... A recepção foi feita com honras...

WASH, 23 (AV)

O presidente Hoover recebeu o piloto... A recepção foi feita com honras...

PARIS, 23 (AV)

Uma grande multidão recebeu o piloto... A recepção foi feita com honras...

PARIS, 23 (AV)

O piloto foi recebido com honras... A recepção foi feita com honras...

PARIS, 23 (AV)

O piloto foi recebido com honras... A recepção foi feita com honras...

WASHINGTON, 23 (AV)

O presidente Hoover recebeu o piloto... A recepção foi feita com honras...

WASHINGTON, 23 (AV)

O piloto foi recebido com honras... A recepção foi feita com honras...

WASHINGTON, 23 (AV)

O piloto foi recebido com honras... A recepção foi feita com honras...

WASHINGTON, 23 (AV)

O piloto foi recebido com honras... A recepção foi feita com honras...

WASHINGTON, 23 (AV)

O piloto foi recebido com honras... A recepção foi feita com honras...

WASHINGTON, 23 (AV)

O piloto foi recebido com honras... A recepção foi feita com honras...

D natalício do sr. arcebispo

Comemorando no dia 27, stando o prelado para o aniversário de 60 annos de idade... O sr. arcebispo nasceu em Belém em 1867...

O invento de uma senhora

Uma senhora de Belém inventou um novo tipo de sapato... O invento foi apresentado em uma exposição...

A família eclesiastica paranaense

Uma família eclesiastica paranaense recebeu uma visita... O visitante foi o sr. arcebispo de Belém...

Dr. Carlos de Campos

Dr. Carlos de Campos, medico e esportista... O dr. realizou uma palestra sobre esportes...

A conferencia do amanha no Theatro da Paz

Uma conferencia sobre a paz será realizada amanhã no Theatro da Paz... O palestrante será o sr. arcebispo de Belém...

Dr. Carlos de Campos

Dr. Carlos de Campos, medico e esportista... O dr. realizou uma palestra sobre esportes...

A conferencia do amanha no Theatro da Paz

Uma conferencia sobre a paz será realizada amanhã no Theatro da Paz... O palestrante será o sr. arcebispo de Belém...

Dr. Carlos de Campos

Dr. Carlos de Campos, medico e esportista... O dr. realizou uma palestra sobre esportes...

o de falar
os que me
tracar hora
devido aos
ollagem se
e tentaria
ada poder
arios. (F.)

armento de
ho de Dir.

te impediu
a tripulação
e não a
a nova op-

da nossa
stado, em
auto gra-
a, de ver
or quem

tas relata
orto, cujo
etiva re-
cada an-
ada, por
o soldado
com um
anela de

violenta-
de volto
pela na-
um como
punível
prelendo
tros indi-
oreço, de
o milha-
dem em
us infra-
to se re-
e extor-
rabalho-
um, por
o, o que
ucta, da
ente im-
vas cor-
erem, a
veludos,
undo os
Millar.
la Mari-
s devesa
ta hora,
e.

na prova a passar em esta capital.
Ao que sabemos, ha um justo entusiasmo
ho a le dos cotapatricios por haver avido
os meios pelo que se de a ser a bem termo
de tentio no prepara de um programma de
vribantes festas com que paslaria a colonia
portugal do Pará o seu grande celebra-
mento pelo do triumphal de Sirmiento de
Belem e seus compatriotas.

Uma palestra com um espi- rito culto

O DR. MARIO ANDRADE TRANSMITTE, A «FOLHA», AS SUAS IMPRESSÕES SOBRE BELEM, AS SUAS CULPAS E O SEU GOVERNO

Tivemos, choud me, o prazer da amável visita do sr. dr. Mario Andrade, intellectual paulista, que Belem tem a honra de hospedar, em companhia da illustre senhora Olivia Guedes Pentendo.



Quizemos aproveitar os agradaveis momentos de culta palestra do nosso visitante, para recolher as suas impressões a respeito desta capital, através das observações do seu

Dr. Mario Andrade espirito arguto, e assim é que nos é dado transmitir aos leitores da FOLHA as expressões e conceitos que nos proporeionem na sua prosa flexuosa e amena o nosso distincto interlocutor, com quem estabelecemos o seguinte dialogo:

—Esta satisfeito com a viagem?

—Emmenente. Meu avô Lello Moraes, quando governador da provincia de Goyaz, euevem do meu pai como secretario, velu de rodada pelo Araguaia até aportar aqui em Belem. C' mo yo, folho na tradição os passadros floviates pelo Brasil.

—E pretende ir longe?

—Assim, assim. E' um passeio sem bendito o que fazemos. Estão decididas duas viagens: Amazonas acima até Iquitos e Madeira acima até Guajará-Mirim. Provavelmente daremos um pulo a Bolivia e, tempo sobrando, subiremos o Rio Negro e, na volta, visitaremos Maranhão.

—E não se assustam com o desconforto?

—Não he com desconforto. Belem aqui tem sido incansavel em nos fazer a viagem e passadros. Vivemos em plena liberdade nel com este novo, estas aguas e terra. Evidentemente não é a mesma coisa dar uma volta de

Um outro lugar que encanta M. de A. é o conjunto arquitetônico formado pela Igreja da Sé, o Arcebispado de Belém, a igreja de Santo Alexandre e o Forte do Castelo, além do casario em estilo colonial, naquela época ainda existente. Um dos primeiros a se preocupar com o tombamento como patrimônio histórico e cultural, M. de A., visita-o constantemente. A ponto de terem sido encontrados em seus guardados esboços desses prédios. Na entrevista, chega a ressaltar:

O Largo da Sé, por exemplo, aqui é um verdadeiro encanto, uma verdadeira maravilha de arquitetura. Em nenhuma outra parte encontrei coisa igual, a não ser em S. João Del Rei em Minas Gerais (ver entrevista constante no anexo).



Fig 7 - Igreja da Sé – Belém do Pará – anos 20.



Fig 8 - Igreja de Santo Alexandre – Belém do Pará – anos 20

A igreja da Sé, inaugurada em 1771, traz como característica principal o traçado do arquiteto italiano Antônio José Landi, que deixou o seu legado em importantes prédios na Amazônia.

No entanto, verifica-se que apesar do encantamento de M. de A. por Belém, isto não o impede de ter um olhar crítico voraz em relação à descaracterização que a cidade já prenunciava. Partidário de certo nativismo, critica o apego às imitações estrangeiras, que acometia tanto São Paulo quanto Belém:

Vejo com terror que em certas ruas estão plantando árvores estrangeiras (...). Será um problema ou uma fatalidade climática? Alias a solução do problema não implica importação de árvores da "extranja". Essa arvoreta bem educada que andam plantando é insuportavelmente monótona e estúpida como um pato. Imagine só uma alameda arborizada com tufos de açazeiro? Seria adorável e vivaz como esses mameluquinhos que andam nus nas praias afastadas. Com as mangueiras, os barcos de velas coloridos, e tantos outros encantos originais, você tem um tesouro de beleza nas mãos. Aproveitando em espírito de imitação, Belém será a mais linda cidade equatorial (FOLHA DO NORTE, 1927).

Além disto, cita a viagem realizada pelo avô, em 1881. Joaquim de Almeida Leite de Moraes, que quando foi nomeado presidente da Província de Goiás, em 1881, realizou uma longa viagem à região amazônica, em companhia de Carlos Augusto, pai de M. de A. e que, então, era seu secretário particular. Os viajantes percorreram os rios Tocantins, Vermelho e Araguaia, chegando até o Pará. Nesse percurso, Leite de Moraes anota seus *Apontamentos de viagem*, livro por ele publicado, em 1883. Encontrei o registro dessa passagem no jornal *A Constituição*, no dia 16 de janeiro de 1882:

Chegou ante-ontem no bote da navegação do Araguaia, vindo do alto Tocantins, o Exm^o. Sr. Dr. Joaquim de Almeida Leite de Moraes, Presidente da Província de Goiás. Consta que S. Excia. segue hoje para a corte no vapor Ceará (A CONSTITUIÇÃO, 1882).

O jornal *Correio do Pará* também publica no dia 24 uma extensa entrevista com M. de A., intitulada *O movimento modernista no sul*. Diferente das mundanidades publicadas pela *Folha do Norte*, o *Correio do Pará*, como se nota pelo título da entrevista, centra-se mais na vida intelectual do poeta, ao citá-lo como um dos expoentes do movimento modernista de 1922. Além disso, o entrevistador conhece as novidades da plêiade paulista. Eis como é apresentado M. de A. pelo título da matéria:

Poetas e prosadores em maior evidência em S. Paulo e no Rio de Janeiro – O que disse ao Correio, Mário de Andrade, o brilhante poeta paulista – impressões de viagens e os encantos do Norte – uma palestra interessante. (CORREIO DO PARÁ, 1927).

No corpo do texto, ratifica-se o respeito pelo escritor:

O seu nome exprime bem a sua individualidade. O autor de *Losango Caqui*, que na corrente intelectual modernista de S. Paulo é um dos vultos mais representativos, possui, já, o seu nome firmado nas letras nacionais, não só pelo aspecto original e verdadeiramente brasileiro que procura imprimir a todas as suas produções como pela maneira simples e formosa como descreve a beleza em todas as suas manifestações. Não podíamos, pois, deixar de entrevistá-lo sobre o movimento literário da capital paulista e de colher as suas impressões na viagem que vem empreendendo ao Norte (CORREIO DO PARÁ, 1927).

Ao ser questionado sobre os resultados mais recentes do movimento modernista no Brasil, M. de A. reforça a reação aos passadistas, traça um breve histórico de sua participação, juntamente com Oswald de Andrade. Comenta sobre

os que se sobressaíam na poesia, como Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, apresenta ao público paraense o grupo da Anta, formado por Menotti Del Pichia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, cita a prosa de Paulo Prado, que na época escrevia *Retrato do Brasil*, e ainda, a crônica *Pathé Baby* e o estudo crítico *Braz, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado, sobre os habitantes e costumes dos bairros ítalo-brasileiros da capital paulistana, considerado por M. de A. o maior livro que o modernismo escrevera até então.

O autor responde sobre as recentes produções, fala de *Primeiro Andar*, livro de contos sobre sua vida literária, do romance *Amar, verbo intransitivo*, publicado naquele ano. Refere-se ainda ao *Primeiro caderno de poesia*, publicado por Oswald de Andrade, que revolucionava, naquele momento, o meio intelectual paulistano. Em relação ao Rio de Janeiro, diz que titubeava em decidir qual caminho traçar. capital da República, cita Manoel Bandeira, seu contumaz correspondente, e Ronald de Carvalho, como nomes expoentes na poesia. Refere-se à revista *Esthética*, dirigida por Prudente de Moraes Neto, o Prudentinho, e Sérgio Buarque de Holanda, como a mais interessante do movimento modernista do Rio. Não há indicação do autor dessa entrevista, porém a simpatia pelo movimento é clara, nas referências o grupo modernista é classificado como "brilhante plêiade". Não seria descabido pensar na figura de Gastão Vieira⁷, como o responsável pelo texto, autor lembrado mais tarde em *O Turista Aprendiz*.

⁷ Em *Médicos de outrora no Pará*, Clóvis Meira nos apresenta Gastão Vieira da seguinte maneira: "Sempre bem posto, apreciava uma gravata "borboleta", o terno em padrão "príncipe de Galles", quadrados maiores ou menores, cores mais ou menos fortes, tão ao gosto dos ingleses. [...] Conhecedor e apreciador dos estudos da língua, dominava perfeitamente os quadros clínicos, de escritos e observados na presença dos pacientes. Com 17 anos de idade, em 1903, viajou para o Rio de Janeiro e ingressou na Faculdade de Medicina, concluindo o curso Médico com a famosa turma de

Depois da empreitada em jornais, o dia ainda reservava outro almoço na casa do governador e uma visita ao famoso artesão Antonio do Rosário, de quem M. de A. encomenda objetos de tartaruga. Mais tarde, esses objetos constituirão parte das Da riquezas de Piaimã, no romance *Macunaíma*. Aliás, também entre esses tesouros, estão as louças branco-encarnado de Breves e as cerâmicas de Belém, como se observa no seguinte trecho:

Lá chegando encontrou o gigante no portão, esperando. Depois de muitos salamaleques Piaimã tirou os carrapatos da francesa e levou-a pra uma alcova lindíssima com esteios de acaricoara e tesouras de itaúba. O assoalho era um xadrez de muirapiranga e pau-cetim. A alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro havia uma mesa de jacarandá esculpido arranjada com louça branco-encarnada de Breves e cerâmica de Belém, disposta sobre uma toalha de renda tecidas com fibras de bananeira. Numas bacias enormes originárias das cavernas do rio Cunani fumegava tacacá com tucupi, sopa feita com um paulista vindo dos frigoríficos da Continental, uma jacarezada e polenta. Os vinhos eram um Puro de Ica subidor vindo de Iquitos, um Porto imitação, de Minas uma caçuma de oitenta anos, champanha de São Paulo bem gelada e um extrato de jenipapo famanado e ruim como três dias de chuva. E inda havia dispostos com arte enfeitadeira e muitos recortados de papel, os esplêndidos bombons Falchi e biscoitos do Rio Grande empilhados em cuias dum preto brilhante de cumaté com desenhos esculpidos a canivete, provindas de Monte Alegre (ANDRADE, 1997 p. 49).

1908. Além de sua atuação destacada dentro da classe médica, participando do desenvolvimento associativo da classe, junto à sociedade Médico-cirúrgica do Pará, e, principalmente, de contribuição permanente através da imprensa diária, principalmente da *Folha do Norte*. Escrevia sobre vários assuntos, inclusive de linguagens, muitas vezes ou quase sempre sob o pseudônimo de "Rivato". Escritor, poeta, espírito boêmio, liberto de certos cânones, gozava de simpatias gerais entre os colegas, os alunos e todos aqueles de quem se aproximava. Dedicava-se às artes, principalmente à *Seroplantia* e à fotografia artística. Jornalista e poeta, durante algum tempo, no período de 1947-1948 foi diretor da imprensa oficial do território federal do Amapá e diretor do jornal *Amapá*, editado em Macapá. Sabia de có todos os versos de Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Luis Delfino e de Alberto de Oliveira. Faleceu no dia 15 de outubro de 1950" (MEIRA, 1986, p. 225-229).

No período noturno, o grupo foi ao curral do Boi-Canário assistir ao ensaio do boi-bumbá, fato presente em suas anotações sobre Bumba-meu-boi, mais tarde apresentadas no *Dicionário musical brasileiro*.

No dia 25, de manhã, tomam a lancha Tucunaré e vão almoçar no **Caripi, em Barcarena**. O município é considerado o portão de entrada do Pólo Araguaia/Tocantins. As terras de Barcarena foram habitadas inicialmente pelos índios Aruãs. Com a chegada dos jesuítas, ali foi instalada a fazenda Gebrié (ou Gebirié) e construída uma igreja. Ali morreu, em 1834, o cônego Batista Campos, um dos líderes da Cabanagem. Seu território foi separado de Belém em 1938. M. de A. entusiasma-se com a cena dos piás que tomavam um casquinho para ir à escola:

Hoje a lancha **Tucunaré** nos levou a almoçar longe no Caripi. O furo de Barcarena estava sarapintado de velas. Dizem que é habitadíssimo porém não se enxerga casa, a caboclada desse furo desde a guerra do Paraguai que ergue os seus lares no escondido, temendo mais recrutamento. Só de vez em quando um caule de miriti jogado perpendicularmente à margem se entremostra num refego das ramas arrastando a saia n'água. Aquilo serve de ponte pra desembarque e por ali vive tapuio.

Na escola primária de Maracagüera inda é muito cedinho e o b-a-bá não principiou. Só lá pras nove em todas as casas do bairro a piazada vai pegando no lanche e no lastro dos livrinhos. —Té logo, mãe.— Vai com Deus, João, tome cuidado!O piá se equilibra pançudinho no miriti e salta pra embarcação. É um casquinho, como eles chamam pra canoa feita com um só pau pequeno, é um casquinho de nada, e lá vai piá remando melhor que o Clube Tietê vai pra escola primária de Maracagüera. O recreio é pra tomar banho de brinquedo no furo. Depois se volta pro b-a-bá e assim mais tarde aqueles pescadores somam sozinho o dinheiro ganhado com os camorins e as pescadas e lêem no jornal que veio embrulhando a farinha d'água de Belém, o caso de Lampeão e mais desordens dos brasileiros de nascença. Maravilhoso passeio ao Caripi, que adianta dizer "maravilhoso"! não dá a entender o que foi, não posso descrever (ANDRADE, 1983, p.68)



Fig 9 - No furo de Barcarena – Pará – 1927⁸

⁸ Foto tirada por Mário de Andrade (matriz-negativo) - Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros - USP - Arquivo Mário de Andrade.

No dia 26, M. de A. volta mais uma vez ao mercado do Ver-o-Peso e ao Museu Emílio Goeldi. Os viajantes apresentam as despedidas ao governador e ao prefeito Crespo de Castro. À noite, segundo as notas do *Turista Aprendiz*, acontece um encontro com “gente modernizante”. Estranha-se o fato de M. de A. só se referir aos modernistas paraenses no último dia em que permanece na cidade, na primeira etapa da viagem. É então que escreve o seguinte:

Tenho me esquecido de falar no Gastão Vieira, médico, com intenções de literatura, se acompanhado comigo desde o primeiro dia, me admira! Informes vagos, vaguíssimos sobre pajelança, esta gente não se interessa! (ANDRADE, 1983 p. 69).

Como estudioso da religiosidade popular, expressa um tom de decepção devido ao desinteresse das pessoas. Vale ressaltar, todavia, que diferentes motivos geram a ausência de trabalhos na área, entre esses a discriminação e proibição da polícia aos cultos afro-brasileiros.

2.3- OUTRAS AMAZÔNIAS NO TURISTA APRENDIZ

A comitiva parte de Belém em 27 de maio. Embarcam no “vaticano São Salvador”:

Todo o mundo oficial donoliviando com flores. Mas lá estão também meus admiradores, Gastão Vieira, os dois mocinhos literatos de ontem. Me dá uma sensação engraçada, meio tenho vergonha, um vago sentimento de traição por dentro, quando alguém se chega pro grupo por minha causa (ANDRADE, 1983 p.70).

A viagem faz escala em **São Francisco dos Jacarés**, onde os integrantes da comitiva são atacados por uma nuvem de mosquitos. O pessoal da terceira classe troça explicando que, muitas vezes, eles abriam caminho pelos mosquitos à faca, fazendo picadas. M. de A. brinca com Mag e Dolur, suas companheiras de viagem, dizendo que elas se sustentavam no ar por segundos, nadando nos mosquitos. Mais uma vez, cita o avô: “Nesses apontamentos de viagem’ como dizia meu avô Leite de

Moraes, às vezes eu paro hesitando em cortar certas coisas, com medo que não me acreditem” (ANDRADE,1983, p. 70).

O dia 28 surpreende-os com uma tempestade. No relato desse dia, M. de A. comenta com ironia o receio dos índios em se aproximar do navio: “Creio que os índios tiveram medo da gente, lenha trouxeram quanta precisávamos, porém não houve jeito de subirem a bordo pra mostrarmos a eles a galinha trazida só para isso. Então desistimos e o vaticano andou” (ANDRADE, 1983 p. 71). E prossegue a descrição do amanhecer depois da tempestade:

Manhã fresca. Um bando de Papagaios nos recebe, falando “bom dia” em abaneenga. De vez em longe uma garça. Estreitos de Breves. Vida de bordo. Essas coisas bobas que fazem sublime a viagem, por exemplo: um boto brincando n’água! Que maravilha! Paisagens lindas. Noite sublime de estrelas. Parada em Antonio Lemos (ANDRADE, 1983 p. 71).

No dia seguinte, percebe-se uma irritação em M. de A., quando chegam a todo momento com a mesma apresentação da palmeira do açai, dos pássaros, da exibição dos botos e dos mosquitos. Aliás, a impaciência com esse comportamento acompanha M. de A. desde o início da viagem. No dia 14 de maio, em suas primeiras anotações do diário, encontra-se o seguinte comentário, sobre o comportamento do suíço Godofredo Hagman, que embarcara no Rio de Janeiro juntamente com M. de A. e prosseguira acompanhando-o até Santarém, onde funcionava a estação meteorológica da qual era chefe, localizada na fazenda Taperinha⁹:

O professor Hagman está cada vez mais insuportável na faina de ensinar coisas amazônicas pra nós, mas só ensina coisas muito sabidas. Hoje, quando ele contava o sentido da palavra “oca” em tupi, Balança¹⁰ muito safadinha, perguntou: – Então o que quer dizer Dondoca? Mas o professor não entendeu. Ele é puro (ANDRADE, 1983 p. 55-56).

⁹ A fazenda foi construída por peregrinos americanos, mais tarde vendida ao Barão de Santarém e comprada, finalmente, pelo suíço Hagman. Até hoje a propriedade pertence a seus herdeiros, é a região mais bonita do famoso Maicá (Informações concedidas pelo escritor santareno Emir Bemerguy a Ruy Barata).

¹⁰ Balança é Mag (Margarida Guedes Nogueira) e Trombeta é Dolur (Dulce Amaral); D. Olívia Guedes Penteado é “Rainha do Café”.

O registro do dia 29 de maio, diz o seguinte:

Toda a gente se vê na obrigação de nos "contar" como é que é, que desespere! Já me mostraram mil vezes a palmeirinha do açai, já me contaram cem vezes que aquele pássaro é a cigana, e aquilo é boto brincando, pinhões! (p. 71).

Deixam o rio Xingu à tarde. M. de A. descreve a alimentação de bordo, sempre excelente para eles e as atividades recreativas como a dança, por exemplo. Param para uma visita breve à **Vila de Gurupá**, que o poeta descreve como decadente.

No dia 30, amanhecem na **fazenda de Arumanduba**, de propriedade do senador José Júlio de Andrade, tido como a maior fortuna da Amazônia. A fama do fazendeiro os acompanha desde Belém, um misto de temor e admiração da gente do povo e representantes da burguesia local. Passam por Almerim, outra vila decadente. Como era inverno, M. de A. observa o gado suspenso nas marombas, uma espécie de jirau inventado pelos nativos, que protege animais pesados durante as cheias.

A chegada à **Santarém**, no dia seguinte, impressiona:

Com estranhas sensações venezianas, por causa do hotel ancorado no porto, enfiando o paredão n'água, e com janela de ogiva! Os venezianos falam muito bem a nossa língua e são todos de uma cor tapuia escura, *mui* lisa (ANDRADE, 1983, p. 72).

A fotografia da chegada da comitiva em Santarém ilustra a comparação à Veneza, com os prédios como que emergindo das águas.



Fig 10 - Veneza em Santarém/ 1927¹¹
"To be or not to be Veneza Eis aqui estão ogivas de Santarém" (ANDRADE, 1993, p. 29)

¹¹ Foto tirada por Mário de Andrade – (É o hotel) 31 de maio (Livro: Mário de Andrade Fotógrafo e Turista aprendiz)

Recebidos pelo intendente local, chamado por M. de A. de "doge", por causa da referência à Veneza, os visitantes se encantam com a cordialidade das pessoas e com a cidade. Perspicaz, o poeta observa o cotidiano dos pescadores: "De noite, rede; de dia, vela".

No dia 1º de junho, visitam **Óbidos**, cidade à margem esquerda do [Rio Amazonas](#), distante de [Belém](#) a 1.100 quilômetros, via fluvial. Localiza-se em um trecho onde o rio torna-se mais estreito e o seu canal mais profundo. Formando, como se diz na região, a "garganta do rio Amazonas", ou a "fivela do rio", como preferem outros. Nesse ponto, a largura do rio é de cerca de 1.890 metros em seu leito normal. O local tem sua origem em um forte erguido em [1697](#), tendo o município sido criado em [1755](#), em homenagem à [vila portuguesa](#) de [mesmo nome](#).

Ali também são recepcionados pelo intendente local. M. de A. prova o licor de taperebá, feito pelas irmãs Louro Vieira, segundo ele, bem feito e delicioso. A referência aos licores das irmãs está presente também em *Macunaíma*, quando para curar o filho do herói "Filtravam o melhor tamarindo das irmãs Louro Vieira, de Óbidos. Pro menino engolir no refresco o remedinho pra lombriga. Vida feliz, era bom!" (ANDRADE, 1997, p. 27).

Mais uma vez o poeta registra em sua lente as pessoas, em detrimento do paisagismo:



Fig 11 - Curumins de Parintins/Óbidos , 1927 ¹²

¹² Foto tirada por M. de A. (matriz-negativo)-Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros - USP - Arquivo M. de A.- [A legenda traz um equívoco, não sei se do poeta ou de quem organizou as fotografias, pois Óbidos é um município e Parintins outro].

Outra referência da narrativa de viagem, também presente no romance, diz o seguinte:

Passava uma piracema de jaraquis, a água estava pipocando e os pescadores numa trabalhadeira mãe. "Quem come jaraqui – fica aqui" é refrão local. Só de pique, o cozinheiro, na janta, nos apresentou um tucunaré "A portuguesa". Posso lhes garantir que é peixe gostosíssimo no mais, é que Óbidos ficou muito em mim (ANDRADE, 1983, 76).

Observe-se o trecho em *Macunaíma*:

Passava uma piracema de jaraquis. Macunaíma agarrou pescando e distraído distraído quando viu estava em Óbidos, a montaria cheinha de peixes frescos. Mas o herói foi obrigado a atirar tudo fora porque em Óbidos "quem come jaraqui fica aqui" falam e ele tinha que voltar pro Uraricoera (ANDRADE, 1997 p. 148).

No segundo dia de junho, pela tarde, estão em Parintins, onde se repete o ritual que tanto cansava M. de A.: a recepção das autoridades locais, os discursos, banda de música, o desfile das crianças. O poeta comenta a rigidez do clero local. Mais tarde faz anotações sobre o Boi Marrequeiro.

Dia 3 de junho, após uma madrugada cheia, M. de A. presencia o vôo de mais de duzentas garças. No almoço, servem aos membros da comitiva tambaqui e tartaruga recheada. À tarde, aportam em Itacoatiara. As ruas transformadas em rios levam o poeta a uma atmosfera onírica:

Visita em sonhos. É a mais linda cidade do mundo, só vendo. Tem setecentos palácios triangulares feitos com um granito muito macio e felpudo, com uma porta só de mármore vermelho. As ruas são todas líquidas, e o modo de condução habitual é o peixe-boi e, pras mulheres, o boto (ANDRADE, 1983, p. 81).

À medida que se aproximam de Manaus, M. de A. parece deixar os acontecimentos da vida de bordo de lado para se dedicar às sensações mais surrealistas, como o exemplo anterior, talvez porque estivesse cansado das recepções repetitivas o poeta abstrai a paisagem e vivencia sensações.

No dia 5 de junho, após mais uma noite tempestuosa, chegam à Manaus. Observa-se que a capital do Amazonas não impressiona o poeta como Belém:

Depois de mais uma tempestade noturna, chegamos em Manaus. Recepção oficial, a apresentação a setecentos e setenta e sete pessoas, cortejo (como é engraçado a gente ser figura importante num cortejo oficial) e toca pro palácio Rio Negro, onde imediatamente se dá recepção oficial, pelo presidente em exercício, um número de simpatia. Depois toca para a chácara Hermosina onde tivemos um almoço colossal, mas colossal. Depois da volta aproveito o crepúsculo pra visitar a zona estragada. Depois com o coronel, comandante da polícia, vamos ao bairro da Cachoeirinha, visitar o arraial da igreja do Pobre Diabo, onde tinha festa, como as nossas mesmo, pau-de-sebo, leilão (ANDRADE, 1983, p. 84).

Na manhã do dia 6 de junho, o grupo anda de bonde e faz passeio oficial até a fábrica de cerveja. De tarde, visitas ao hospital e ao orfanato e a exposição de Ângelo Guido. M. de A. nada comprou. Fato interessante, pois ele costumava se endividar quando se interessava por alguma obra de arte. À noite, o poeta encontra-se com Raimundo de Moraes e o Dr. Costa e Silva, além de outros não nomeados. M. de A. tem clara consciência de que não são "futuristas", como eram chamados os modernistas, mas os considera simpáticos e de uma boa prosa: "pouca literatura, muito Amazonas", naquele momento, o que mais lhe interessava. A conversa durou até as três da madrugada, quando o deixaram no navio. Nesse dia, anota nomes e atividades que considera curioso: Acariguara; Banzeiro; o ritual da moça-nova, entre os índios Ticunas, e sobre a chula.

O outro dia reserva-lhes mais passeios oficiais em duas lanchas pelo Careiro, no Rio Negro. Depois, o grupo segue pelo paranã de catalão até o lago de Amanium, onde M. de A. encanta-se com a vitória-régia. O tema o toca de tal maneira que pretende transformá-lo em poema – e após discussão com Manoel Bandeira, em prosa: *Um dos dias de O Turista Aprendiz*. Há também uma crônica intitulada *Flor Nacional*, publicada em *Táxi*, no *Diário Nacional* a 7 de janeiro de 1930, segundo nota de Telê Ancona Lopes, em *O Turista Aprendiz* (p. 86).

Entre as anotações desse dia, M. de A. descreve, em longo trecho, a jangada:

A jangada, até cinco mil toros às vezes descendo por maio até Manaus. Alguns vão mesmo até os estreitos de Breves, onde se desmancham pra os toros serem embarcados com destino à estranja, Estados Unidos principalmente. São ilhas largas, vogantes em que vêm morando por meses famílias inteiras que constroem seus ranchos, trazem vacas, porcos, galinhas e os xerimbabos, papagaios ensinados, cachorros, tajás de estimação, e vivem de vida comem descendo este mundo de águas. Às vezes a jangada é pegada por alguma corrente fortuita, bate nalgum braço de rio, margem firme, igarapé, igapó e tudo se destroça, é o fim. Tudo se desagrega, os toros se dispersam, uns seguem, outros não seguem. Mas em geral, por causa da classe, as águas se movimentam das margens para o centro do rio, e assim as jangadas, entregues a si mesmas, descem certo. Mas sempre interrogativamente, chegarão? Não chegarão? Ninguém sabe e ninguém pode, é a sorte (ANDRADE, 1983, p. 86).

A descrição aproxima-o de Júlio Verne, já citado anteriormente. Salvaguardando os exageros do último, a jangada, que dá nome ao romance, possui gigantescas proporções se comparada as de uma aldeia flutuante levada pela correnteza do rio. Nela, além de toda a família do fazendeiro, vieram os agregados, os empregados, os animais de estimação, com os gêneros necessários para a alimentação e sustento dos viajantes até Belém. Como se vê, os exageros do autor de *Viagem ao fundo do mar* não são tão imaginativos como se possa pensar.

No dia 8 de junho, último dia em que a comitiva permanece em Manaus, M. de A. visita o mercado local. Acha-o menos interessante e menos rico em comparação ao Ver-o-Peso. Visitam a fábrica de beneficiamento da borracha e Associação Comercial, compromissos maçantes, segundo o poeta. A partida dá-se às dezessete horas, no cais onde mais uma vez estavam todas as autoridades locais.

Nos dois dias seguintes aportaram em Manacapuru e Codajaz, lugares que não despertaram interesse em M. de A. As anotações seguintes falam da monotonia sentida naquele momento: "Os troncos rolando por debaixo do casco chato do

Vaticano. Novo jacaré morto, enfeitado de urubus. E sempre essas ilhotas de capim, periantãs chamados, vagando rio abaixo” (ANDRADE, 1983, p. 94).

Este mesmo sentimento está presente em Euclides da Cunha, quando na viagem pelos rios descreve:

É, sem dúvida, o maior quadro da terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alevantam de uma banda, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou [...]. E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem em poucas horas o observador cede às fadigas de monotonia inaturável e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares (CUNHA, 1999, p. 1-2).

No dia 11 de junho, a comitiva chega à Coari. Nada de extraordinário acontece:

Ali pelo meio dia descemos na bonitinha vila de Coari, uma vontade de desafogar. Tudo era bonito, tudo era são, a ponte gentil. Compramos castanha, comemos castanhas em quantidade. Calor. Partimos rebocando um canoão e o tal vendedor de fruta, negro que faz parar os navios da Amazon River com um canhãozinho (ANDRADE, 1983, p. 94).

A viagem prossegue com seu roteiro no “Vaticano S. Salvador” e aporta nas localidades de São Luís, Caimbé, Centenário, o sítio S. Isidoro e em Tefé. No começo da noite, o navio pára em um porto-de-lenha. “Céu do Equador. domínio da Ursa Maior, o grande Saci...”. Segundo nota explicativa, nesse trecho encontra-se uma das chaves de *Macunaíma*:

A Ursa Maior, estrela que a tradição consagra como guia dos navegantes e que é visível apenas do Equador para o Norte, está na obra de MA indicando a necessidade de uma civilização tropical, adequada à realidade sul-americana, por ela própria maravilhosa, onde deveria ser fruído o ócio criador, a preguiça (ANDRADE, 1983, p. 97).

Embora a viagem prossiga até Iquitos, no Peru, com várias paradas em lugarejos para abastecimento ou entrega de correspondência, nosso interesse localiza-se em Coari. Isto não significa que o que aconteça a seguir não seja importante para a história da literatura ou para um estudo sobre o processo criativo da obra de M. de A..

3 O MODERNISMO NO PARÁ

3.1 BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO

Assim como o movimento modernista de 1922 buscou suas raízes nas manifestações artísticas europeias, da segunda década do século XX, o modernismo no Pará não começou em 1923, como se costuma afirmar. Os primeiros ensaios nesse sentido remontam ao ano de 1916, quando da publicação da revista *Efemiris*, em torno da qual reuniram-se Lucídio Freitas, Tito Franco, Alves de Souza e Djard Mendonça.

Esse fato não é estranho, pois Belém ainda vivia os reflexos do período áureo da borracha. A localização geográfica da cidade — a proximidade dos grandes centros europeus, como Paris, Londres e Lisboa — também favorece a aproximação às novas idéias. Observa-se uma grande quantidade de livros e revistas estrangeiras disponíveis nas livrarias locais, como o registro da propaganda publicado na revista *Efemiris*:

Pará — chic — livraria e papelaria (...) Revista Brasileiras, Portuguesas, Inglesas, Francesas, Espanholas e Italianas. Livraria Alfacinha — (...) Livros e Revistas Nacionais e Estrangeiros — Recebe por todos os vapores as últimas novidades literárias do Rio de Janeiro, de Portugal, e França. Tem sempre os últimos números da revista Je sais tout, Lectures Pour Tous, La science et la Vie, Bayonnette, La Esfera, Blanco y Negro, El mundo gráfico, Per esos mundos, Ilustração Portuguesa, etc., (...) encarrega-se de qualquer encomenda de livros e revistas estrangeiras e nacionais. (CASTRO, FAVACHO & MEIRA, 1990, p. 128).

O crítico Benedito Nunes, referindo-se a essa época faz o interessante relato:

Belém de Paris também era Paris de Belém. Em constantes viagens de uma para outra, os seringalistas e os grandes fazendeiros, membros de prol da

classe abastada, dominante, aproximaram e até confundiram as duas metrópoles. Famílias mandavam lavar a roupa em Londres ou encadernar livros em Paris, outras saíam diretamente da ilha do Marajó para bordo dos paquetes que as levavam à Europa: havia também as que passavam temporadas de um ou dois anos na Suíça ou Bélgica (NUNES, 2006, p. 32).

Na entrevista concedida em 1990, referida anteriormente, AB, questionado sobre o envolvimento de Raul Bopp com os modernistas paraenses, comenta a troca de correspondência entre eles:

Posteriormente, eu me reencontro com ele, através de correspondência. E através de uma carta que ele me mandou da Alemanha, onde vem uma espécie de manifesto modernista, nessa carta. O que ele entende como maneira de produzir algo que pudesse servir aos nossos sentimentos brasileiros, a brasilidade, ao país. Criticando aqueles modismos europeus da nossa literatura, aquela coisa toda. É uma carta longa (Trecho da entrevista concedida por Aguar Bastos a Ruy Barata e Vasti Arújo em 1990, em São Paulo)

Assim, explica-se o fato de os intelectuais paraenses terem conhecimento das inquietações culturais que movimentavam a Europa. Ao lado desta razão, eram costumeiras viagens de europeus à Amazônia e vice-versa, facilitando o intercâmbio de idéias e a chegada das novidades que agitavam os mais ávidos por informações e mudanças.

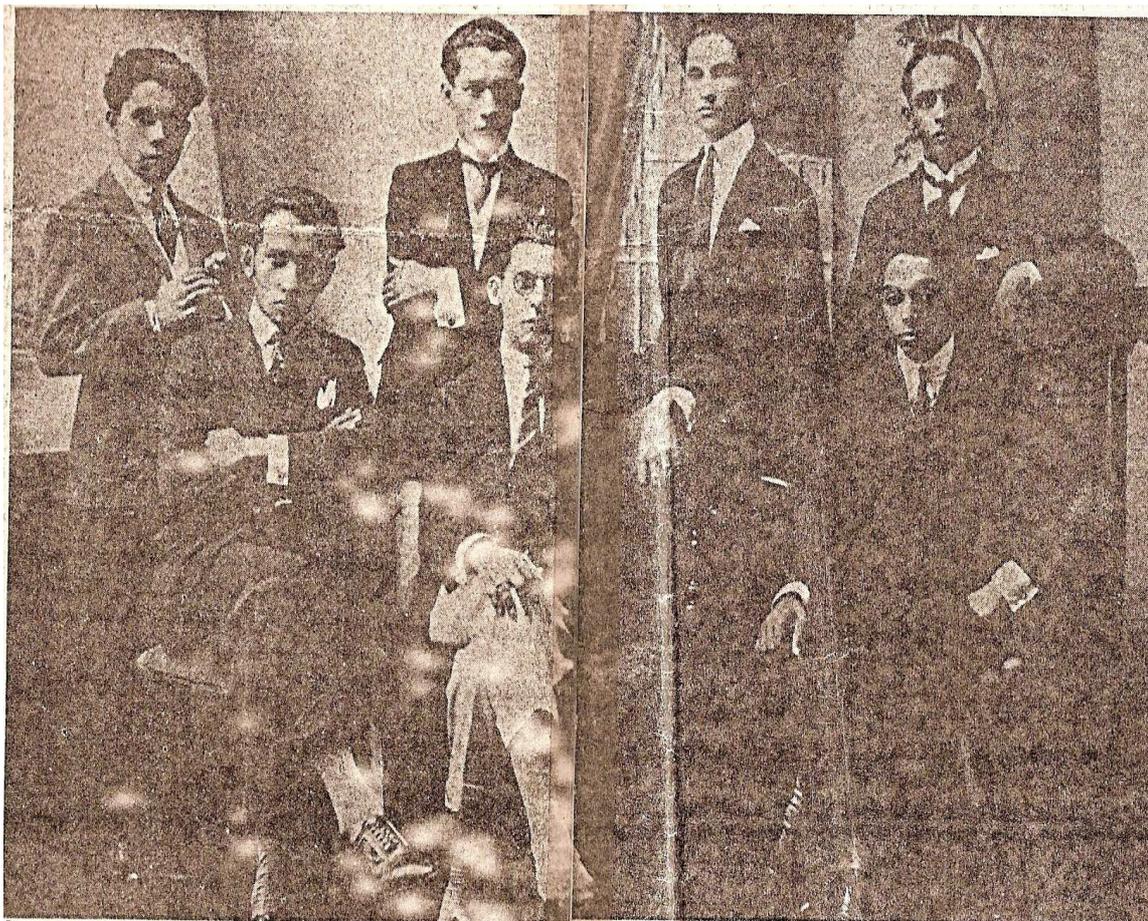


Fig 12 - Grupo dos Novos¹³

¹³ Grupo de intelectuais paraenses numa fotografia feita em Belém do Pará, em 1924, durante a visita do "modernista" pernambucano Abgar Soriano de Oliveira, Da esq. para a dir., sentados: De Campos Ribeiro, Abgar Soriano de Oliveira, Clóvis de Gusmão; em pé: Paulo de Oliveira, Bruno de Menezes, Edgar de Souza Franco e Farias Gama. Compunham o "Grupo dos Novos", fundado pelo poeta Bruno de Menezes e o responsável pela publicação da revista "Belém-Nova" (1923/1929) (Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo, datado de 13/05/73)

O modernismo “paraense” acompanha os outros modernismos, que em seus primeiros momentos opõem-se radicalmente às correntes literárias anteriores, principalmente ao Romantismo e ao Parnasianismo. Por isso, nos eventos da Semana de Arte Moderna, são tão presentes as manifestações de repúdio e crítica aos passadistas. Embora essa postura estivesse mais presente nos discursos que nas obras propriamente ditas.

Fundam-se revistas e jornais como forma de propagar o novo ideário modernista. M. de A., Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida criam a Revista *Klaxon*, periódico que procurava fugir aos exageros da Semana de Arte Moderna, orientando os novos escritores no sentido de construir algo realmente duradouro, que os levasse à reflexão e fosse, ao mesmo tempo, um espaço para exercitar a nova estética. Entre os temas dos artigos estava o elogio ao progresso, nos moldes do movimento futurista de Marinetti, lançado na Itália, referências ao *jazz band*, ao cinema — do qual transpunham para os poemas a técnica da montagem, da fusão e cortes; a nova mulher, inserida no mercado de trabalho, participante, ativa, companheira nas idéias dos que ansiavam por um novo postulado ético.

Em Belém, não faltaram grupos e periódicos em busca da compreensão do novo movimento, que indicava não só uma nova estética, mas, também uma mudança de comportamento. Foi então que surgiu um grupo formado por estudantes, jornalistas e poetas, objetivando criar uma entidade que congregasse os novos e promovesse o fortalecimento de seus ideais. Essa meta concretizou-se em 14 de julho de 1921, com a fundação da Associação dos Novos, idealizada, de acordo com o depoimento de De Campos Ribeiro, por Paula de Oliveira. As reuniões, inicialmente, aconteciam aos domingos e seguiam todos os trâmites necessários para uma organização associativa como, por exemplo, a discussão dos estatutos. Depois dessa fase, costumavam promover conferências e debates sobre assuntos literários e cívicos.

A revista *A Semana*, dirigida por Alcides Santos, era o primeiro instrumento de divulgação das atividades da entidade. Mais tarde, a revista *Belém Nova* passou a exercer essa função.

A agremiação contava também com a participação de mulheres. Segundo depoimento de AB, uma jovem e bela poeta, chamada Brites Mota, era considerada “musa” dos Novos. Diz ainda que muitos dos “velhos” acabaram por se juntar à associação, sem prejuízos, como José Simões, Severino Silva, Rocha Moreira, Inácio Moura, Eustáquio de Azevedo, que publicara sua *Antologia Amazônica*, em 1904.

Em entrevista à revista *Belém Nova*, Eustáquio de Azevedo, ao mesmo tempo que enumera os participantes da associação, sintetiza em comentários os valores de cada um:

Elzeman de Freitas, como parnasiano, embala-me o espírito com seus alexandrinos clássicos; Jacques Flores empolga-me os sentidos dedilhando uma de suas lindas baladas líricas; Bruno de Menezes recebe meus aplausos pelos seus excelentes artigos críticos; Abguar Bastos surpreende-me com seus estranhos versos modernos; Paulo de Oliveira encanta-me com a leitura de um artigo de polêmica cerrada contra as velharias literárias... Muniz Barreto delicia-me com seus versos emotivos e suas palestras singelas; Ernami Vieira entusiasma-me com os seus sonetos aos navegadores ousados; Chermont de Brito faz-me passar horas de emoção com os seus contos naturalistas bem delineados; De Campos Ribeiro atrai-me com suas crônicas de arte; Teodoro Brazão e Júlio Martins sugestionam-me com a leitura de sua prosa escorreita. (CASTRO, ILDONE e MEIRA, 1990, p.175).

Diferente do sul do país, em que o modernismo, à medida que o tempo avançava fragmentava-se em novos grupos como o Pau-Brasil, Verde – Amarelo, Antropofagia e o grupo da Anta, no Pará, os modernos não divergiam, pelo menos,

não explicitamente. Procuraram antes promover discussões, avaliar e projetar seus ideais em periódicos e revistas. Dentre essas destaca-se a revista *Belém Nova*.

Fundada pelo poeta Bruno de Menezes, a revista *Belém Nova* circulou de 15 de setembro de 1923 a 15 de abril de 1929; sendo uma das que mais ganhou durabilidade na Amazônia. Sua redação e administração serviam não apenas para sua impressão, mas para a do Diário Oficial do Estado.

Quinzenal, em suas páginas encontrava-se o que ocorria no mundo das artes e os acontecimentos sociais que agitavam a sociedade paraense.

José Ildone, cita Eimar Álvares, que publicou em 1985, uma pequena antologia intitulada *Poetas da Belém Nova*, assim testemunhou a respeito do envolvimento dos colaboradores da Revista:

[A revista] Contou com a participação da maioria dos que integravam a ala jovem dos intelectuais paraenses, na época tais como: Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro, Wenceslau Costa, Nuno Vieira, Arlindo Ribeiro de Castro, Clóvis de Gusmão, Sandoval Lage, Lauro Paredes, Muniz Barreto, Edgar Franco, Jacques Flores, Mário Plátilha, Abguar Bastos. (IDEM, 1990, p. 235)

Uma prova de que na revista conviviam novos e antigos, ou futuristas e passadistas — como eram chamados na época os modernistas e os que a eles se opunham —, é a referência a escritores que já contavam com prestígio e evidência, além de terem um posicionamento claro de apego às escolas românticas e parnasianas, entre os quais: Olavo Nunes, Eustáquio de Azevedo, Carlos Nascimento, Djard de Mendonça, Gastão Vieira, Elmano Queiroz, Alfredo Ladislau, Augusto Meira, Farias Gama, Raimundo Moraes, Misael Seixas, Severino Silva (O primeiro “príncipe” dos poetas paraenses) Rocha Moreira, Santana Marques, Nogueira de Farias, Edgar Proença, José Simões, Olívio Raiol, Wladimir Emanuel, Júlio Martins, Romeu Mariz, Thomaz Nunes, Luiz Barreiros e Álvaro Maia.

A colaboração externa vinha de Péricles de Moraes e João Lessa, do Amazonas; Celso Pinheiro e Pedro Velho, do Rio Grande do Norte; João Franco de Sá e Assis Garrido, do Maranhão, além de Joaquim Inojosa e Austro Costa, de Pernambuco.

No número inaugural a *Belém Nova* contou com Apolinário Moreira, Inácio Moura, Pereira de Castro, José Leoni, Chermont de Brito, Ernani Vieira, Vicente Abranches, Elzemar de Freitas, Luis Gomes, Lívio César. Entre os que vinham do Rio de Janeiro e outros estados estavam Eumáquio Diniz, Raul de Leoni, Tasso da Silveira, Adelino Magalhães, Francisco Galvão, Jaime Altavila, Carlos Garrido, Martins Napoleão, Carlos D. Fernandes, Antonio Vasconcelos, Peregrino Júnior e Raul Bopp.

Apesar da extensa lista de colaboradores, além de Bruno de Menezes, apenas quatro são citados como responsáveis diretos pela organização, elaboração e composição, revisão, impressão e divulgação da revista: AB; Clóvis de Gusmão, jornalista e poeta que mais tarde trabalharia na imprensa paulista; Pedro da Silva Santos, jornalista e revisor do Diário Oficial do Estado e Eimar Tavares, como Gráfico.

A organização do periódico permitia uma representação em outras capitais, como Flávio Rubim, em Manaus e Luiz Torres, em Natal.

A capa da revista apresentava inicialmente o quadro de colaboradores e o sumário, mas, com o tempo, passou a utilizar fotos de intelectuais, políticos e senhores da sociedade. Era financiada, entre vários anunciantes, pela Caixa Predial do Povo, sociedade mútua de caráter regional, além da Livraria Moderna.

Joaquim Inojosa, um dos principais divulgadores das idéias da Semana de Arte Moderna no Nordeste, historiou o desenvolvimento do movimento no Pará, apontando Belém como a terceira capital a aderir ao modernismo com a publicação da revista *Belém Nova*. Esse depoimento é feito no Suplemento Literário do Jornal *O Estado de São Paulo*, datado de 13 de maio de 1973, intitulado "O movimento Modernista do Norte".

No artigo, Inojosa mostra-se firme em ressaltar a importância da figura de Bruno de Menezes como principal divulgador do movimento em plagas paraenses.



Fig 13 -Bruno de Menezes¹⁴

¹⁴ Arquivo do escritor AB

Nascido em Belém em 1893, Bruno de Menezes (B. de M.) foi poeta, ficcionista, folclorista, músico e jornalista. Sua primeira obra foi publicada em 1920, um livro de poemas, ainda sob os eflúvios do Simbolismo, intitulado *Crucifixo*.

José Ildone, em trabalho anteriormente citado, aponta a possibilidade de ter sido *Bailado lunar*, de B. de M., publicado em 1924, o primeiro livro de poesias de coloração modernista. Embora não deixe de ressaltar as falhas, pois nessa obra o poeta ainda não atingira as modernidades pretendidas por M. de A., no *Prefácio Interessantíssimo*, de *Paulicéia desvairada*. Permaneciam ainda os “sentimentalismos românticos, pormenores inúteis e repetições fastiosas”.

Em *Bailado lunar*, segundo Ildone, estariam presentes ainda adjetivos desnecessários, integrando expressões fortemente românticas; titulação abstrata de conteúdo romântico, ambiência e atmosfera românticas; uso de termos estrangeiros, alguns de sentido humorístico; rima, métrica e estrofação regular, comuns aos poetas que não nasceram modernistas. No entanto, já é possível perceber citações a Braque e Picasso — dois expoentes da vanguarda européia — uma tentativa de mudança.

A maturidade poética B. de M. seria alcançada com a publicação de *Batuque*, em 1931. É significativo o que diz José Arthur Bogéa, no verbete *Ideologia da negritude*, no ABC de Bruno de Menezes:

O livro *Batuque* (1931) é contemporâneo da “Diáspora Negra” e dos movimentos de independência nos países africanos; está próximo da “Renascença Negra” nos Estados Unidos, do “Indigenismo” no Haiti sob ocupação norte-americano e/ou “Cubismo” de “Nicolas Guillén; É nesse panorama mundial que a poesia de Bruno de Menezes deve ser situada,

para não ficar apenas numa negritude cultural, mas ir para dentro da ideologia, embora sob alguns aspectos ambígua- segundo a análise de Maria Carrilho, em "Sociologia da negritude" - do movimento; Amadou Mahtar M'Bow ao traçar um quadro dos escritores "em busca de uma personalidade" cita Jorge Amado; Mais que isso justifica presença de Bruno de Menezes entre eles.

Além desse livro de poemas, B. de M. publicou *Lua Sonâmbula*, em 1953, *Poema para Fortaleza*, em 1957 e *Onze Sonetos* (Prêmio Cidade de São Jorge dos Ilhéus — Bahia — 1960).

A obra de B. de M. abrange estudos sobre o folclore. Nessa área publicou *Boi bumbá-auto popular*, em 1958 e *São Benedito da praia – folclore do Ver-o-peso*, em 1959. Como estudo literário publicou *À margem da "Cuia Pitinga" - um estudo sobre o livro de Jacques Flores*, em 1937; Prosa de ficção com *Maria Dagmar*, novela de 1950 e *Candunga*, romance prêmio "Estado do Pará", em 1954.

3.2. BRUNO DE MENEZES E ABGUAR BASTOS.

Tal como M. de A. e Oswald de Andrade foram responsáveis pela propagação do Modernismo no Brasil, Bruno de Menezes e AB foram os arautos do movimento na Amazônia.

AB, personalidade importante em verso e prosa do modernismo no Pará, surge no número 5, da revista *Belém Nova* com uma mensagem intitulada *À geração que surge* (constante no anexo deste trabalho).

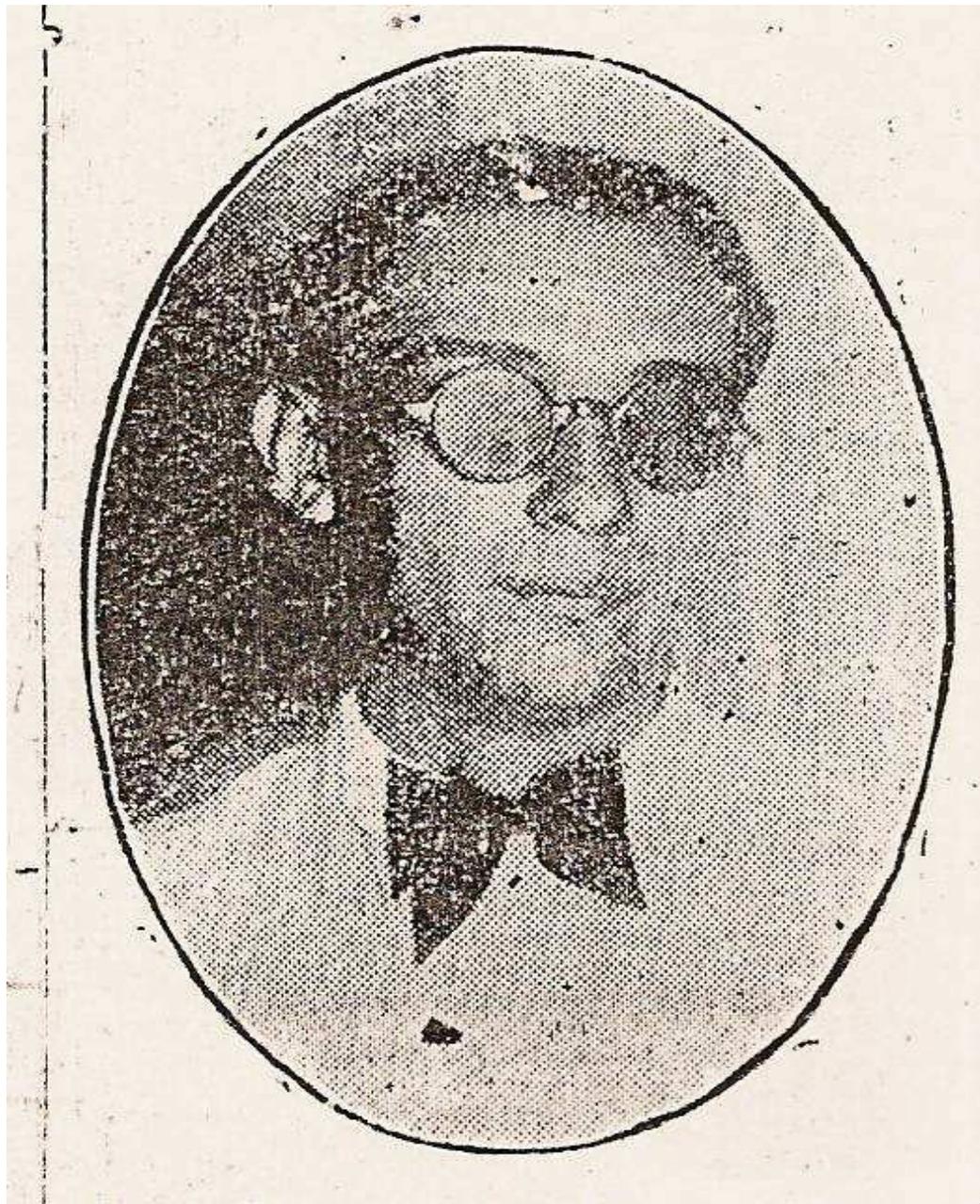


Fig 14 – ABGUAR BASTOS ¹⁵

¹⁵ Arquivo do escritor Abguar Bastos

Nascido em Belém, em 23 de novembro de 1902, AB foi romancista, poeta folclorista, sociólogo, historiador, conferencista, teatrólogo, jornalista, tradutor de francês e de espanhol, de livros de História, Economia, Filosofia e Psicanálise, incluindo Engels e Lênin, entre outros, em suas traduções.

Foi membro correspondente das Academias de Letras do Pará, Amazonas e Paraíba, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e de São Paulo, membro honorário da Associação Brasileira de Folclore, membro fundador da Associação Brasileira de Escritores - ABE; detentor do prêmio intelectual do ano de 1987 – Troféu Juca Pato.

Como político, foi deputado federal pelo Pará, em 1934 e por São Paulo, em 1955. Em 1927, lançou na revista *Belém Nova*, o *Manifesto Flaminaçu* (grande chama), ponto de partida para uma corrente literária renovadora, que se alinhava ao movimento modernista de 1922.

O manifesto conclamava a adesão ao Modernismo como forma e a adoção da Amazônia como conteúdo, principalmente seus mitos e lendas.

Para AB, o Manifesto Flaminaçu se divide em cinco fases, a saber: os poemas da nova fase, como "*Iaci*", publicado no Rio de Janeiro ou o "*Poema*", (saído no número um da revista *Antropofágica*); "*Os Bárbaros*"; a conferência em Manaus "*Fenômeno Moderno de Modernidade*"; o micro ensaio sobre o livro de Eneida de Moraes, em que lança novos conceitos sobre a poesia moderna e o romance *Terra de Icamabas*, que saiu anteriormente com o título de *Amazônia que ninguém sabe*.

3.3. ABGUAR BASTOS E MÁRIO DE ANDRADE: DESENCONTROS E ENCONTROS

Para esta pesquisa, interessa particularmente a figura de AB, contemporâneo dos acontecimentos relatados no primeiro capítulo e que envolvem a viagem de M. de A. à Amazônia.

A estadia de M. de A., em Belém, seria uma excelente oportunidade para a tão esperada aproximação entre o escritor de *Macunaíma* e aquele que ajudara a solidificar o Modernismo no Pará. No entanto, tal encontro não aconteceu, apesar de M. de A. permanecer exatos sete dias em Belém. Como visto anteriormente, M. de A. cita como “gente modernizante” apenas Gastão Vieira e suas constantes visitas ao Grande Hotel. No dia 27 de maio, na partida de Belém para seguir viagem a Iquitos, M. de A. menciona, além de Gastão Vieira, mais dois literatos, mas não declara nomes. Na noite de 28 de julho, M. de A. diz: “Noite com Gastão Vieira mais um poeta. Leio ‘Noturno de Belo Horizonte’, esbalordando os dois. Gastão, uma comodidade sem mistura, delícia de companheiro.” (ANDRADE, 1983 p. 172). São essas as referências aos modernos de Belém em o *Turista Aprendiz*. Em nenhum instante M. de A. cita Bruno de Menezes ou AB.

Neste momento, apresento a ligação entre M. de A. e AB, que apesar de não se encontrarem fisicamente durante o tempo em que o autor de *Macunaíma* esteve na Amazônia, encontram-se na ficção realizada pelo último, no romance *Safra*.

É necessária uma apresentação do romance para situá-lo no contexto desta pesquisa.

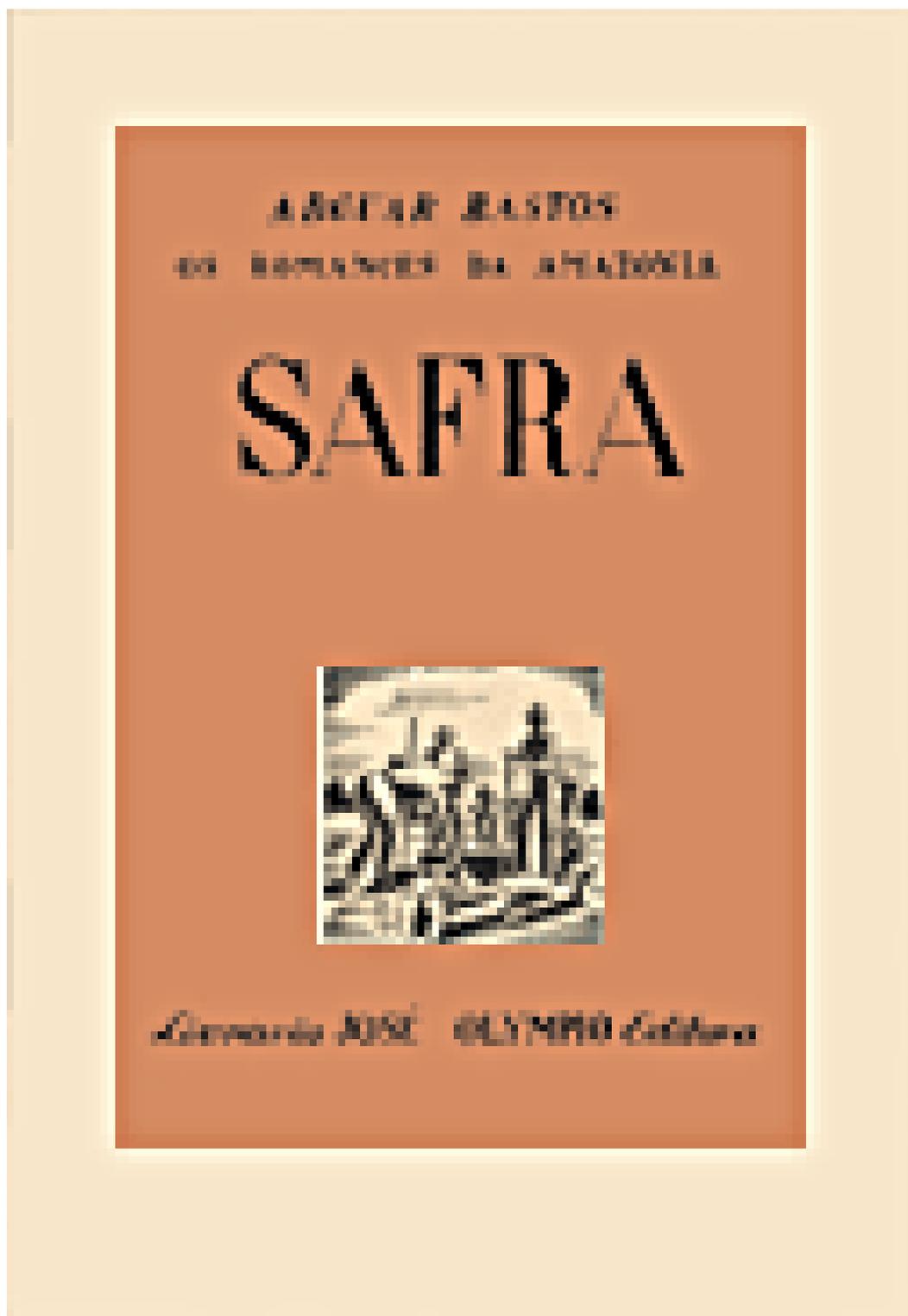


Fig 15 - Capa do romance Safra, 1.^a edição, José Olímpio, Rio, 1937¹⁶

¹⁶ Foto do site: www.abguarbastos.com.br.

O romance *Safra* saiu em 1ª edição em 1937. Em 1939, ganhou uma edição em língua espanhola e, em 1958, uma segunda edição em língua portuguesa. A temática do romance gira em torno do extrativismo da castanha-do-Pará e o sofrimento que afligia os trabalhadores explorados pelos latifundiários. A ação localiza-se em Coari. Praticamente, não há personagens centrais, podendo-se dizer que o sofrimento e a fome dos trabalhadores são os personagens principais no romance. AB, na entrevista em 1990, posicionando-se sobre o romance, diz:

[No *Safra*] faço uma descritiva da miséria da Amazônia e da exploração do homem pelo homem. Exploração do latifundiário pelo produtor pobre, que ele asfixia, esmaga, toma a terra etc. Bom, e eu faço aquele traço, aquele panorama da fome, daquela coisa toda.

O romance segue os moldes da segunda geração modernista, que trazia como característica principal a denúncia das mazelas sociais. Despontava um Brasil multifacetado, apresentado em sua diversidade regional e cultural, mas com problemas comuns em todas as regiões: a miséria, a ignorância, a opressão nas relações de trabalho, as forças atávicas da natureza sobre o homem desprotegido. Por meio da obra de autores, como Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Dionélio Machado, Dalcídio Jurandir, o quadro social, econômico e político que se verificava no Brasil e no mundo, no início da década de 30, leva os artistas e intelectuais a uma tomada de posição ideológica, o que resulta numa arte engajada, de clara militância política.

O contexto amazônico vivia o período da decadência do Ciclo da Borracha. Centenas de trabalhadores, desiludidos com a seringa eram levados ao extrativismo da castanha-do-Pará, deixando-se explorar pelos latifundiários da região. O

pensamento de Dalcídio Jurandir sobre o romance *Safra* é esclarecedor: "Abgaur Bastos continua a crescer e a colher na vida as profundas experiências humanas com que enriquece e leva a sua arte para a plenitude e para o futuro"(fonte?). AB relata as preocupações do autor de *Chove nos Campos de Cachoeira* num trecho da entrevista quando lembra que Dalcídio Jurandir criticara seu exagero na estilização da fome:

Então o Dalcídio Jurandir um dia se encontra comigo e me diz assim: "Mas seu colega, você não estilizou demais aquela sua fome?" De fato, eu tinha estilizado a fome. Fome não se estiliza, não é? Fome é fome, não é? Bom, mas é a tal mania, de querer dar um revestimento artístico.(fonte?).

Uma das características apresentadas no romance *Safra* está, justamente, na mistura estilística, mesmo da experimentação estética, pois, ao lado dos capítulos que denunciam os sofrimentos vividos pelos trabalhadores, surge um capítulo intitulado "A Rainha do Café", que, aparentemente, destoa dos outros. Nesse, o autor aproveita para introduzir uma sátira a M. de A..

AB no período em que M. de A. esteve na Amazônia encontrava-se em Coari como tabelião do município. Tomara conhecimento da visita de M. de A. pelos jornais. E, ao saber que o autor a quem tanto admirava como um dos líderes do modernismo, secretariava D. Olívia Guedes Penteado — para ele representante das oligarquias sulistas —, sentiu uma espécie de menosprezo. Quando da passagem da comitiva por Coari, não se aproximou e acabou por extravasar esse sentimento satirizando o poeta. Na entrevista, ao explicar a sua ligação com M. de A., AB diz:

(...) Eu era o tabelião lá do município. Eu e o Mário de Andrade. Disseram que ele ia como secretário da Rainha do Café, mas não ia como secretário,

não. Amigo tal, eles eram amigos aqui, daquela roda da Semana moderna. O Mário, eu vou contar, por minha.... Os meus contatos com o Mário...

R. B. – Sim.

A. B. - ... Foram muito curiosos. Eu estava lá quando o navio encosta e salta a Rainha, não é? Bem vestida, com duas sobrinhas, levava duas sombrinhas também, com aquelas sombrinhas. As sobrinhas com aquelas sombrinhas.

R. B. – Todos de branco...

A. B. – Aquela coisa e tal, farfalhantes. E o... a Rainha de Lagnou e o... e o Mário de Andrade com um binóculo olhando o lago, espiando o lago, um lago bonito, o lago de Coari, aquela coisa toda. Muito bem, não demoraram dez minutos, o navio encostou e já largou e foram embora. Mas eu fiquei furioso daquele negócio do Mário de Andrade, que eu admirava.

R. B. – Tu já conhecias o Mário?

A. B. – Já conhecia através, através de leitura.

R. B. – De leitura?

A. B. – Através de leitura e admirava, achava que o Mário, ao lado do Oswald...

R. B. – Sim.

A. B. - ...eram os dois campeões do Modernismo.

Dois anos após a entrevista realizada em 1990, AB publica uma crônica na revista da Associação Paraense de Escritores - APE, sob o título *Mário de Andrade, O coração sem mágoas*. Apesar de AB fazer uma confusão de datas, o cronista diz o seguinte:

Estava eu, pelas alturas de 1928, em Coari, no rio Solimões, no Amazonas, quando ali desembarcaram por algumas horas dona Olívia Guedes Penteadado que vinha aureolada como "Rainha do Café", duas sobrinhas e Mário de Andrade.

Já sabia que ele vinha, segundo os jornais, como secretário da "Rainha", o que me desgostou profundamente, dada a sua importância intelectual. Tão aborrecido estava que não fiz nenhuma questão de lhe ser apresentado. Ele levava um binóculo e uma máquina fotográfica a tiracolo.

E prossegue, adiante:

Foi nessa ocasião que resolvi encaixar no romance uma sátira contra Mário, que nele aparece sob a pele de Mário d' Almada. Ainda não lhe perdoara o papel de secretário da ilustre senhora, ainda que ela tivesse sido uma das famosas madrinhas da grei modernista em São Paulo.

Num dos capítulos do *Safra*, intitulado *A rainha do Café*, Mário d'Almada espia o Lago, as lonjuras do Lago, enquanto as sobrinhas da "Rainha" lhe cobram que prometera mostrar-lhes a cobra-grande, o curupira, o mapinguari, a mãe d'água, engenhos da mitologia e do folclore cablocos.

Macunaíma é Macopapaco não querendo entrar no romance do paulista. (Revista da APE, 1992, p. 37)

Interessante observar a variação do tempo da permanência de M. de A. em Coari: na entrevista AB lembra que durara apenas "dez minutos" e esse tempo trabalhado na crônica se prolonga "por algumas horas". O tempo da narrativa no romance parece se adequar mais à verve irônica de AB, como é possível observar no capítulo intitulado "A Rainha do Café", a narrativa começa com o tom fabulístico:

Uma vez chegou à Vila a Rainha do Café. Vinha de São Paulo, terra do café, com vestidos deslumbrantes. Chamaram-na, respectivamente, no Maranhão: a "ilustre", no Pará: a "inconfundível", no Amazonas, a "insigne" Rainha do Café. Teotônio, que ia passando, viu tudo.

A Rainha levava no séquito duas jovens sobrinhas e um secretário famoso, não por ser o secretário, mas em virtude de ser autor de dois livros que haviam assustado, sobremodo, a arte nacional.

A visita da Rainha à Vila não deixava de ser um acontecimento. Puseram duas pranchas superpostas para que não corresse perigo o peso da Rainha. Ela pulou em terra se abanando muito, com receio dos mosquitos, dos morcegos e dos piuns. Ao transpor a prancha, disfarçadamente, engoliu uma grama de quinino e, para ser amável, em vez de fazer uma careta, sorriu com muita superioridade. (BASTOS, 1958, p. 135)

No que se refere às companheiras de viagem de M. de A., ao serem ficcionalizadas no romance, observa-se que AB é muito mais feroz em relação à

figura de D. Olivia Guedes Penteado, descrita como detentora de um certo esnobismo.

Difícilmente AB teria conhecimento dos registros fotográficos feitos por M. de A. durante a viagem, divulgados em data muito posterior à publicação do romance *Safra*, mas como se pode observar os dois autores assemelham-se poeticamente quando se referem ao comportamento extrovertido das duas jovens: "As meninas correram pela ponte e rodaram no ar as finíssimas sombrinhas" (BASTOS, 1958, p. 135).



Fig 16 - Praia do Madeira/ 8-V-II-27

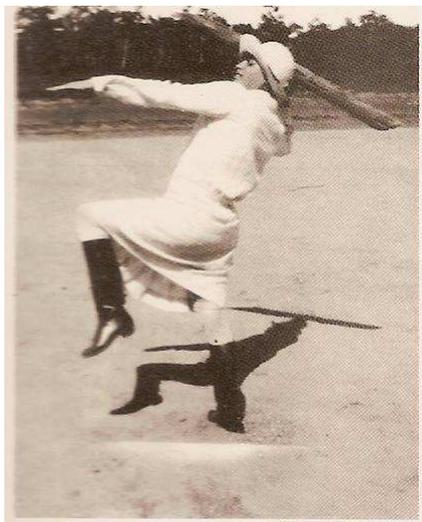


Fig17 - Dolur na praia/Madeira/ 8-VII-27/Ritmo
Junho- 1927 /



Fig 18 - Amor e Psiquê no Solimões/
Canova

Mário d'Almada, apesar de ser descrito como um escritor reconhecido nacionalmente e importante como inovador da "arte nacional", é apresentado como: pedante e afetado, conhecedor da mitologia amazônica, mas vítima das espertezas caboclas:

- Onde tem curupira ?
- Ninguém sabe.
- E mapinguari ?
- Que é isso ?
- Um bicho com perna de gente. Tem um olho na testa.
- Ninguém conhece esse bicho, moço,
- E a mãe-d'água ?

Um dos caboclos chamou o companheiro:

- Olha aqui, Jingo. O moço pergunta pela mãe-d'água.
- Mãe-d'água é uma cobra, sim senhor.
- Não vira mulher?
- Que eu saiba, não senhor.
- E a uiara?
- Uiara ?
- Sim, também não conhecem?
- Que é uiara, entences ?
- Uma jovem, de cabelos compridos, que aparece nos lagos.
- Ah! Isto, aqui, não é uiara, não senhor. É visage.

O poeta ficou zangado. As meninas estavam caladas.

E como os caboclos ficassem rindo, com a cara brilhando de óleo os cabelos compridos, os olhos pequeninos e vermelhos, as canelas de fora, com uns pés horríveis plantadas no chão, o poeta e as meninas acharam, de repente que estavam defronte de seres muito esquisitos. O secretário nada dissera às meninas, mas compreendera que os caboclos estavam zombando. Conheciam curupira, mapinguari, mãe-d'água. Mas estavam marombando, despistando, porque não queriam contar os segredos dos seus rios e das suas matas a qualquer estranho que chegasse e perguntasse. E continuaram piscando, matreiros, tomando confiança com os olhos e os beijos. (BASTOS, 1958, p. 144, 145)

Observa-se que tanto no romance quanto na entrevista, AB reconhecia a importância de M. de A. para o Modernismo, mas parece simpatizar mais com Oswald de Andrade, líder da corrente antropofágica do movimento. A antipatia por M. de A. não é episódica, circunscrita apenas ao romance *Safra*, mas, também, ao deixar de mencioná-lo quando faz um balanço da história do Modernismo e sua inserção nesse.

Em *Safra*, satiriza a comitiva, porém quando se refere a Oswald de Andrade, cita-o pelo nome e como romancista. Durante a entrevista menciona Oswald de Andrade três vezes: a primeira vez, ao se referir à publicação de *Os condenados*, quando fizera a defesa do mesmo em oposição à opinião de Bruno de Menezes, como se vê quando historicizar a repercussão do Modernismo no Pará:

A. B. – Bom, lá pra diante, porque o Movimento, o ... o lançamento do Movimento foi em 22, mas havia um processo longo, do desenvolvimento de modernismo que veio até 1930 ou 31, por aí a fora. Bem, o Oswald de Andrade publicou *Os condenados* dentro do... da técnica modernista etc, aquela coisa toda. O Bruno de Menezes publica um artigo contra *Os condenados*. Era uma coisa esquisita, que não dava... bom, e eu saí em defesa d'*Os condenados*.

R. B. – De 30 em diante?

A. B. – Não

V. – Antes.

A. B. – Muito antes, mais ou menos...

R. B. – Faz um esforço

A. B. – Olha, lá por...

R. B. – Semana?

A. B. – ... Lá por 26, 27, ali na época do Manifesto Falaminaçu

A segunda referência aparece durante o comentário sobre suas leituras de autores modernistas, no qual cita Oswald de Andrade e Menotti del Pichia. E não faz menção a M. de A., e, a terceira vez, quando cita Oswald de Andrade como único

poeta modernista: "O mais autêntico modernista de todos é o Oswald de Andrade, o resto... Alguns são".

M. de A., ao escrever *Balança, Trombeta e Battleship*, refere-se aos apelidos que dera às companheiras de viagens, também uma forma satírica de tratar o assunto. Nesse momento, postural e literariamente, os dois autores dialogam num humor, na presença de trocadilhos e na ficcionalização dos fatos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa *Notação de um Turista Aprendiz* apresenta-se dividida intencionalmente em duas partes. Aparentemente, a primeira interrompe-se abruptamente em Coari. No entanto, a segunda retoma o final da primeira, pois entendo Coari como ponto de intersecção. De alguma maneira, os acontecimentos contidos na primeira parte estão presentes na segunda, diferenciados pelas subjetividades e peculiaridades dos dois autores aqui estudados.

Durante a viagem, M. de A. fez apontamentos e fotografias, que posteriormente organizou de modo diferente. O mesmo ocorre com AB quando presencia a chegada da comitiva em Coari; mais tarde, como narrador do romance *Safra*, satiriza M. de A.; e ao lembrar 63 anos depois, rememora, colorindo e floreando, ao contar na entrevista, dialogando poeta/poeta com Ruy Barata; soma-se a isso, a organização dessas memórias no diferente formato exigido pela crônica *Mário de Andrade, O coração sem mágoas*.

A viagem de M. de A. contribuiu para a historiografia da literatura, os acréscimos do romance *Macunaíma*, poemas, crônicas e um acervo fotográfico que já mereceu dois estudos.

A mesma viagem, percebida de forma diferente, gerou para AB um capítulo do romance *Safra*, a crônica *Mário de Andrade, O coração sem mágoas* e as reminiscências contidas na entrevista já mencionada. Além do diálogo literário entre M. de A. e AB, a relevância desta pesquisa está em mostrar a ligação existente entre

os líderes do movimento modernista em São Paulo e aqueles que quiseram imprimir nas letras locais a renovação do pensamento estético de uma geração.

Embora esse diálogo ocorra no campo literário, não percebo o mesmo quanto à valorização da Amazônia, por parte da crítica nacional, no contexto da obra de M. de A..

Finalmente, gostaria de pedir licença para citar, com as devidas adaptações, o final do romance *Macunaíma*, que embora não caiba neste espaço, a mim serve como finalização do percurso desta pesquisa:

“Tudo ele contou pro homem (...). E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos”.

Os causos de Mário de Andrade e Abguar Bastos.

Tem mais não.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. A Raimundo Moraes (1931). In: LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma: a margem e o texto*. São Paulo: Hucitec 1974, 99. (5)

_____. *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*. São Paulo: Instituto Moreira Salles – Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

_____. *Cartas de M. de A. a Luis da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Vila Rica 1991, 75.(4)

_____. *Correspondência M. de A. & Manoel Bandeira* / Organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2000, p. 339.

_____. *Macunaima*. Edición crítica, Telê Porto Ancona Lopez, coord. 1ª reimp. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José de Costa Rica; Santiago de Chile: ALLCA XX/Scipione, 1997, 51-52. (8)

_____. *Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz*. Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, 1993.

_____. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, Introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez (2ª edição). São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1983.

_____. *Prefácios para Macunaíma*. (1928 – Fotocópia do manuscrito legado pelo autor a Luiz de Saia – IEB-USP) In: BATISTA, Maria et al. *Brasil: 1º tempo modernista – 1917-29*. Documentação. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1973.

BASTOS, Abguar. *Safra*. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.

BOGÉA, J. Arthur. *ABC de Bruno de Menezes – O Operário do Verso*. Série Xumucuí, 4. Belém: UFPA, 1992.

BOPP, Raul. *Poesia completa de Raul Bopp*. Org., preparação do texto e comentário de Augusto Massi. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EDUSP, 1998.

CASTRO, Acyr, ILDONE, José & MEIRA, Clóvis. *Introdução à literatura no Pará*. Belém: CEJUP, 1990.

CUNHA, Euclides. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DOYLE, Conan. *O mundo perdido*. São Paulo: Clube do Livro e Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1987.

FERNANDES, Ligia. *Mário escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro, Editora do autor, 1968 (3).

FERREIRA, Alexandre R. *Viagem filosófica*. Belém: Conselho Federal de Cultura, 1974.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*, Vol.2. São Paulo: ed. 34, 1999.(6)

JORNAIS PARAÓARAS: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

KOCH-GRÜNBERG. *Del Roraima al Orinoco*. Tomo II. Trad. Federica de Ritter. Venezuela: Ediciones del Banco Central de Venezuela, S/D, 49.(7)

MEDEIROS, Maria Lúcia. O lugar da Errância. In: *A Amazônia e a crise da modernização*. Organizado por Maria Ângela D´Incao & Isolda Maciel da Silveira. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.

MEIRA, Clóvis. *Médicos de outrora no Pará*. Belém: Grafisa, 1986.

Revista da APE. Ano VII, n.º 07, ano 1992.

NUNES, Benedito & HANTOUM, Milton. *Crônica de duas cidades*. Belém: Secult, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte Luas: viagem de paulmier de Gonneville ao Brasil – 1503/5*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SAVARY, Olga. *Poesia do Grão-Pará: antologia poética/organização, seleção e apresentação de Olga Savary*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2001.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária no século XX*. Trad. Wilma Freitas e Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

VERIANO, Pedro, (Coord.). *A Crítica de cinema em Belém*. Belém: SECULT, Desportos e Turismo, 1983.

_____. *Cinema no tucupi*. Belém: SECULT, 1999.

_____. *O Olympia de Rocha Moreira*. Asas da Palavra- Número Especial 100 anos de Cinema, Belém: Unama, nov. 1995.

VERNE, Júlio. *A jangada: 800 léguas pelo Amazonas*. São Paulo: Planeta, 2003.

Sites consultados.

<http://marcuspessoa.net/cinemapara/salas1.html> _ acessado em: 15 de Abril de 2008

<http://www.cabano.com.br/veropeso2.htm> _ acessado em: 15 de Abril de 2008

<http://www.wikipedia.com.br> _ acessado em: 15 de Abril de 2008

<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/mario/marioimages.htm> _ acessado em: 15 de Abril de 2008

<http://www.abquarbastos.com.br> _ acessado em: 15 de Abril de 2008

ANEXOS

ANEXOS

ARTIGOS COLETADOS NOS JORNAIS DA ÉPOCA

FOLHA DO NORTE¹⁷ (1896-1974)

FOLHA DO NORTE

Nº11.470

Sexta-Feira, 20 de maio de 1927.

Pág. 05

MARES E RIOS

O "D. Pedro I" entrado ontem, pela manhã, do sul, regressará amanhã, a 1 hora da madrugada-Trouxe 57 passageiros e 1.162 volumes de carga-uma homenagem do lloyd ao salvador do "D Pedro II". – Com uma viagem agradável, transportando cinqüenta e sete passageiros, dentre os quais várias pessoas de destaque, cujo nome vão registrados em gazetilha, está no porto, vindo do Rio Grande, via Rio, de onde saiu a 11, às 10 horas da manhã, o confortável paquete "Pedro I", do Lloyd. Ainda sob o comando do nosso distinto amigo, capitão de longo curso Thomas Correa e tendo como imediato o jovem competente oficial Orlando Ramos,

¹⁷ Jornal de circulação diária, independente, noticioso, político e literário. Fundado por Enéas Martins, Cipriano Santos e outros, tendo por objetivo principal lutar pelo desenvolvimento político e social da região combatendo a política de Antônio Lemos, na época proprietário do jornal "A Província do Pará", e defendendo o Partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho. Enéas Martins, proprietário e Diretor, vítima de perseguições políticas transferiu-se para Manaus, assumiu a direção Cipriano Santos que muda as instalações do jornal da Praça da Independência, hoje Avenida Portugal, para à Rua da Indústria, atual Rua Gaspar Viana, esquina com a Travessa 1º de Março, endereço onde funciona atualmente o jornal "O Liberal".

Após 4 anos de ausência, Enéas Martins volta a Belém e toma posse como governador em 1º de fevereiro de 1914, sua primeira atitude como governador foi vender o jornal "Folha do Norte" para Cipriano Santos. Com a saída de Enéas Martins, sobe ao poder, em 1917, Lauro Sodré que beneficiou Cipriano Santos, que elege-se Senador estadual e Intendente Municipal de Belém, passando para Paulo Maranhão, o revisor de provas, a propriedade da "Folha do Norte".

Paulo Maranhão muda a linha política do jornal, e o dirige até sua morte em 17 de abril de 1966, tendo dedicado 71 anos de sua vida a "Folha do Norte". Em seguida, assume a direção, seu filho, Clóvis Maranhão.

Em 27 de junho de 1973, Rômulo Maiorana adquire o jornal, dando nova estrutura e feição jornalística, permitindo que circulasse por mais um ano, para em seguida, em 1974, tira-lo de circulação.

Tem-se notícia de que a 29 de dezembro de 1979 o jornal "Folha do Norte" começou a circular em Santarém, com publicação semanal (JORNAIS PARAoaras, 1985, p. 154-155).

da Bahia de Guanabara ao Guajará, sem nenhum acidente de anormal, gastou 8 dias certos, chegando, precisamente, a hora comunicada à agência.

Ingressando no quadro de franquia pelo canal de dentro da Port of Pará, foi até em frente ao castelo, de onde demandou o cais, atracando às 11 horas, em frente ao galpão nº 3. Nesse momento, entre o agitar dos passageiros, preparando-se para desembarcar, se fazia ouvir, executando vários trechos de música, o afinado "tercetto" de bordo. No cais suportando o forte calor causado pelo verão, que se aproxima, viam-se inúmeras pessoas aguardando o momento de abraçar os que chegavam. Na pesquisa que fizemos a bordo entre os passageiros, procurando saber das novidades, fomos informados da satisfação que entre todos reinava pela ótima viagem que vinha de fazer o "Pedro I", cuja a oficialidade a todos soube cativar, com as suas atenções. Graças a esses encômios, registramos aqui os nomes de seus oficiais, que são os Srs. Dr. Floripes Pessoa Cavalcante, inspetor sanitário, Arsênio Pinheiro, comissário; Aguinaldo Zama Ribeiro e Alfredo Trigre Moss, sub-comissários e Epitácio Lima, chefe de máquinas. Trouxe o "Pedro I" 57 passageiros de 1º classe, que foram estes:

De Santos:

- Dr. Carlos Coelho.

Do Rio:

- Consul José Oliveira Almeida
- Murilo Macado Pereira
- Magdalena Lage Ferreira

- **Chyde Lage Pereira**
- **Dr. Mário de Andrade**
- **Olívia Penteadó**
- **Helena Nogueira**
- **Dulce Amaral**
- **Dr. Antonio Victorino Ávila**
- **Amelia de Castro Jesus**
- **João e Maria Gonçalves**
- **Maria Santos**
- **Amelia Gonçalves**
- **Albertina, Olga, Laura e José Gonçalves**
- **Americo da Costa Ferreira**
- **Eduardo Rios**
- **Carlos Banchello**
- **Mahmud Sayal**
- **José Oswaldo Vasconcelos**
- **José Júlio Freitas**
- **Pedro Salgado dos Santos**
- **Dakir Parreiras**
- **Luiz de Azevedo Cunha**
- **Miguel Rocha e Souza**
- **Paulina Moura Rocha**
- **Adriano Mendes Rocha**
- **Waldemar, Aracy e Adrião Mendes Rocha**
- **Manoel de Lyra e Castro**
- **Raimunda Pimentel Santos**
- **Guilherme Belarmino dos Santos**
- **Chaquib Amin**
- **Mme. Leônidas Albuquerque**
- **Godofredo Hagmann**
- **Edgard Correa de Guamá**
- **Raul de Vasconcellos**
- **Octávio Guedes de Carvalho**
- **Felix Monteiro Guimarães**
- **Emil Schallaper**

Bahia:

- **Herculano Fernandes**

Recife:

- **Militão Andrade**
- **Benedita Barros**
- **Secundina Sousa**

Ceará:

- **João Chrispim Teixeira**
- **Orlando Leitão**
- **Fausto Prestes Valente**
- **Raul Dana**

Para nossa praça transportou 1.162 volumes de carga diversa. Amanhã, à 1 hora da madrugada, voltará ao Rio, Via Ceará, Recife e Bahia, não estendendo, desta vez, a sua escala até Rio Grande.

Estão cientes os leitores da Folha estar salvo e fundado em Mocanguê, no Rio de Janeiro, para sofrer os necessários reparos, o D. Pedro II, irmão gêmeo do "Pedro I", o qual montará as pedras de Itapuam, na Bahia, a 20 de Novembro do ano passado, ficando submerso com água sobre o convés. Tomando a deliberação de salvá-lo, o Lloyd incumbiu dessa missão o ilustre capitão-tenente, Sr. Antonio Guimarães, para que o local seguiu no comando do possante rebocador "Comandante Dorat". Após inteligentes esforços, o hábil e inteligente engenheiro naval viu coroado de êxito o seu tentamen e posto a nado o navio, que regular soma custou à conhecida empresa nacional. Pois bem: Havendo sido o comandante Antonio Guimarães nomeado capitão do porto de Alagoas, os funcionários do Lloyd, tendo a frente o comandante Cantuária Guimarães, deliberaram homenageá-lo antes de deixar a capital da República. Essa homenagem, que consistiu em um banquete, realizou-se à 10 de maio, a bordo do "Pedro II", tomando parte no mesmo 160 pessoas, entre as quais o nosso conterrâneo Antonio Thomaz Correa comandante do "Pedro I", e Sr. Comandante Guedes de Carvalho, agente do Lloyd hypothecava a sua

gratidão, o comandante Cantuária Guimarães, brinde este que aquele agradeceu, bebendo pela prosperidade do Lloyd.

Por deferência especial ao comandante Antonio Guimarães, o "Pedro I", escalou desta vez em Maceió, onde s. s. desembarcou, para assumira a função de capitão do Porto.

Por ocasião do banquete acima, disse-nos o comandante do "Pedro I", o comandante Cantuária Guimarães referiu-se, com simpatia, à Folha, que através de sua secção "Mares e Rios" da qual é encarregado o nosso companheiro José Santos, cuida com carinho dos aspectos que dizem respeito ao Lloyd e a sua navegação.

Sexta-Feira, 20 de maio de 1927

Primeiras páginas

VIAJANTES ILUSTRES

**PERLUSTRA A AMAZÔNIA O ESPIRITO FULGURANTE DE UMA ILUSTRE
FAZENDEIRA PAULISTA**

Belém hospeda, desde ontem, vinda de Santos, via Rio de Janeiro e São Paulo. A Ilustre senhora, que representa uma das mais grandes fortunas da terra dos bandeirantes, faz esta viagem no intuito de conhecer de perto a Amazônia, devendo, nesse intuito, estender sua excursão a Iquitos, Guajará Mirim e Rio Negro. Fazendo parte da sua comitiva, acompanham-na as senhorinhas Magdalena e Helena Nogueira e Dulce Amaral e o Professor Mário Raul de Moraes Andrade, figura de destaque na vida intelectual paulista.

A distinta viajante foi recebida, a bordo, pelo Sr. Secretário Geral, acompanhado do Sr. Major Antonio Nascimento, assistente do Dr. Dionísio Bentes, Governador do Estado, Dr. Samuel Mac-Dowell e família, Dr. Alberto Costa, gerente interino, da Port of Pará e outras pessoas de destaque. No auto governamental, Mme. Olívia Penteado foi conduzida, do Cais do Port of Pará ao Grande Hotel, onde ficou hospedada.

Obs. Este artigo é acompanhado de foto do prof. Mário de Andrade.

Sábado, 21 de maio de 1927

A "TOURNÉE" DE UMA ILUSTRE DAMA BRASILEIRA

Mme. Olívia Guedes Penteadó, ilustrada e opulenta fazendeira paulista e as pessoas que a acompanham na sua *tournée* ao extremo norte, visitaram ontem, à tarde, no palacete de sua residência, o Sr. Dr. Dionísio Bentes, Governador do Estado, e sua Exma. esposa, senhora Isabel Lopes Santos.

A respeitável dama, que veio recomendada à família do Sr. Governador pelo Dr. Geraldo Rocha, conhecido engenheiro, foi agradecer sua S. Exc. as atenções que tem recebido.

O casal Dionísio Bentes acolheu a distinta visitante, com demonstrações de acentuada cordialidade e vivo prazer, externando o desejo de que seja propícia a sua estada no Pará.

No decorrer de atraente palestra, Mme. Penteadó, disse achar-se satisfeita e muito lhe ter agradado a nossa capital.

No regresso excursionará pelos rios Madeiras e Negro, visitando E. F. Madeira Mamoré, antes de voltar ao Pará.

A Exma. esposa do chefe do estado mostrará à Mme. Penteadó o Instituto Gentil Bittencourt, o Bosque Rodrigues Alves, o Museu Emílio Goeldi, os orfanatos, a Basílica, a Sé, outros templos católicos e os bairros da cidade.

Mme. Penteado seguirá para Manaus no próximo dia 27, a bordo do "São Salvador" da Amazon River, indo até Iquitos no Peru.

Obs.: Este artigo é acompanhado de uma foto que toma mais ou menos a metade da folha. A disposição das pessoas na foto é a seguinte: ao centro, a senhora Olívia Guedes Penteado, ladeada pela senhorinha Mag. Guedes Nogueira e o Sr. Mário de Andrade. De pé, no segundo plano, a menina Dulce.

Terça- feira, 24 de maio de 1927.

pag. 01

UMA PALESTRA COM UM ESPIRITO CULTO

O dr. Mário Andrade transmite à FOLHA, as suas impressões sobre Belém, as suas coisas e o seu governo.

Tivemos, ontem, o prazer da amável visita do sr. dr. Mário Andrade, Intelectual paulista, que Belém tem a hora de hospedar, em companhia da ilustre senhora Olivia Guedes Penteado.

Quisermos aproveitar os agradáveis momentos de culta palestra no nosso visitante, para recolher as suas impressões a respeito desta capital, através das observações do seu espirito arguto, e assim é que nos é dado transmitir aos leitores da FOLHA as expressões e conceitos que nos proporcionou na sua prosa flexuosa e amena o nosso distinto interlocutor, com quem estabelecemos o seguinte diálogo:

__ Está satisfeito com a viagem ?

__Enormemente. Meu avô Leite Moraes, quando governador da província de Goiás, carregando meu pai como secretário, veio de rodada pelo Araguaia até aportar aqui em Belém. Como vê tenho na tradição os passeios fluviais pelo Brasil.

__E pretende ir longe ?

__Assim, assim. É um passeio sem heroísmo o que fazemos. Estão decididas duas viagens: Amazonas acima até Iquitos e Madeira acima até Guajará-Mirim, provavelmente daremos um pulo à Bolívia e, tempo sobrando, subiremos o Rio Negro e, na volta, visitaremos Marajó.

__E não se assustam com o desconforto?

__Não haverá desconforto. Todos aqui têm sido incansáveis em nos facilitar viagens e passeios. Vivemos em plena Lua de mel com este povo, estas águas e terras. Evidentemente não é a mesma coisa dar uma volta de auto até o Sousa e sacolejar na poeira da Madeira -Mamoré, porém o conforto é coisa relativa, provém muito da elasticidade do corpo. Ora tanto a senhora Guedes Penteado e senhorinhas Nogueira e Amaral, como eu, estamos acostumados ao esporte diário. Corpo disposto leva a gente até o fim do mundo, sem pesar.

__E que acha de Belém ?

__Nem me fale! É um dos encantos do Brasil. O Brasil possui algumas cidades bonitas: Rio, Belo Horizonte, Recife, São Paulo; mas, a todas estas falta caráter. Belém é como Ouro Preto, como Joinville, como São Salvador: possui beleza característica. Este céu de mangueiras, filtrando sol sobre a gente, produz uma ambiência absolutamente original e lindíssima. Vejo com terror que em certas ruas estão plantando árvores estrangeiras.

__Ha o problema da umidade a resolver ...

__Será um problema ou uma fatalidade climática ? Alias a solução do problema não implica importação de árvores da "extranja".

Essa arvoreta bem educada que andam plantando é insuportavelmente monótona e estúpida como um pato. Imagine só uma alameda arborizada com tufos de açazeiro ? Seria adorável e vivaz como esses mameluquinhos que andam nus nas praias afastadas. Com as mangueiras, os barcos de velas coloridos, e tantos outros encantos originais, você têm um tesouro de beleza nas mãos. Aproveitando em espírito de imitação, Belém será a mais linda cidade equatorial.

__ E a arquitetura ?

__ O teatro da Paz é bom. Nazaré é admirável no seu luxo, embora não seja nada brasileira. Em todo caso, antes ela, que a Catedral gótica pavorosa que estão construindo em São Paulo. E há um lugar sublime, que é preciso preservar de qualquer modificação: o largo da Sé. Só mesmo a praça de São Francisco, em São João d'el Rei, é tão bela como o largo da Sé daqui. Nem na Bahia se encontra um conjunto tão harmonioso, tão equilibrado e sereno. É uma preciosidade. E, agora me desculpa tenho de abandonar a conversa. Mas, antes, quero me aproveitar da hospitalidade do seu jornal, para agradecer todo carinho que nos dispensou aqui. Partimos encantados. Quanto à bondade ativa com que o dr. Dionisio Bentes e exma. Esposa nos acolheram. Isso guardamos entre as recordações mais inalteráveis desta viagem. Alias, parece até pleonasmos exaltar a perfeição do acolhimento de pessoas tão dentro da tradição brasileira como presidente do Pará e sua senhora.

E depois destes lisonjeiros conceitos, expressos com a fluência de fino "causeur", apresentou-nos o dr. Mário Andrade as suas despedidas

cordiais, com as de mme. Olivia Renteado, com a promessa das suas observações durante a viagem que, com aquela digna dama e demais pessoas de sua comitiva, fará Amazonas em fora, partindo pelo "São Salvador", no dia 27 do corrente.

Quarta-feira, 25 de maio de 1927

Pág. 02

ALMOÇOS

Sr. Exc. O Dr. Dionísio Bentes, Governador do Estado e sua Exma. esposa, Sr. Isabel Lopes Bentes, reuniu ontem à sua mesa, a senhora Olívia Guedes Penteado, distinta turista paulista, que há dias se encontra em Belém.

Tomaram parte no delicado ágape a senhora Penteado, o Dr. Dionísio Bentes e sua esposa, Dr. Crespo de Castro e sua consorte senhora Germana Crespo de Castro, senhorinhas Mag Guedes Nogueira e Dulce Amaral, major Antônio Nascimento, assistente militar do chefe de Estado; Dr. Mário Andrade, secretário da nossa respeitável hóspede e acadêmico Luciano Bentes, oficial de gabinete do Governador.

Formado esse conjunto "refinée", no palacete da residência do Sr. Exc., resultou cordialíssima a refeição, tendo o Dr. Dionísio Bentes brindando a sua conviva, prestando-lhe, em ligeira oração, o tributo de seu apreço e de sua família. A senhora Olívia Guedes Penteado agradeceu a gentileza do ilustre casal, por intermédio do Dr. Mário de Andrade.

Depois de amanhã, embarcará ela com sua comitiva, para Iquitos, no vapor "São Salvador".

Sábado, 27 de maio de 1927

VIAJANTES

Comissionado pela Diretoria da Fazenda segue hoje no "São Salvador", para baixo Amazonas, o sr. Ferdinando Rapisardi dos Santos, zeloso funcionário da Recebedoria.

Em prosseguimento de sua excursão á Amazônia, a qual pretende estender a Iquitos, Guajará-Miri e Rio Negro, pesquisando e observado as nossas riquezas florestais e o movimento comercial e, bem assim, recolhendo cinematograficamente os aspectos panorâmicos mais interessantes, a ilustre dama paulista Olivia Penteado, que vinda do sul, aqui se encontra desde o dia 19, chegada pelo "Pedro I". Acompanha-a sua distinta comitiva, composta das graciosas senhorinhas Magdalena Guedes Nogueira e Dulce Amaral e do ilustre homem de letras dr. Mário Andrade, que ontem teve a gentileza de apresentar à FOLHA as suas despedidas.

Seguem os distintos viajantes pelo "São Salvador" da Amazon River, a sair hoje, às 9 horas da manhã.

Fazendo parte da comitiva da mme. Penteado, segue também o comandante José Garcia, que ainda não há muito tempo exerceu em Manaus, o cargo de gerente da Amazon River.

S.s. Leva de parte daquela companhia instruções para facilitar todos os esclarecimentos e dados que precisem os excursionistas.

_No mesmo navio embarca, para Iquitos, onde vai assumir o cargo de Capitão do Porto e Chefe da Frotilha, o ilustre capitão de Fragata José G. Carillo, aqui chagado às 9 do corrente, de lima, via Nova-York, pelo paquete inglês "justin", da Booth.

_Partindo hoje com destino à Manaus de onde seguirá depois para a sede de seu consulado, teve a amabilidade de vir, ontem, a noite, disperdi-se pessoalmente da FOLHA e trazer-nos agradecimentos pelas notícias que publicamos a seu respeito, o ilustre sr. dr. José de Oliveira Almeida, consul do Brasil na Bolívia.

S. s; viajará no vapor "São Salvador, da Amazon River.

Sábado, 29 de maio de 1927

SALUTARIS

O ministro do Interior enviou ao sr. Governador para os devidos fins, a certidão do termo de desaparecimento de José Mututte, quando viajava no vapor "São Salvador", entre Belém e Iquitos.

Sábado, 28 de maio de 1927

pag.07

MARES E RIOS

NAVIOS DA AMAZON RIVER – O "SÃO SALVADOR" ZARPOU ONTEM PARA IQUITOS-Sob o comando do capitão James Lemos e trasportando, além da carga, cujo o resumo publicamos ontem, 56 passageiros, partiu ontem, às 9 horas da manhã, para Iquitos e escalas, o vaticano "São Salvador" dos passageiros seguiram em 1ª classe 40, que foram estes:

_Earl N. McCormach e esposa.

_José e Aurelio G. Carrillo.

_Dr. Carlos Coelho Oliveira.

_Olivia Guedes Penteado.

-Dulce Amaral.

_Margarida G. Nogueira.

_Helena Nerbull.

_Dr. Mario Andrade.

_Emil Shlaepfer.

_Carlo Banchelli.
_Clovis A. Prado.
_José Tavares.
_Miguel Zumaeta.
_Izaac Seruya.
_Francisco Pires Senna.
_Beatriz Serra.
_Francisco Pires.
_Dr. Ernest Hanrador.
_Maria T. Nascimento.
- Etelvina N. Pinto.
-Raymundo A. Nascimento.
-Anchioses Camara.
-Marieta P. Camara.
-Egbert M. Vlise.
-Mauá Neizz.
-Dr. Hanz Zermy.
-Dr. August Ginberger e esposa.
-Dr. Godofredo Hagmann.
-Ferdinato Santos.
-José G. Garcia.
-Dr. Olympio da Silveira.
-José Antonio Affonso.
-Euripedes Prado.
-José Marinho.
-Calixto Porto

-Domingos M. Nogueira.

e 16 em terceira.

CORREIO DO PARÁ¹⁸ (1924-1930)

¹⁸ Órgão de propriedade do partido Republicano Federal, redigido por Julião Ausier Bentes, dirigido por Miguel Pernambuco Filho, a redação e oficinas situavam-se à Rua Santo Antônio, n.º 28 (JORNAIS PARAoaras, 1985, 260).

Terça-feira, 24 de maio de 1927

O MOVIMENTO MODERNISTA NO SUL DO PAÍS

Poetas e prosadores em maior evidência em S. Paulo e no Rio de Janeiro – o que disse ao CORREIO, Mário de Andrade o brilhante poeta paulista – Impressões de viagens e os encantos – do Norte – Uma palestra interessante.

Em viagem de recreio e de estudos ha alguns dias se encontra em Belém de passagem para Iquitos o brilhante escritor paulista Mário de Andrade.

O seu nome exprime bem a sua individualidade. O autor de “Losango Caqui”, que na corrente intelectual modernista de S. Paulo é um dos vultos mais representativos, possui, já, o seu nome firmado nas letras nacionais, não só pelo aspecto original e verdadeiramente brasileiro; que procura imprimir a todas as suas produções como – pela maneira simples e formosa como descreve a beleza em todas as suas manifestações.

Não podíamos, pois, deixar de entrevistá-lo sobre o movimento literário da capital paulista, e de colher as suas impressões na viagem que vem empreendendo ao Norte.

Apresentamo-nos ao poeta, que gentilmente de uma forma bem cativante acedeu prontamente aos nossos desejos.

- Sabemos que o Sr. pertence à brilhante pleiade que em S. Paulo se filia à corrente modernista e portanto ninguém

mais pode nos informar melhor sobre os resultados por esse movimento intelectual;

- **Realmente pertenço a essa nova corrente literária que em S. Paulo progredindo sempre, conquistou uma situação bastante promissora.**

Em 1920 Osvaldo Andrade, que – sem ser meu parente é um dos meus melhores amigos, publicou; em um dos jornais paulistas um artigo me – apresentando ao meio literário, que causou um verdadeiro escândalo, desses escândalos que em vez de deprimir consagram.

A corrente – modernista então, se delineava começava a surgir através de brilhantes espíritos.

Os passadistas protestaram. A Imprensa fez coro com eles de maneira que ficamos isolados.

Esse isolamento me fez um grande bem pois serviu para nos unir.

Trabalhamos então conjuntamente, até a vitória final que dominou a crítica dos descrentes e dos passadistas.

No verso sobressaem entre outros Guilherme de Almeida, Osvaldo de Andrade e o chamado grupo da Anta.

- **Grupo da Anta? Não conhecemos aqui.**
- **Não conhecem o grupo, mas certamente não desconhecem os seus componentes: Menotti Del Pichia, o que maior bagagem literária possui na corrente modernista em S. Paulo, Plínio Salgado, prosador elegante e simples e**

Cassiano Ricardo, um dos mais belos representantes da poesia paulista.

Na prosa a maior figura é Paulo Prado, que atualmente escreve o "Retrato do Brasil" ensaio sobre a tristeza brasileira que está fadado a um ruidoso sucesso de livraria.

Há também Alcântara Machado, autor de "Pathé Baby", crônicas das viagens que fez à Europa e "Braz, Bexiga e Barra Funda", estudo crítico sobre o bairro, Italo-Brasileiro talvez o melhor livro que o modernismo brasileiro produziu até hoje.

Couto de Barros é um ensaísta de mérito.

- **Quais os livros mais novos que o Sr. publicou?**
- **Este ano publiquei "primeiro Andar" livro de contos em que faço um trançado retrospectivo sobre a minha vida literária e "Amar, Verbo Intransitivo" que reputo o meu livro mais representativo.**

Oswald de Andrade, publicou ultimamente, "O primeiro Caderno de Poesia", livro interessantíssimo, de "blagues", que tem revolucionado o meio literário em S. Paulo.

- **E o movimento modernista no Rio?**

Depois da cisão provocada pela atitude de Graça Aranha a literatura nova da Capital Federal não sabe que caminho tomar.

As figuras mais características, são inegavelmente, Manoel Bandeira e Ronald de Carvalho, que refletem aspectos inteiramente diferentes na poesia.

Manoel Bandeira é muito simples e muito original.

Ronald de Carvalho é mais clássico, é mais pesado e mais característico.

Álvaro Moreira é um grande espírito que atingiu uma expressão pessoal admirável.

O movimento modernista mais interessante, que o Rio produziu, foi a publicação da revista "Esthetica", dirigida por Prudente de Moraes Netto e Sérgio Buarque de Holanda.

Eis em rápidos traços um aspecto em conjunto do movimento modernista em S. Paulo e no Rio.

- **E quanto a sua viagem e as impressões obtidas, que nos diz?**
- **-Admirável. Não calcula como tem sido encantador este passeio pelo Norte que para mim era inédito.**

As pessoas com quem tenho palestrado a esse respeito mostram-se admiradas da nossa coragem em sair de S. Paulo para vir à Amazônia. Sinceramente não vejo nada de extraordinário nisto. A Amazônia é parte do Brasil é com o maior prazer que a visito.

Dizem uns que por aqui há muitos mosquitos e muito impaludismo. Mas, o que é certo é que se eu ficasse em S. Paulo, com

medo dos mosquitos não apreciaria as mil maravilhas que aqui encontrei. Desconforto não existe, pois aqui no Pará, me encontro tão bem como se estivesse em São Paulo. "Estou em casa".

- E a nossa cidade?**
- Tipicamente brasileira, Belém é uma das poucas cidades que apresentam um aspecto verdadeiramente próprio e original.**

Essas mangueiras, tão paraenses são um verdadeiro encanto.

É o que falta em S. Paulo. A nossa capital tem trechos que lembram Paris, outros Nova York outros Roma. Falta um aspecto próprio. Belém parece com Belém.

Entretanto, S. Paulo não parece com São Paulo.

O Largo da Sé, por exemplo, aqui é um verdadeiro encanto, uma verdadeira maravilha de arquitetura. Em nenhuma outra parte encontrei coisa igual, a não ser em S. João Del Rei em Minas Gerais.

Aqui tudo encanta, tudo seduz, tudo fascina.

Estava terminada a palestra.

A gentileza de Mário de Andrade nos cativou. Com um aperto de mão nos despedimos.

A CONSTITUIÇÃO¹⁹ (1874-1886)

¹⁹ Órgão do Partido Conservador, de publicação vespertina. Era seu proprietário o Cônego Manoel José de Siqueira Mendes, com tipografia e escritório no Largo do Palácio. De 1º de janeiro a 23 de fevereiro de 1886, o jornal estampa o nome do Diretor Arthur Soares da Costa. A partir de 5 de março desse mesmo ano, muda o endereço do escritório e da redação para o Largo da Sé, já sob a direção e administração de Alfredo H. da Serra Aranha. 1º número: 3 de fevereiro de 1874. Fonte: Acervo da BPP e jornal “A República” de 7/dez./1886 (JORNAIS PARAoaras, 1985, p. 66-67).

A CONSTITUIÇÃO

Segunda-feira, 16 de janeiro de 1882

Primeira Página

CHEGA O SR. JOAQUIM DE ALMEIDA LEITE DE MORAES

Chegou ante-ontem no bote da navegação do Araguaia, vindo do alto Tocantins, o Exm. Sr. Dr. Joaquim de Almeida Leite de Moraes, Presidente da Província de Goiás.

Consta que S. Exc. segue hoje para a corte no vapor Ceará.

DIÁRIO DE BELÉM²⁰ (1868-1892)

²⁰ Folha política, noticiosa e comercial, depois órgão especial do Comércio, redigido pelo bacharel Antônio Francisco Pinheiro, seu fundador e proprietário e tendo como impressor Mathias Leite da Silva. Impresso em tipografia própria à Rua Nova de Sant'Anna, atual Rua Manoel Barata. 1º número: 7 de setembro de 1868. Fonte: Acervo da BPP, Amazônia-Bibliografia, CJP, GEA e RIHG (JORNAL PARAÓRAS, 1985, p. 55).

DIÁRIO DE BELÉM – *Órgão Especial do Comércio*

Terça-feira, 17 de janeiro de 1882

N.º: 13

UM HÓSPEDE ILUSTRE

Hóspede ilustre – Esteve entre nós chegado em um bote da empresa de navegação do Araguaia, o sr. Dr. Joaquim de Almeida Leite de Moraes, Presidente da Província de Goiás.

S. Exc. seguiu ontem para a corte.

O IMPARCIAL²¹ (1913-?)

²¹ Jornal vespertino, publicação diária, político, noticioso e comercial, dirigido por Martinho Pino e Dejar de Mendonça e depois por Flaviano Flávio Baptista, impresso na tipografia situada à Travessa 7 de Setembro, 49-A. Suspendeu sua publicação a 25 de maio de 1914, pois suas oficinas foram empasteladas e danificadas por populares revoltados com as violentas críticas dirigidas ao Governador Enéas Martins, reiniciou a 3 de junho do mesmo ano, sob a direção de Flaviano Flávio Baptista, declarando-se estar mudando de linha política, passando a apoiar Enéas Martins. Em 22 de março de 1917, novamente sob a direção de Dejar de Mendonça e inaugurando sua segunda fase, “O Imparcial” retomava a diretriz oposicionista, afirmando que seu programa não havia mudado. Fonte: Acervo da BPP (JORNAIS PARAoaras, 1985, p. 244).

Quinta-feira, 19 de maio de 1927

VEM CONHECER A AMAZÔNIA

OUTRAS NOTÍCIAS

Dentre os 57 passageiros vindos no paquete "Pedro I" do Lloyd Brasileiro, chegado hoje do Rio Grande, viajou dona Olívia Penteado, rica fazendeira e proprietária de cafezais em S. Paulo, que se faz acompanhar de mais quatro pessoas.

O governador do Estado mandou a bordo daquele paquete apresentar cumprimentos à Sra. Penteado e a seus companheiros, que vem conhecer a Amazônia, prolongando a sua excursão até Iquitos.

No mesmo paquete viajaram o engenheiro Dr. Antonio Ávila, inspetor federal das estradas de ferro do Pará, e o pintor Dakir Parreiras.

O Dr. Antonio Ávila recebeu cumprimentos do Dr. Crespo de Castro, intendente de Belém, e do Governador do Estado por intermédio do Dr. Deodoro de Mendonça, secretário geral e major Nascimento ajudante de ordens.

Também viajou no "Pedro I", o Dr. José de Oliveira Almada, cônsul do Brasil em Cobija, Bolívia.

O DIA²²

Segunda-feira, 6 de junho de 1927**Primeira Página****PERSLUSTRANDO O PARAÍSO VERDE**

Manaus hospeda desde ontem pela manhã, chegada a esta capital a bordo do vaticano "S. SALVADOR", da Amazon River, a Sra. Dona Olívia Guedes Penteado que, acompanhada das senhorinhas Magdalena Nogueira, Dulce e Helena Amaral, e do festejado poeta MÁRIO DE ANDRADE, nos dá a honra de sua visita no desejo incontido de conhecer de perto este trecho maravilhoso da pátria, onde dormem fabulosas riquezas e tão cheio de belezas e mistério.

Recebidos à bordo pelo representante do Sr. Presidente em exercício do Estado e demais autoridades, a Sra. D. Olívia Guedes Penteado e sua comitiva se dirigiram para o Palácio Rio Negro, de onde, na companhia do Sr. Dr. Monteiro de Souza e de outras altas autoridades se transportaram para a fazenda "HERMÔNIO", de propriedade do Sr. Coronel João Hermes de Araújo, tendo-lhes sendo servido um almoço de pratos exclusivamente amazonenses.

Regressando mais tarde à cidade e após algumas horas de repouso os notáveis viajantes compareceram, com o sr. presidente em exercício do Estado e sua senhora, à linda festa que o IDEAL CLUB oferecia aos seus convidados, comemorando o seu vigésimo quarto ano de fundação.

Hoje pela manhã, os ilustres hóspedes fizeram uma visita à Fábrica de Cerveja e a Usina Rosas, percorrendo também alguns de nossos estabelecimentos de ensino, onde foram saudadas entusiasticamente pelos respectivos alunos.

A Sra. D. Olívia Guedes Penteado, que se mostra encantada com a nossa terra, prosseguirá viagem no vaticano "S. SALVADOR", até Iquitos.

Fac-símile da 1ª Revista de Antropofagia, contida na Caixa Modernista_Mário de Andrade - Oswald de Andrade, Fabricante: Imprensa Oficial, editada em 2003.

ANNO I - NUMERO I

500 rs.

MAIO - 1928

Revista de Antropofagia

Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269

SÃO PAULO

ABRE-ALAS

Nós eramos xifópagos. Quasi chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo fígado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, princípio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamado civilizado: só êle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (êsse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrará um Hans Staden. Êsse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

António de Alcântara Machado.

MANHÃ

O jardim estava em rosa, ao pé do Sol

E o ventinho de mato que viera do Jaraguá

Deixando por tudo uma presença de agua

Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.

A gente si quizesse beijava o chão sem formiga,

A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!

As sombras se agarrando no folhede das árvores

Talqualmente preguiças pesadas.

O Sol sentava nos bancos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,

Uma fresca tão de mão lavada com limão

Era tão marupiara e descansante

Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...

Si eu tivesse a meu lado ali passeando

Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada

Eu lhes falava cordialmente:--Se abanquem um boeadinho

E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes

Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,

Coisa assim que puzesse um disfarce de festa

No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

“Ali vem a nossa comida pulando”

RESOLANA

O mormaço é a fumaça da macega.
 Treme o longe diluido na quentura.
 O boi desce a recosta em procura da sombra
 mas pára logo, abombado.
 Lá no alto, voando, voando, bebendo o azul
 subindo sempre — urubú.
 Feliz...
 O calor queima a terra, ferve no ar.
 (Memoria de marulhos
 gosto de espuma limo areia branca)
 A cabeça do alazão é uma chamma esbelta
 cortando o campo a trote largo.
 Vejo as orelhas agudas que se móvem,
 sinto o corpo fremente do cavallo.

E ha tanta harmonia entre o choque dos cascos
 e o meu tronco agitado na vibração febril,
 que eu compreendo a gloria animal da carreira:
 vou!

enrolado na força do sol.

(Rio Grande do Sul)

Do livro "Giraluz"

AUGUSTO MEYER

Estão no Prélo

LARANJA DA CHINA

DE

Antonio de Alcantara Machado

E

MACUNAIMA

DE

Mario de Andrade

A sair brevemente

Martim - Sererê

VERSOS

DE

Cassiano Ricardo

E

Republica dos E. U. do Brasil

POEMAS

Poema

Ella vae sozinha, tropeçando nas colheitas.
 Bate-lhe o sol nos hombros. Ella sente que um gosto
 humano
 deflora-lhe a bocca e illumina-a de absurdos.

Parece que um choro quer sorrir dentro de si.
 Parece que o sangue dentro de si quer matal-a
 e jogar-lhe clarões pór cima.

Aquillo é o universo que se despenha dos seus cabellos.

(Pará)

ABGUAR BASTOS

UFA,

os films que assombram o mundo

REPRESENTANTE

Gustavo Zieglitz

RUA DOS ANDRADAS, 42

SÃO PAULO

Vacca Christina

A vacca Christina, de madrugada,
 Vem de belengue no longo da rua.
 Uei,
 Olha o leite da vacca Christina!

No Bango lambido de luzes escassas
 Estira-se a larga madrugada molle.
 Amontoa-se a garoa miuda. E lá adeante.
 Roda a carroça do lixo da noite.
 Uei,
 Quem quer leite da vacca Christina?

E a vacca bohemia, de pata pitoca,
 Vae toda faceira, enfeitada de fita
 Vae ver as comadres atraz dos tabiques
 Uei,
 Viva as tétas da vacca Christina!

E passa a patrulha noturna da zona.
 E' a hora em que o Bango cansado cochila.
 Somente enche o resto da noite deserta
 O belengue molango no longo da rua:
 Uei,
 Quem qué o leite da vacca Christina?

Jacob Pim-Pim.

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspeitosos postos em dráma. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No paiz da cobra grande.

Foi porque nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mappa mundi do Brasil.

Uma consciencia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de consciencia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas ef-

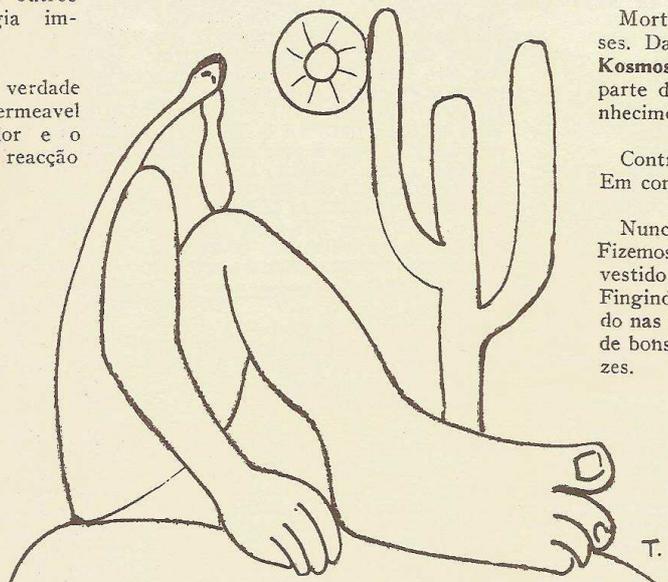
pobre declaração dos direitos do homem.

A idade de ouro annunciada pela America. A idade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Oú Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechizados. Vive-mos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.



Desenho de Tarella 1928 - De um quadro que figurará na sua proxima exposiçao de Junho na galeria Percier, em Paris.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analphabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justiça codificação da vingança A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as idéas objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victima do systema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instincto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do **Kosmos** ao axioma **Kosmos** parte do eu. Subsistencia. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em communicação com o sólo.

Nunca fomos cathechizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o communismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A idade de ouro. Catiti Catiti Imara Notia Notia Imara Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens phisicos, dos bens moraes, dos bens dignarios. E sabiamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticaes.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o

Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

SEIS POETAS

PEDRO-JUAN VIGNALE — Sentimento de Germana — Buenos Aires — 1927.

Os versos são de uma ternura forte e grave. Muito diferente daquele piguisimo rimado dos poetas que sussurram no rimado dos poetas que sussurram no ouvido da amada. Pedro-Juan Vignale, **maestro e entomólogo**, ama a moderna. E poeta a moderna. Seus ditirambos em honra de Germana não são declarações de namorado bisonho: antes de que tem fé convencida e invencível num sentimento muito alto mas palpável. Nada de dúvidas cruciantes ou queixumes suspirados: Nenhuma alusão á morte salvadora.

Através da mulher o poeta ama a terra onde ela nasceu: esta terra. Sentir uma é sentir a outra.

En tus manos ávidas
traes
los cielos del Brasil

Ouvindo a voz cálida de trópico é que ele vê

esa tarde paulista
exprimirse
sobre el Tietê
hasta inundarlo

O que é positivamente lindo.

Esse contracto de poeta, tão profundamente vigoroso com o tema lírico Brasil ainda nos dará (penso eu) muita coisa ótima.

JORGE FERNANDES — Livro de poemas — Natal — 1927.

A poesia de Jorge Fernandes machuca. Deante dela fica-se com vontade de gritar como o próprio poeta na **Enchente**:

Lá vem cabeçada...

E vem mesmo. Poesia bandoleira, violenta, golpeando a sensibilidade da gente que nem o tejú brigando com a cobra: **Léxol léxol!**

Ao lado disso uma afeição carnal e selvagem pela terra sertaneja como demonstra entre outras a esplêndida **Canção do inverno**. E feito rude de dizer as cousas, Jorge Fernandes tem a mão dura: tira lascas das paisagens que caem nas unhas dele. **Mão de derrubar** sem dúvida. Aquella mesma trabalhadeira e lírica **Mão nordestina** que dá o nome a uma de suas poesias mais características. Outra coisa: Jorge Fernandes fala uma língua que nós do Sul ainda não compreendemos totalmente mas sentimos admirável. Eu pelo menos não percebo trechos e trechos de várias poesias suas. No entanto gosto deles. O poema **Avótes** por exemplo (não sei se por causa da construção particularíssima de certas frases) espanta como o desconhecido. E é bonito que só vendo.

O autor do **Livro de poemas** evidentemente está passando por um período doído de auto-crítica de que sairá melhorado com certeza. Ele mesmo reconhece isso e caçoa de suas reminiscências parnasianas. Daí uma porção de pequenos defeitos nas vésperas de completo desaparecimento. Ou eu muito me engano.

A ascensão de Jorge de Lima é uma delícia. De soneto **Acendedor de lampêões** ao poema **Essa negra Fulô**. Sujeito inteligente como poucos soube procurar e achou. Abençoado Manuel Bandeira.

Dos **Poemas** eu separo G. W. B. R. Gostosura de lirismo vagabundo, alegre, levado dos diabos. Dá vontade na gente de repetir a viagem tendo o poema bem guardado na memória. Separo esse por ser o meu predileto. Mas não o único notável. **Rio de São Francisco** também me agrada bastante. **Baía de Todos os Santos, Santa Dica, Floriano-Padre Cicero-Lampeão** igualmente têm cousas que a gente não esquece. Principalmente o primeiro. E do magnífico **Changô** pula um bodum danado, rebenta um ritmo infernal. Inútil querer resistir.

De vez em quando uma descaída sentimental ou pueril, livresca, oratória ou conceituosa que desaponta mas não assombra. Porque não é assim tão facilmente que se rompe com certos cacoeetes literários. Não vê. A cousa é dura como quê. Não tem importância: Jorge de Lima está ficando cada vez mais escovado. Por isso duvido muito que em seus livros futuros apareçam versos como **Oração, Meninice, Poemas dos bons fradinhos, A voz da igreja e o Painel de Nuno Gonçalves** sobretudo.

Agora **Essa negra Fulô**. E' das cousas mais marcantes que a poesia nordestina nos tem enviado de muito tempo para cá. **Essa negra Fulô** sim. Bole com a gente. Pinica a sensibilidade da gente. Enbala o sensualismo da gente. Canção e história da escravidão sem querer ser. Poesia boa, cheirosa, suarenta, apetitosa, provocadora.

Ora se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô)
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?
— Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

O Sinhô foi açoitá
sossinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
ninha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso-Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou
foi você, negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Henrique de Resende, Rosario Fusco e Ascanio Lopes — **Poemas** — Cataguazes — 1928.

E' a gente simpática da **Verde** de Cataguazes.

Livro naturalmente desigual puxando para três lados.

Henrique de Rezende é o mais velho da turma. Engenheiro rodoviário vai anotando nas margens do caderno de medições e de cálculos os aspectos dos caminhos que ele abre

como um cordame de veias
no corpo adusto
da terra inhospita.

Não sei se como engenheiro é bom poeta. Mas sei que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construídos sobre leito bem empedrado. Nem falta o rôlo compressor de uma auto-crítica severa. E esses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens. **A ermida** por exemplo: tão comovente e tão bonita.

Rosario Fusco é um menino. Está dito tudo: mistura timidez com audácia, brutalidade com ternura, larga o estilingue para choramingar no colo de um afecto bom. Tem talento. Quanto a isso não pode haver dúvida. Tem talento, vontade de acertar e uma desenvoltura ótima na qual a gente não pode deixar de pôr a maior das confianças. Eu gosto muito deste pocminha — **Saia de gente pobre** — do qual tomo a liberdade de suprimir o último verso:

Um banco.
Uma mesa.
Um quadro: Nossa Senhora....
Outro quadro: São José....

Um lampeão.
Nem ambição de mais coisas.

Os defeitos de Rosario Fusco são defeitos de quem tem dezeseite anos. Em geral porque há alguns mais graves que podem virar crônicos se não forem curados logo: linguagem meio cá meio lá, quedazinha para o lugar-comum, imagem de efeito, final arranjadinho. E outros mais. Porém eu já disse e repito que em Rosario Fusco a gente pode ter sem medo muitíssima confiança.

Ascanio Lopes também é menino: menino malicioso, gozador, cheio de subentendidos. O principal defeito dele é o mesmo de Rosario Fusco: a idade que tem. Daí, apesar dele ser brincalhão, certas puerilidades sentimentais, o desejo criança de ser acarinhado e o tema tristeza soando falso nas poesias dele.

A mata é grande demais para o fogo pegar caracteriza bem a sua maneira boa: Na modorra enorme do sertão os empregados trabalhavam nos eitos da cantando cantigas ingenuas.

Mas do lado da serra, lá longe, começou [a subir fumaça e as chamas tamparam as arvores da [mata. O feitor disse que era uma queimada que [saltara o aceiro. Ninguém pensou em apagar o fogo. No céu os gaviões gritavam assustados.

Ascanio Lopes não deve abandonar esse seu feito de gozador a seco. O pessoal da Verde é...

POESIA

(Especial, para a "Revista de Antropofagia")

F O M E

Em jejum, na mesa do "Café Guarany",
O poeta antropofago rima e metrifica o amorzi-
[nho de sua vida.
Elle tem saudades de ti.
Elle quer chamar "ti" de: estranha — voluptuo-
[sa — linda querida.
Elle chama "ti" de: gostosa — quente — bôa
[— comida.

Guilherme de Almeida.

A LINGUA TUPY — PLINIO SALGADO

A LINGUA TUPY

A lingua tupy deve ser estudada com um novo criterio. A contribuição de todos os que escreveram grammaticas e dictionarios do idioma falado pelos nossos selvagens é certamente muito valiosa, e serve-nos hoje de inicio para as nossas procuras curiosas. Mas os que estudaram o tupy, nos primeiros seculos da colonização inspiravam-se num criterio arcaico, do mesmo modo que, considerando o indio, tomavam-no sob o ponto de vista da catechese. Periodo de Anchieta, depois de Montoya, de Filgueiras. E é preciso notar o caracter de utilidade pratica immediata, desses estudos, naquella época. O jesuita tinha necessidade de unificar, tanto quanto possível, as linguas, num typo geral que servisse ao imperialismo catechista. E a necessidade da comprehensão urgente entre catechumenos e evangelizadores. Essa preocupação utilitaria não podia ter sinão uma orientação grammatical. E sendo o typo humano dos conquistados reduzido pelo dogma á equivalencia intrinseca do conquistador, passava para um segundo plano o estudo do seu espirito e do seu instincto, e da lingua do genio só se tornavam as conclusões fúteis, formas parti-

mado como identico ao homem europeu, não resta a menor duvida. Basta ver-se envergando o habito de Christo, e com o titulo de Dom, que lhe concede Felipe IV, o sr. Antonio Camarão, Poty de nascimento... Aliás, uma bulla papal já declarara, após a descoberta do Novo Mundo, que todos descendiam de Adão e Eva. Os que estudaram o tupy, desde aquelles tempos, não podiam ter outra orientação que não fosse a do seu seculo e a das necessidades prementes.

Muita gente depois veio estudando a lingua de nossos indios, mas com um criterio pratico. São subsidios curiosos. Abanheenga, quer dizer, lingua de homem, lingua de gente, chamavam os tupsys á sua lingua. O missionario foi unificando, systematizando as pequenas modalidades no nheengatú, ou seja lingua bôa. Donde nasceu o tupy-guarany. As outras tribus ficaram falando o seu nheengahyba, lingua ruim. Ruim porque não se submettia á redução classica do nheengatú.

O criterio scientifico para o estudo das linguas americanas procede de Martius e da sua classificação. O ramo brasileiro, que vem denominado na classificação de Frederico Muller "grupo tupy-guarany", é dividido por Martius em nove galhos. Parece-me que ha dahi um des-

tambem. Liga-se o estudo dos idiomas á propria historia do homem. Depois de Lamarck, G. de Saint Hilaire, Darwin e Spencer, estes assumptos tomam um outro aspecto. A ultima tentativa para reduzir o indio á forma europeia, é, talvez, a do nosso chamado indianismo, expressão do romantismo em nossa literatura. Mas essa preocupação lamartinizante dos nossos poetas e romancistas teve a vantagem de chamar a attenção brasileira para o bugre, cercal-o de uma sympathia através da qual pudeseamos chegar a elle e pesquizal-o melhor. E como esse movimento de Gonçalves Dias e José de Alencar representa o primeiro passo para uma comprehensão melhor do indigena, é justo perdoarmos a esses escriptores os prejuizos inherentes ao seu tempo. E é preciso tambem registrar que, no meio de muita phantazia, ha expressões fieis da psychologia selvagem em muitos trechos da poesia e do romance românticos.

A opinião do nosso historiador Porto Seguro (Varnhagen), tão hostil á pobre raça dominada, vem logo contrabattida pela sympathia de Couto de Magalhães, de Barbosa Rodrigues, de Baptista Caetano a cuja obra podemos juntar o que tem feito Theodoro Sampaio, Candido Rondon, Alarico Silveira, e outros.

A LINGUA TUPY — (Continuação)

gem, o da sua significação como exprimindo um estagio humano, e, sobretudo, a íntima communhão cosmica, essa especie de intercompreensão, de intersensibilidade e correspondencia dos elementos idiomáticos representativos dos objectos, (substantivos) das acções (verbos) e das circunstancias, (adjectivos e adverbios) que resumem toda uma syntaxe primitiva que prescindia de preposições e conjunções, primeiras moletas da decadencia na função creadora das linguas.

A hypothese onomatopáica de Heber, a das interjecções de Horne Tooke, a do poder inherente á natureza humana, de Max Muller, a materia debatida por Condillac, Leibnitz, Locke, são indicações curiosas para indagações mais remotas, e hoje, pelo menos, nos fazem meditar sobre o acervo lexico das raças que foram desaparecendo em nosso continente. A propria origem do "homus americanus", pensamento que nos perturba diante da Lagoa Santa ou dos Sambaquis de Iguape; ou na consideração phantasiosa dos chronicistas das possíveis migrações transoceanicas precolumbianas; o senso das edades, a idade da nossa terra, tu lo isto se prende, de certa forma, ao estudo do nosso indio e da sua lingua, e o assumpto é hoje muito mais suggestivo.

Porém, principalmente depois das hypothese de Freud, da sua interpretação pela psychanalyse da vida social dos povos primitivos ("Totem e Tabou"); depois do cansaço das civilizações de que a Europa presente é uma grande expressão; e ao despertar de um seculo em que o senegalês confraternizou com o "poulu", e Josephina Backer lançou os requiebro yankees do Zanzibar, — é depois de tudo isto que ha um novo interesse, e, portanto, deve haver um novo criterio para o estudo da nossa lingua tupy

A doutrina da equivalencia espiritual, denominação que poderemos dar ao ponto de vista catholico do inicio da colonização brasileira, assume hoje um novo aspecto. E' a equivalencia das forças originaes humanas, denominador commum de todas as raças.

A tendencia primitivista das nossas artes modernas, como das formas da civilização moderna, o proprio primitivismo desta era nova, que Keyserling denomina a era do chauffeur, tudo isto nos leva ás mais íntimas confraternizações com o elemento humano em suas expressões iniciaes. Vem dahi a comprehensão mais perfeita que teremos da lingua dos povos primitivos.

A nossa lingua tupy, não a devemos estudar mais com um senso gramatical, philologico, mas com um senso humano. O idioma, ou os idiomas falados pelos povos americanos precolumbianos representam uma verdadeira eucharistia: o homem commungando com a natureza.

E sob este ponto de vista que devemos tomar os elementos verbaes poly-synthetics da lingua dos nossos selvagens. Veremos desdobrar-se aos nossos olhos através de cada palavra, de cada raiz, toda a alma do nosso indio.

Tenho observado — pelos pouquissimos conhecimentos que tenho do tupy — que a onomatopéa é, de facto, a origem mais remota da linguagem dos indios. Não diria precisamente onomatopéa, segundo a presumpção de Herder, ou seja a imita-

ção não simplesmente representativa de percepções auditivas, mas como representação de relações entre os sentidos e os dois mundos, o objectivo e o subjectivo. Donde se origina a generalização das significações, a analogia que vae ampliando a função representativa dos vocabulos, ou das syllabas. Analogia que obedece a um sentido sensorial, ou a uma logica sentimental. Isso tudo estabeleceu muita confusão entre os que primeiro estudaram as linguas dos nossos aborígenes. Porque não tinha sido interpretado o sentido dessas linguas de homens primitivos, em plena idade da pedra lascada.

Quando, com Raul Bopp, comeci a me interessar por estes assumptos, estimulados ambos pelas nossas conversas com Alarico Silveira, demos para fazer varias "descobertas". Não sei até que ponto podem ellas ter valor. Em todo o caso, são caminhos para melhores averiguações.

Por exemplo: onde entram as expressões **ta, te, ti, to, tu**, quer dizer que a coisa é dura de tinir. **Ita** — pedra, ferro; **ibitu**, — montanha, de **ibi**-terra, e **tu**, coisa dura, tesa; **cunhatan**-mulher virgem, de **cunhã**-mulher, e **tan**-coisa dura, tesa (os seios, naturalmente); **taquaracanna** de bambú, de **tã**-duro, e **quara**-ôco; **tátã**-fogo, provavelmente porque é do atrito de coisas duras que sae fogo, e o indio não conhecia mesmo outro processo de fazer fogo, aliás velho processo que vinha desde os primeiros sambaquis de Iguape, ou desde o homem de Lund, ou de Ameghino, segundo a descoberta feita pelo incaçavel Ricardo Croner.

Como sabemos, agua é **hy**, ou **ig**. Quem nos dirá que pedra, **ita**, não vem da circumstancia de estar sempre a pedra ligada á agua, nas minas, nas grutas, no mar, ou em lucta, ou em paz? Setxos que rolam, pedregulhos, granitos e basaltos emoldurando as cachoeiras, benedos no mar, tócas onde nascem os corregos...

Espuma é **tii**. Porque a espuma se origina de choques, de violencias. E tudo o que é forte, ardente, traz, por analogia, o **t**. **Tai**, raiz que arde, gengibre; **tainha**, dentes; **tatarana**, insecto que queima; **tiquira**, aguardente, pinga; **tainha**, caroço, semente (analogia de dente); **tacunhã**, membro sexual do macho (tã, duro; cunhã, mulher); **tacape**, arma de matar, etc.

A consoante **t**, lembrando tudo o que é duro, forte, violento, traz sempre idéa de atrito, como se vê em **tátã**, fogo, em **tii**, espuma. Por isso, **tiquira**. Pois tudo o que é **qui** significa coisa meuda. **ti** é violencia que o fogo exerce para distillar a aguardente, que vae sahindo aos pingos, **qui**. E temos tambem **Quiriri**, ou **quiririm**, que quer dizer muitos meúdos, do mesmo modo que quísera. Como se sabe, o plural em tupy, entre suas varias formas tem a da repetição de rere, **ri-ri**.

Isto dito, vejamos Mantiqueira, o nome de nossa grande serra. **Man** quer dizer ver, enxergar. **Tiquera**, ou **tiquira**, quer dizer meúdos, pequeninos, ruzado, pulverizado. O indio, naturalmente, do alto da serra, via tudo diluido na distancia, via tudo **tiquera**...

E' preciso notar-se (e chamo a attenção dos meus leitores para este facto) que nem sempre se encontrará a confirmação

que tambem, com certeza, depois de feitas as expressões iniciaes, a lingua selvagem soffreu os metaplasmas a que nenhum idioma pôde-se furtrar. Houve, por certo, transposições, elisões, figuras de diminuição ou de augmento, modificações prosodicas sensíveis obedientes a leis climatericas, cosmicas e historicas, e de tal forma que se contavam dezenas de dialectos na época da descoberta. Acrescenta-se a isso a obra unificadora dos jesuitas, as influencias hespanholas, portuguezas, francezas e tapanyas. De modo que a documentação desta hypothese se torna muito difficil. A hypothese é apenas para mostrar o espirito que possivelmente presidiu a formação da lingua tupy.

Pa, pe, pi, po, pu, traz sempre idéa de superficie, ponta, extremidade, contacto, contorno, revestimento, limite. Sendo superficie, tambem é tudo o que se refere a plano, por exemplo a pequenez, a chateza, que se confunde quasi com a superficie. Donde **peua**, ou **peba**, que significa chato, liso. Cachorro pequeno é **yaguá-peua**, ou **yaguá-peba**. Mas exprimindo esta consonancia tambem ponta, extremidade, coisas tão relacionadas com superficie, (é a logica íntima das intercorrespondencias sensoriaes) o indio chama a aza do passaro **pepu**, as mãos do homem, **po**, ou **pu**. Pela mesma razão, as cousas que revestem levam essa consonancia. Pelle é **pe**, ou **pi**. Como vimos, **re-re**, ou **riri** são formas do plural. Dahi vem **piriri**, ou **perere**, muitas pelles, porque a pelle quando irritada dá a idéa de que se multiplica em muitas pellezinhas. Pelo menos é a sensação que se tem, quando nos sentimos arrepiados. Portanto, **perereca**, ou **piririca** significam estremecer. Ligada essa idéa ao ar, ao vento, ás folhas das arvores, e finalmente a outros rumores da natureza, temos a significação tambem empregada de **sussurar**, **sussurro**. Mas **pe** é, principalmente, a expressão do contacto entre os sentidos e os mundos subjectivo e objectivo. Donde a significação de superficie, de contorno, de véo ou pelle. Por isso, **petuna** (pelle ou véo preto) quer dizer noite. Mas é á noite que se repousa, que se dorme, portanto, **pitúá** é o verbo repousar. E o dia em que se descança (domingo ou feriado) é para o indio tambem **pitúá**. Esta consonancia, exprime, tambem, por essas íntimas analogias o **rebrantar das superficies**. Assim, temos **pororoca**, **pipóca**, **peréba**, **puca**, (quebrar, estalo de onde **arapuca**, **ara-ave**; e **puca**-quebrar). Pelo que vimos, pelle **piririca** quer dizer pele que salta irritada. Tudo o que salta, estrebucha, é **perereca**. De onde vem o **Sacy-perere**, ou **perereg**. Mais forte do que **piririca**, é, porém, **tiririca**, pelo que já vimos do valor de **t**. Portanto, "ficar **tiririca**", expressão que usamos tanto, dá perfeitamente idéa do estado do individuo que estremece com violencia, ou dá pulos de raiva.

Em outros artigos arranjarémos exemplos interessantes, não só do ponto de vista das analogias sensoriaes, como agora, mas das sentimentaes, que revelam operações psicologicas mais difficéis.

Hoje foi só para mostrar que a lingua tupy é uma lingua quasi em estado nascente, directamente ligada á natureza, oriunda do contacto immediato entre o homem e o mundo.

Manifesto Antropofago

Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem Cesar.

A fixação do progresso por meio de catalogos e aparelhos de televisão. Só a maquinária. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagonicas. Trazidas nas caravellas.

Contra a verdade dos povos missionarios, definida pela sagacidade de um antropofago, o Visconde de Cayrú: — É a mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboty.

Se Deus é a consciencia do Universo Increado, Guaracy é a mãe dos viventes. Jacy é a mãe dos vegetaes.

Não tivemos especulação. Mas tinhamos adivinhação. Tinhamos Política que é a sciencia da distribuição. E um systema social planetario.

As migrações. A fuga dos estados tédiosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatorios, e o tédio especulativo.

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabú em totem. Antropofagia.

O pater familias e a criação da Moral da Gegonha: Ignorancia real das coisas — falta de imaginação — sentimento de autoridade ante a pro-curiosa.

E' preciso partir de um profundo atheismo para se chegar a idéa de Deus. Mas o carahiba não precisava. Porque tinha Guaracy.

O objectivo creado reage como os Anjos da Queda. Depois Moysés di-vaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portuguezes descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catharina de Medicis e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

Contra a Memoria fonte do costume. A experiencia pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéas tomam conta, reagem, queimam gente nas praças publicas. Suprimamos as idéas e as outras paraliasias. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracchos, e a Côrte de D. João VI°.

A alegria é a prova dos nove.

A lucta entre o que se chamaria Increado e a Cretura-illustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabú. O amor quotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformal-o em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catechistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. E' a escala thermometrica do instinto antropofagico. De carnal, elle se torna electivo e cria a amizade. Affectivo, o amor. Especulativo, a sciencia. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia agglomerada nos peccados de cathecismo — a inveja, a usura, a calumnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e christianizados, é contra ella que estamos agindo. Antropofagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema — o patriarcha João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independencia ainda não foi proclamada. Frase typica de D. João VI°: — Meu filho, põe essa corôa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espirito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e oppressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciarías do matriarcado de Pin-dorama.

OSWALD DE ANDRADE.

Em Piratininga.

BRASILIANA

RAÇA

De uma correspondencia de Sarutayá (Est. de S. Paulo) para o **Correio Paulistano**, n. de 15-1-927:

O Sr. Abrahão José Pedro offereceu aos seus amigos um lauto jantar commemorando o anniversario de seu filhinho José e baptizado do pequeno Fuad, que nessa data foi levado á pia baptismal. Foram padrinhos o sr. Rachide Mustafa e sua esposa d. Jorgina Mustafa.

O Sr. Paschoalino Verdi proferiu um discurso de saudação.

POLITICA

Da mesma correspondencia:

O Sr. Rachid Abdalla Mustafa, escrivão de paz, muito tem trabalhado para augmentar o numero de eleitores.

DEMOCRACIA

Telegrama de Fortaleza (AB):

A bordo do "Itassussê" passou por este porto com destino ao norte, S. A. D. Pedro de Orleans e Bragança, acompanhado de sua esposa e filho.

S. A. desembarcou, visitando na Praça Caio Prado a estatua de Pedro II. O povo aclamou com enthusiasmo o principe. A officialidade do 23.º B. C. e a banda de musica cercada de enorme multidão, aguardou a chegada de S. A. naquella praça.

Compacta massa, acompanhou os distinctos viajantes até a praça do Ferreira, onde o tribuno Quintino Cunha fez uma entusiastica saudação em nome da população.

Na volta para bordo, um preto catraeiro, de nome Vicente Fonseca, destacando-se da multidão abraçou o principe dizendo: "Fique sabendo que as opiniões mudaram mas os corações são os mesmos".

RELIGIÃO

Telegramma de Porto Alegre para a **Gazeta** de S. Paulo n. de 22-3-927:

Vindo de S. Paulo chegou a esta capital o sr. Sebastião da Silva, que fez o raide daquelle (Estado ao nosso, a pé, tendo partido dalli em outubro.

O "raidman" tomou essa resolução em virtude de uma promessa feita a Virgem Maria, para que terminasse a revolução no Brasil. Quando se achava proximo a esta Capital, teve conhecimento do termino da lucta, proseguindo até aqui, a fim de cumprir a sua promessa.

Sebastião Antonio da Silva conta actualmente 35 annos de idade.

NECROLOGIO

De um discurso do professor João Marinho na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (**Estado de S. Paulo**, n. de 3-8-921):

O dr. Daniel de Oliveira Barros e Almeida nasceu num dia e morreu em outro, de doença de quem trabalha, coração cansado antes de tempo.

Entre os dois, correu-lhe a vida.

SURPRESA

Telegramma de Curitiba para a **Folha da Noite** de S. Paulo, n. de 2-11-927:

Informam de Imituba que o individuo Juvenal Manuel do Nascimento, ex-agente do correio. reuniu em sua casa todos os amigos e parentes sob o pretexto de fazer uma festa. Durante o almoço, Juvenal mostrou-se alegre e, ao terminar a festa foi ao seu quarto, do qual trouxe um embrulho contendo uma dynamite, dizendo que ia proporcionar a todos uma surpresa.

Todos estavam attentos e esperando a surpresa quando, com espanto geral, o dono da casa aproximou um cigarrão accessado do embrulho que explodiu, matando Juvenal e ferindo gravemente sua

Manifesto Antropofago

Contra as histórias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem Cesar.

A fixação do progresso por meio de catalogos e aparelhos de televisão. Só a maquinária. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagonicas. Trazidas nas caravellas.

Contra a verdade dos povos missionarios, definida pela sagacidade de um antropofago, o Visconde de Cayrú: — É a mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboty.

Se Deus é a consciencia do Universo Increado, Guaracy é a mãe dos viventes. Jacy é a mãe dos vegetaes.

Não tivemos especulação. Mas tinhamos adivinhação. Tinhamos Política que é a sciencia da distribuição. E um systema social planetario.

As migrações. A fuga dos estados tédiosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatorios, e o tédio especulativo.

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabú em totem. Antropofagia.

O pater familias e a criação da Moral da Gegonha: Ignorancia real das coisas — falta de imaginação — sentimento de autoridade ante a procuriosa.

E' preciso partir de um profundo atheismo para se chegar a idéa de Deus. Mas o carahiba não precisava. Porque tinha Guaracy.

O objectivo creado reage como os Anjos da Queda. Depois Moysés di-vaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portuguezes descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catharina de Medicis e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

Contra a Memoria fonte do costume. A experiencia pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéas tomam conta, reagem, queimam gente nas praças publicas. Suprimamos as idéas e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracchos, e a Côrte de D. João VI°.

A alegria é a prova dos nove.

A lucta entre o que se chamaria Increado e a Cretura-illustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabú. O amor quotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformal-o em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catechistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. E' a escala thermometrica do instinto antropofagico. De carnal, elle se torna electivo e cria a amizade. Affectivo, o amor. Especulativo, a sciencia. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia agglomerada nos peccados de cathecismo — a inveja, a usura, a calumnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e christianizados, é contra ella que estamos agindo. Antropofagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céu, na terra de Iracema — o patriarcha João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independencia ainda não foi proclamada. Frase typica de D. João VI°: — Meu filho, põe essa corôa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espirito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e oppressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciaris do matriarcado de Pin-dorama.

OSWALD DE ANDRADE.

Em Piratininga.

BRASILIANA

RAÇA

De uma correspondencia de Sarutayá (Est. de S. Paulo) para o **Correio Paulistano**, n. de 15-1-927:

O Sr. Abrahão José Pedro offereceu aos seus amigos um lauto jantar commemorando o anniversario de seu filhinho José e baptizado do pequeno Fuad, que nessa data foi levado á pia baptismal. Foram padrinhos o sr. Rachide Mustafa e sua esposa d. Jorgina Mustafa.

O Sr. Paschoalino Verdi proferiu um discurso de saudação.

POLITICA

Da mesma correspondencia:

O Sr. Rachid Abdalla Mustafa, escrivão de paz, muito tem trabalhado para augmentar o numero de eleitores.

DEMOCRACIA

Telegrama de Fortaleza (AB):

A bordo do "Itassussé" passou por este porto com destino ao norte, S. A. D. Pedro de Orleans e Bragança, acompanhado de sua esposa e filho.

S. A. desembarcou, visitando na Praça Caio Prado a estatua de Pedro II. O povo aclamou com enthusiasmo o principe. A officialidade do 23.º B. C. e a banda de musica cercada de enorme multidão, aguardou a chegada de S. A. naquella praça.

Compacta massa, acompanhou os distinctos viajantes até a praça do Ferreira, onde o tribuno Quintino Cunha fez uma entusiastica saudação em nome da população.

Na volta para bordo, um preto catraeiro, de nome Vicente Fonseca, destacando-se da multidão abraçou o principe dizendo: "Fique sabendo que as opiniões mudaram mas os corações são os mesmos".

RELIGIÃO

Telegramma de Porto Alegre para a **Gazeta** de S. Paulo n. de 22-3-927:

Vindo de S. Paulo chegou a esta capital o sr. Sebastião da Silva, que fez o raide daquelle (Estado ao nosso, a pé, tendo partido dalli em outubro.

O "raidman" tomou essa resolução em virtude de uma promessa feita a Virgem Maria, para que terminasse a revolução no Brasil. Quando se achava proximo a esta Capital, teve conhecimento do termino da lucta, proseguindo até aqui, a fim de cumprir a sua promessa.

Sebastião Antonio da Silva conta actualmente 35 annos de idade.

NECROLOGIO

De um discurso do professor João Marinho na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (**Estado de S. Paulo**, n. de 3-8-921):

O dr. Daniel de Oliveira Barros e Almeida nasceu num dia e morreu em outro, de doença de quem trabalha, coração cansado antes de tempo.

Entre os dois, correu-lhe a vida.

SURPRESA

Telegramma de Curitiba para a **Folha da Noite** de S. Paulo, n. de 2-11-927:

Informam de Imituba que o individuo Juvenal Manuel do Nascimento, ex-agente do correio. reuniu em sua casa todos os amigos e parentes sob o pretexto de fazer uma festa. Durante o almoço, Juvenal mostrou-se alegre e, ao terminar a festa foi ao seu quarto, do qual trouxe um embrulho contendo uma dynamite, dizendo que ia proporcionar a todos uma surpresa.

Todos estavam attentos e esperando a surpresa quando, com espanto geral, o dono da casa aproximou um cigarrão accessado do embrulho que explodiu, matando Juvenal e ferindo gravemente sua

A "Descida" Antropofaga

A "descida" agora é outra.

O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropophago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOE' DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a belleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, illogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missangas da cathechese. O selvagem comendo a cathechese.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura européa: é experiencia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e páo. Com Direito Romano, canal de Veneza, julgamento synthetico **a priori**, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilização que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. **SOMOS JAPY-ASSU'**:

"Ce venerable vieillard Japi Ouassou fut merveil-
leusement attentif, comme tous les autres Indiens lá
presens aux discours susdicts á quoi il replique ce qui
s'ensuit. Je m'esionis extremement de vous voir et me
manqueray á tout ce ie vous ay promis. Mais ie me es-
tonne comme il se peut faire que vous autres PAY ne
vouliez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel?
Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas
mortels comme nous? D'ou vient que non seulement
vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres Fran-
çois que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante
et tant d'années; mais ancore que vous les empechez
maintenant de se servir de nos filles: ce que nous esti-
mions á grand honneur et grandheur, pouvans en avoir
des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoire
de la Mission des Pères
Capucins en l'Isle de Mara-
gnan et terres circonvoici-
nes.")

Contra o servilismo colonial, o tapace inheiguára,
"gente de grande resolução e valor e totalmente impa-
ciente de sujeição" (Vieira), o heroismo sem roscta de
Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que
Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as ca-
ravelas e reduzindo o numero de seus tripulantes"
(**Santa Rosa** — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano
com a civilização européa é paz nheengahiba. Está no
Lisbôa: "aquella apparatusa paz dos nheengahibas não
passava de uma verdadeira impostura, continuando os
barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á
antropofagia como dantes, e baldos inteiramente da
luz do evangelho."

Como se vê, facilimo ser antropophago. Basta eli-
minar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzi-
zinhos que Anchieta escreveu na areia de Itanhaen:
Ordemações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para
que elle tome um banho daquella "innocencia conten-
te" que perdeu e que o movimento antropophago agora
lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz
credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E
de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer
a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, an-
tropophago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOMÉ

Quando a Bahia não se chamava Bahia,
muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Tho-
mé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas
viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os
indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do de-
monio, não ter mais que uma mulher. Conselhos
bons.

Emquanto falava, fazia nascer da terra a
planta da mandioca e a bananeira que ainda
hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que
devia acabar, acabou com estas palavras:

—E não comam nunca mais carne de gente!

Então os indios não gostaram. Avançaram.

Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que
elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de
meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha
selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do
Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a
"Revista de Antropofagia" faz questão de repa-
tir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou
tendencias;

— Ella aceita todos os manifestos mas não
bota manifesto;

— Ella aceita todas as criticas mas não faz
critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é co-
milão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de
vista de que por acaso seja vehiculo.

A "Revista de Antropofagia" não tem
orientação ou pensamento de especie alguma:
só tem estomago.

A crônica na íntegra: *Mário de Andrade O coração sem mágoas*.

Extraída da revista da Associação Paraense de Escritores – APE- Ano VII nº 7 (1992)
pagina 37

C RÔNICA

Mário de Andrade O coração sem mágoas

Abguar Bastos

A partir de *Paulicéia Desvairada*, escrito sob influências de Verhaeren, passei a admirar Mário de Andrade — o inovador, antes mesmo de seus livros posteriores. Por outro lado, eu passara a admirar *Os Condenados*, da trilogia de Oswald de Andrade, metendo-me mesmo numa polêmica, em virtude da obra, com meu amigo Bruno de Menezes.

Mário e Oswald significavam para mim os grandes intérpretes da revolução modernista, sem esquecer o saudoso Menotti Del Picchia, que se imortalizara com o *Juca Mulato*.

Estava eu, pelas alturas de 1928, em Coari, no rio Solimões, no Amazonas, quando ali desembarcaram por algumas horas dona Olívia Guedes Penteado, que vinha aureolada como “Rainha do Café”, duas sobrinhas e Mário de Andrade.

Já sabia que ele vinha, segundo os jornais, como secretário da “Rainha”, o que me desgostou profundamente, dada a sua importância intelectual. Tão aborrecido estava que não fiz nenhuma questão de lhe ser apresentado. Ele levava um binóculo e uma máquina fotográfica a tiracolo.

Em 1956, já no Rio, comecei a elaborar, na prisão, o meu romance *Safra*, baseado, em princípio, nos autos de um crime por questões de terra. Eu conseguira mesmo um novo júri para os dois presos já condenados a trinta anos, e os defendera e absolvera, retratando a exploração dos senhores da terra contra os castanheiros pobres, provando a legítima defesa dos dois coitados.

Foi nessa ocasião que resolvi encaixar no romance uma sátira contra Mário, que nele aparece sob a pele de Mário d’Almada. Ainda não lhe perdara o papel de secretário da ilustre senhora, ainda que ela tivesse sido

uma das famosas madrinhas da grei modernista em São Paulo.

Num dos capítulos de *Safra*, intitulado “A Rainha do Café”, Mário d’Almada espia o Lago, as lonjuras do Lago, enquanto as sobrinhas da “Rainha” lhe cobram que prometera mostrar-lhes a cobra-grande, o curupira, o maninguari, a mãe-d’água, engenhos da mitologia e do folclore caboclos.

Macunaina é Macopapaco não querendo entrar no romance do paulista.

E quando d’Almada procura saber dos caboclos onde tinha curupira e mapinguari, os caboclos nem sabiam que esses monstros viveriam naquelas brenhas:

— E a mãe-d’água?

— Mãe-d’água é uma cobra, sim senhor.

— Não vira mulher?

— Que eu saiba, não senhor.

— E a uiara?

— Uiara?

— Sim, também não conhecem?

— Que é uiara, entonces?

— Uma jovem, de cabelos compridos, que aparece nos lagos.

— Ah! isto, aqui, não é uiara, não senhor. É visage”.

A sátira (no fundo uma brincadeira) envolve outras circunstâncias para demonstrar que certas entidades folclóricas só existem na literatura, sem assento no fabulário caseiro das gentes das selvas.

Mas, em São Paulo, os adversários de lides literárias e principalmente os que não aceitavam os padrões modernistas, se serviram do episódio para propalar o capítulo.

Mário devera ter-se irritado, menos comigo, do que com seus adversários.

Certa tarde ia eu passando pela Cinelândia no Rio, quando ouvi que

me chamavam de uma das mesas do “Amarelinho”.

Vejo Clóvis Barbosa rodeado de outras pessoas que não reconheci de pronto. Somente ao aproximar-me é que vi Mário de Andrade fazendo parte do grupo.

O jeito foi cumprimentá-lo. Respondeu-me secamente, pediu licença e retirou-se.

Desabafei:

— Ó Clóvis, como é que me chamaste sabendo de minha sátira contrao Mário?

— É verdade! Eu nem me lembrei...

Passaram-se alguns anos e eu já estava em São Paulo quando me convidaram para uma reunião, na qual se projetava fundar a Associação Brasileira de Escritores. Era no oitavo andar de um edifício da Rua Álvares Penteado ou 15 de Novembro.

Talvez chegasse um pouco adiantado. O certo é que a sala de entrada estava vazia. Procurei outra sala ao lado e aí deparei, sozinho, sentado, o Mário de Andrade.

Cumprimetei-o. Respondeu sem enfado.

Sentei-me. Aí ele me fez uma pergunta sobre a oportunidade da Associação. Já parecia afável.

Começamos a conversar sem ressentimentos. Dentro em pouco parecíamos velhos amigos.

Durante areunião se mostrou cordial com minhas propostas.

Ao sair, num gesto que me surpreendeu, virou-se para mim:

— Vamos tomar um chope no Franciscano?

Estava alegre, como se a reconciliação o confortasse.

E ficamos amigos.

Abguar Bastos

(É o representante da A.P.E. em São Paulo-SP)